

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL

Processos de mudanças discursivas: do contexto social ao eixo familiar

Eliane Coimbra Castelo Branco Vasconcelos Fontenele

Orientadora: Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva

Brasília, dezembro de 2007

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL

Eliane Coimbra Castelo Branco Vasconcelos Fontenele

Processos de mudanças discursivas: do contexto social ao eixo familiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Depto. de Lingüística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva

Brasília, dezembro de 2007

*Ao meu marido, eterno companheiro,
suporte de todas as horas,
Aos meus filhos, razão da minha vida.*

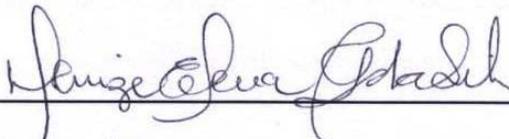
Eliane Coimbra Castelo Branco Vasconcelos Fontenele

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL

**Processos de mudanças discursivas:
do contexto social ao eixo familiar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Depto. de Lingüística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

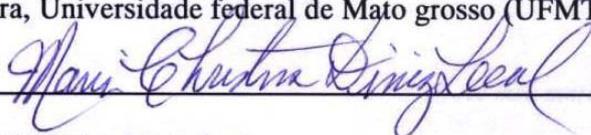
Banca examinadora:



Denize Elena Garcia da Silva
Doutora, Universidade de Brasília (UnB) – Presidente



Solange Maria de Barros Ibarra Papa
Doutora, Universidade federal de Mato grosso (UFMT) – Membro Efetivo



Maria Christina Diniz Leal
Doutora, Universidade de Brasília (UnB) – Membro Efetivo

Josênia Antunes Vieira
Doutora, Universidade de Brasília (UnB) – Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Durante o longo processo em que sonhei, desenvolvi e lapidei o meu trabalho de pesquisa, muitas pessoas foram fundamentais em minha vida. Elas estiveram sempre ao meu lado, fazendo com que eu acreditasse que chegaria ao fim da minha caminhada, com êxito.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que foi sempre fonte de minha inspiração e que me fez acreditar, muitas vezes, que eu poderia transpor obstáculos que eu julgava intransponíveis.

Ao meu marido Darlan, que acompanhou cada etapa do meu trabalho, de forma paciente e apaixonada, dedico o meu profundo reconhecimento e o meu mais sincero amor.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Denize Elena Garcia da Silva, que me abriu as portas para que eu voltasse à vida acadêmica, na mesma instituição em que me graduei, e que acompanhou o meu crescimento como aluna, do ginásio à pós-graduação, de modo sempre carinhoso e amigo.

À amiga Elvinha, que me apoiou nos momentos de maior desânimo, encorajando-me e colocando-se sempre à minha disposição.

À orientadora educacional Ana Maria Ferreira Meneses Ribeiro, que, de modo extremamente profissional, ajudou-me a trilhar cada etapa do meu processo de coleta de dados e esteve diariamente ao meu lado, solícita e amiga.

Ao meu avô Geraldo, que me ensinou a sonhar, em qualquer lugar onde esteja.

Aos meus amados filhos, que sentiram profundamente a minha ausência e souberam compreender a minha distância, ainda que eu estivesse tão perto.

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), tem como finalidade investigar, à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC), o discurso sobre “família”, na perspectiva de adolescentes de classe média, bem como a partir de documento oficial publicado no Brasil. Os dados empíricos analisados foram levantados segundo os moldes etnográficos e envolvem quinze entrevistas-narrativas com adolescentes de uma escola confessionnal de classe média no Distrito Federal, enquanto a análise documental realizada ancora-se em artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90). O arcabouço teórico-metodológico ancora-se na ADC, de modo específico na proposta de Fairclough (2001, 2003), que sugere uma concepção de discurso como prática social. A análise dos dados, voltada para a transitividade da língua, apóia-se também na proposta de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), que fundamenta a Linguística Sistêmico-Funcional. O estudo cuidadoso dos processos de transitividade, aliado ao enfoque do tema “família”, permite confirmar que a linguagem é uma maneira de significar o mundo e de agir sobre o mundo e sobre o outro. Os resultados obtidos na pesquisa significam uma contribuição para alertar a sociedade quanto ao prejuízo muitas vezes sofrido por adolescentes de classe média, em suas construções identitárias, quando crescem em lares desestruturados do ponto de vista familiar, afetivo e moral, além de conviverem com os conflitos próprios de uma idade de transição. O estudo apresentado abre um espaço, sobretudo, para que se possa repensar a importância do núcleo familiar, uma vez que traz à tona a maneira como os adolescentes representam e interpretam o mundo que os rodeia.

Palavras-chave: discurso – adolescentes – classe média – família – Análise do Discurso Crítica – Linguística Sistêmico-Funcional

ABSTRACT

This research, of qualitative nature (descriptive and interpretative), aims at investigating, according to the Critical Discourse Analysis (CDA) perspective, the discourse about “family”, from middle class teenagers' point of view, as well as based on the official documents published in Brazil. The empiric data were collected in accordance with ethnographic molds and involves fifteen narratives-interviews with middle class teenagers from Distrito Federal (Brazil), while the documental analysis is anchored in the articles of the Child and the Teenager Statute (Law 8.069/90). The theoretical-methodological framework has its support on the CDA theory, especially on Fairclough's proposal (2001, 2003), which faces the discourse as a social practice. The data analysis, directed at language transitivity, also points at other proposals, such as those from Halliday (1994) and Halliday and Matthiessen (2004), theorists of the Systemic-Functional Linguistic. The meticulous study of the transitivity process, within the theme of the present work, which concerns `family', states that the language process is a way of giving meaning to the world, of acting to change the world and the people in it. The results from this research are an alert to society, in relation to the damage suffered by teenagers who come from broken families and express their feelings and thoughts through identity linguistic constructions. This study reinitiates the discussion about the importance of the family structure in teenagers' lives, teenagers who cannot dissociate the way they badly speak from the way they badly live.

Key-words: discourse - teenagers - middle class - family - Critical Discourse Analysis - Systemic Functional Linguistic

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO (Silva, 2001)

Símbolos

:	alongamento de vogal
::	alongamento maior de vogal
/	parada brusca
(())	comentários do analista
“ ”	discurso direto
...	pausa
MAIÚSCULA	ênfase na voz
<i>Itálico</i> ou ‘ ’	expressões próprias da fala
,	(vírgula) entonação média
!	entonação ascendente de exclamação
?	entonação ascendente de interrogação
.	entonação descendente
/.../	transcrição parcial ou parte suprimida
/xxx/	parte incompreensível

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Convenções de transcrição	
Introdução	01
Capítulo 1 – O adolescente de classe média e a negligência familiar	05
1.1 A família de classe média: incúria e omissão	05
1.2 O Estatuto da Criança e do Adolescente e algumas realidades familiares	09
1.3 A importância do núcleo familiar na construção de valores	13
1.4 Algumas considerações	15
Capítulo 2 – Violência, descaso e a família da nova sociedade	16
2.1 Negligência familiar e violência	16
2.2 Modelo familiar	19
2.3 A questão da família na atualidade	22
2.4 Mudanças no contexto social e no eixo familiar	24
2.5 Modernidade líquida x modernidade sólida	26
2.6 Algumas considerações	28
Capítulo 3 – Pressupostos teóricos: linguagem, discurso e identidade	29
3.1 Identidade e poder	30
3.2 Ideologia	36
3.3 A Análise de Discurso Crítica	41
3.3.1 A teoria social do discurso	44
3.3.2 Entre as funções e os significados da linguagem	46
3.4 As funções da linguagem	51
3.4.1 A função ideacional e a transitividade	55
3.4.2 Os processos de transitividade e o significado representacional da linguagem	61
3.5 Algumas considerações	64
Capítulo 4 – Metodologia Qualitativa: escolha por um contato direto com o objeto de estudo	65

4.1	A metodologia qualitativa	66
4.1.1	Observação participante: início da geração de dados	69
4.1.2	A entrevista narrativa: histórias de vida individual e social	75
4.2	Entrevistas: procedimentos metodológicos	79
4.3	As gravações dos dados principais	80
4.4	A origem dos dados complementares	82
4.5	O perfil dos entrevistados: um estudo com jovens de classe média	83
4.6	Algumas considerações	85
Capítulo 5	– Relatos sobre família: uma análise lingüístico-discursiva da fala de adolescentes	86
5.1	Realidades discursivas: caminhos de aproximação para a análise das entrevistas	87
5.2	Na construção da visão de mundo: o foco na transitividade e nos significados da linguagem	90
5.2.1	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Vitório	91
5.2.2	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Manuela	96
5.2.3	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Rúbia	100
5.2.4	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Ana	104
5.2.5	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Marcelo	108
5.2.6	A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Gigi	110
5.3	A função interpessoal no discurso de adolescentes de famílias desmembradas: o foco nos atos de fala	113
5.3.1	A expressão “tipo” e seu papel de esclarecimento e identificação na fala dos adolescentes	121
5.3.2	As expressões “eu acho”, “não sei” e “sei lá”: pistas de dificuldade identitária	125
5.4	Os modos de agir, representar e ser na significação textual do	131

discurso de jovens em conflito identitário: o foco na mensagem	
5.4.1 A coesão no discurso dos jovens	135
5.4.2 O possessivo e o desejo de reconstrução familiar na busca da reconstrução identitária	140
5.5 O discurso revela: a negligência familiar está em todas as camadas sociais	144
5.6 Algumas considerações	154
Considerações Finais	156
Referências Bibliográficas	160
Anexo – Documento de língua oral (transcrições das entrevistas)	

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Capítulo 3: Figura 3.1	Concepção tridimensional do discurso	45
Capítulo 3: Figura 3.2	Os processos de transitividade	57
Capítulo 3: Quadro 3.1	Os processos verbais existentes, seus significados e seus participantes	60
Capítulo 4: Quadro 4.1	Perfil social e familiar dos adolescentes	83

“A verdadeira felicidade está na própria casa, entre as alegrias da família.”

Leon Tolstoi

“O que é uma família senão o mais admirável dos governos?”

Henri Lacordaire

“Observa o teu culto à família e cumpre teus deveres para com teu pai, tua mãe e todos os teus parentes. Educa as crianças e não precisarás castigar os homens.”

Pitágoras

“Tenho irmãos, pai, mas não tenho mãe. Quem não tem mãe não tem família.”

Platão

“Paz e harmonia: eis a verdadeira riqueza de uma família.”

Benjamim Franklin

INTRODUÇÃO

O interesse inicial no tema deste trabalho de pesquisa foi guiado pela necessidade de compreender as mudanças ocorridas no atual cenário brasileiro, no que concerne às modificações surgidas nos núcleos familiares, assim como nas relações entre os membros que compõem as famílias. Nessa perspectiva, constata-se uma alteração no que diz respeito à estrutura familiar tradicional – mãe, pai e filhos – e o nascimento de novas formações familiares, muito diversas das de outrora. Além das significativas mudanças estruturais pelas quais passa a família da nova sociedade, há as mudanças de valores, que vêm acompanhando o surgimento dos novos grupos familiares.

Este estudo buscará mostrar o conceito de família na perspectiva de adolescentes de Brasília, pertencentes à classe média, uma escolha que se justifica pelo fato de haver pouca discussão sobre o tema, que normalmente é apresentado levando-se em conta as classes menos favorecidas. Nesse sentido, objetiva-se mostrar que, segundo dados documentais existentes em diversas escolas de classe média no Brasil, a desestrutura familiar – tanto do ponto de vista social (externo) como emocional (interno) – atinge as famílias de todas as camadas sociais, o que é desvelado pelos discursos dos adolescentes. Busca-se aproximar respostas para a seguinte questão de pesquisa: *a mudança na estrutura familiar tem afetado a construção identitária dos jovens?* Para tanto, discuto, neste trabalho, de que forma jovens de classe média de Brasília representam suas famílias desmembradas e de que maneira esse desmembramento interfere em suas identidades.

Cabe, aqui, ressaltar que o problema apresentado não diz respeito apenas a um rompimento do núcleo familiar tradicional, mas, sobretudo, a um rompimento das relações entre os integrantes de uma família. Não se trata, portanto, de questionar os valores transmitidos aos filhos por famílias de estruturas diferentes das chamadas estruturas convencionais, mas discutir de que maneira o rompimento dos laços de uma família de origem é capaz de alterar a convivência e a relação existente entre pais, filhos e irmãos.

Em uma realidade social em que não se valorizam, como antes, os laços matrimoniais e a relação entre pais e filhos, deve-se destacar o fato de que muitas mudanças no âmbito da tecnologia favoreceram quebras de padrões e de estilos de vida e trabalho. Juntamente com todas essas mudanças, surgem as revoluções comportamentais, que simbolizam a quebra de “regras” e o “desmantelamento” de valores.

Vive-se hoje numa sociedade em que a quase totalidade das mães são obrigadas a trabalhar fora durante várias horas do dia; numa sociedade em que os pais vivem assoberbados e pouco tempo têm para se dedicar aos filhos. Isso gerou um padrão crescente e constante de negligência nos lares brasileiros. A negligência familiar não é um problema atual, embora se tenha agravado nos últimos tempos; ademais, é uma situação vivenciada em todas as camadas da sociedade, e que, por isso, merece atenção.

Nesse sentido, vale lembrar que, segundo o sociólogo Bauman (2001), o mundo comunitário é um ideal hoje distante de ser alcançado, pois nem mesmo os laços familiares conservam o sonho da segurança em família. A idéia de lar, de porto seguro, um lugar onde se estaria protegido das intempéries do mundo está se *desmanchando*, e nem mesmo a idéia sagrada da família se mantém de pé na sociedade da *liquefação*. Esvai-se, portanto, o último pilar de segurança que ainda insistia em se manter de pé, e a

enxurrada que leva embora, impiedosamente, os últimos valores de que se tinha notícia, carrega consigo o sonho de uma vida em família, como antes.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresento algumas considerações a respeito do perfil sócio-afetivo do adolescente de classe média e exponho alguns conceitos acerca da família de classe média e dos direitos garantidos às crianças e adolescentes por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Nesse capítulo, também teço algumas considerações acerca da importância do núcleo familiar na construção de valores de jovens e crianças.

No segundo capítulo, exponho uma contextualização acerca dos termos negligência e violência familiar, e apresento algumas representações quanto ao modelo familiar. Também discuto, neste capítulo, a questão da família na atualidade, as mudanças no contexto social e no eixo familiar e os conceitos de modernidade líquida e modernidade sólida na visão do sociólogo Zygmunt Bauman,

Configuram o terceiro capítulo os pressupostos teóricos que dizem respeito à linguagem, ao discurso e à identidade, balizados pela Análise de Discurso Crítica, na Teoria Social do Discurso (Fairclough, 1992/2003), assim como as categorias lingüísticas da Lingüística Sistemico-Funcional.

O percurso metodológico é discutido no quarto capítulo, diante da justificativa da opção por uma pesquisa qualitativa. Ainda, neste capítulo, são apresentados os passos metodológicos utilizados para a coleta de dados, as características da entrevista narrativa, a sistematização dos dados, a construção do *corpus* da pesquisa, assim como o perfil sócio-econômico dos jovens informantes.

No quinto e último capítulo, apresento a análise dos dados colhidos. Enfoco, primeiramente, o conceito da transitividade e dos significados da linguagem, enfatizando a função ideacional proposta por Halliday (1994). A seguir, apresento a

função interpessoal da linguagem na fala de alguns adolescentes de famílias desmembradas. Em seguida, discuto a importância da coesão e da significação textual no discurso de adolescentes. Também discuto os significados da linguagem, propostos por Fairclough (2003), em que se inserem os modos de agir, representar e ser, como parte da prática social presente nos discursos dos jovens. Apresento, por fim, uma breve discussão acerca de alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente e de que maneira os discursos de alguns jovens revelam o desrespeito a seus direitos de adolescentes em seu contexto sócio-familiar.

Concluo a dissertação tecendo algumas considerações acerca dos resultados obtidos na análise, os quais representam uma contribuição para estudos sobre a situação da família como célula nuclear da sociedade, o que aponta para a necessidade de medidas que beneficiem a questão do papel da família na formação da identidade dos jovens¹. Isso, sobretudo, diante de uma equação assustadora configurada na pobreza de valores sociais, que se perdem em proporção paradoxal aos avanços e crescimento gerados pela globalização.

¹ Embora apresente um enfoque voltado para adolescentes de classe média de Brasília, esta dissertação, mediante enfoque analítico voltado para questões centradas no tema “família”, configura-se como parte do Projeto de Pesquisa “O conceito de família e a pobreza nas ruas: um enlace crítico voltado para o contexto Brasileiro”, que configura um dos desdobramentos de um Projeto maior: “Pobreza extrema na América Latina” da Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso (REDLAD), formada por cinco países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Venezuela.

CAPÍTULO 1

O ADOLESCENTE DE CLASSE MÉDIA E A NEGLIGÊNCIA FAMILIAR

Apresentação

A negligência familiar não é um problema atual nem uma realidade de uma única camada social. Trata-se de uma situação antiga que atinge a todos os níveis da sociedade, em suas diversas formas. Ao contrário do que se acredita, a negligência também atinge às camadas mais favorecidas e, por essa razão, resolvi abordar essa questão. Este capítulo apresenta três seções. A primeira trata das questões da incúria e da omissão presentes na realidade da classe média. A segunda seção aborda, de modo sucinto, alguns preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente. A terceira e última seção discute a importância do núcleo familiar na construção de valores de crianças e jovens.

1.1 A família de classe média: incúria e omissão

Gonçalves (2003) define incúria como toda e qualquer forma de falta de cuidado (ou desleixo). Segundo o referido autor, ocorre omissão quando, podendo-se evitar que algo ou alguém se prejudique ou sofra algum dano, nada é feito. No caso da classe

média, causa espanto o fato de muitas crianças e jovens serem vítimas da incúria e da omissão de pais que, possuindo, supostamente, acesso à educação e aos bens materiais, não poderiam descuidar-se de seus filhos, mas protegê-los e assegurar-lhes instrução e amor.

Assim como acontece, com uma certa regularidade, em lares de famílias menos favorecidas, as famílias de classe média também vêm apresentando muitos casos de negligência e omissão, em diversos níveis, no que concerne aos cuidados com seus filhos. São pais que viajam freqüentemente e deixam os filhos aos cuidados de empregados; são pais e mães que se agridem na presença de jovens e crianças; muitas vezes são pais extremamente rígidos, que não permitem que os filhos convivam com outras pessoas ou levem uma vida social; são pais e mães que desfazem os laços matrimoniais e acabam se envolvendo com outras pessoas, esquecendo-se completamente dos seus filhos; muitas vezes são pais omissos, que levam uma vida social muito agitada e não acompanham os deveres escolares e a vida de seus filhos. Há também os pais que, querendo superproteger os filhos, acabam por impedir que aprendam a resolver sozinhos seus problemas e tornem-se vítimas de uma timidez tão grande, que não conseguem conviver em comunidade.

Além da incúria e da omissão, muitos jovens de famílias de classe média são vítimas de violência física e psicológica. Esses jovens sofrem maus-tratos das mais diversas formas, o que os torna confusos e violentos. Mais de 314 mil casos de negligência familiar foram contabilizados pelo Sistema de Informação para a Infância e a Adolescência (SIPIA) desde a sua criação, em 2000. Entretanto, acredita-se que os números sejam muito mais alarmantes. Devido a uma falha do próprio sistema e à ausência de computadores em diversos municípios brasileiros, não se tem acesso à totalidade dos casos.

Segundo Lígia Vezaro Caravieri (2007), psicóloga e coordenadora técnica do Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância do ABCD (CRAMI), a negligência pode ser praticada pelo Estado, dada a falta de vagas nas escolas e precariedade em serviços médicos, ou pela família, ao observar-se que a criança muitas vezes não tem certidão de nascimento, as vacinas estão desatualizadas, há falta de acompanhamento médico, evasão escolar, privação de alimentação e de cuidados com a higiene.

Algumas vezes existe a questão da sobrevivência. Um exemplo seria uma mãe que trabalha fora para sustentar a casa, mas não tem onde deixar seus filhos, desse modo, coloca uma criança de cinco anos, sozinha, tomando conta de dois irmãos ainda menores. Não se trata de negligência apenas dela, mas do Estado, que não provê uma creche ou assistência para mães carentes. Para ela, é sobrevivência. Por outro lado, a negligência pode ser consequência de vários fatores que não estão necessariamente associados à pobreza. É evidente que a pobreza deixa as famílias em situação de maior vulnerabilidade social, mas outros fatores corroboram. São fatores sociais, culturais, emocionais, entre outros. É comum mães, pais ou responsáveis por algumas crianças reproduzirem o mesmo tipo de educação que receberam em sua infância.

Outro fator a se considerar, observado no CRAMI, é o desconhecimento dos direitos previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Deve-se lembrar que, segundo o Artigo 5º da legislação, “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

A negligência tem sido configurada como uma situação de risco pessoal e social. Se recorrermos à literatura especializada, encontraremos a negligência como um tipo de

violência doméstica. No conceito de Guerra (2001), a negligência representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. "Ela é configurada como uma falha dos pais (ou responsáveis) em termos de alimentar, de vestir adequadamente. E quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle" (p. 33).

Postula Gonçalves (2003) que a negligência pode ser física, educacional ou emocional. A avaliação da negligência emocional requer que se levem em consideração os valores culturais e os padrões de assistência, assim como o reconhecimento de que o fracasso em prover as necessidades pode estar relacionado à pobreza. Salienta que a negligência é a única modalidade de violência contra a criança que se define não pela ação dos pais, mas ao contrário, pela omissão.

Ainda segundo Gonçalves, a dificuldade em diferenciar negligência e pobreza é particularmente aguda no Brasil, uma vez que o desamparo e a privação econômica, associados ao baixo nível de informação de grande parcela da população, são características comuns num país marcado por profunda desigualdade social e são também traços usualmente relacionados ao comportamento negligente dos pais.

Acrescenta Cruz (2007) que, quanto à negligência, podem-se apontar pelo menos duas formas: a física e a emocional. A negligência física é causada, com maior frequência, por fatores econômicos, enfermidade da mãe e ignorância. Já a negligência emocional é resultante da instabilidade emocional e/ou sofrimento psíquico dos pais, o que parece ser o caso mais frequente para a negligência familiar em famílias de classe média. Nesse sentido, embora frequentemente coexistam, a abordagem das duas negligências difere.

O desemprego, junto com um sistema insuficiente de previdência social e conseqüente situação de miséria, são causadores e, muitas vezes, induzem a uma

condição de tensão permanente pela sobrevivência, com frustrações constantes e sofrimento, o que vai resultando em um amortecimento da sensibilidade, até como mecanismo de defesa psíquica. Dessa forma, o resultado desse conjunto de fatores acaba sendo uma situação de negligência.

1.2 O Estatuto da Criança e do Adolescente e algumas realidades familiares

Segundo os psicólogos Wagner, Ribeiro e Arteché (1999), a década de 1960 foi mundialmente marcada por inúmeros movimentos sociais que surgiram em defesa da criança e do adolescente. Isso aconteceu porque, após a Segunda Guerra Mundial, o jovem passou a ocupar uma determinada posição no cenário violento em que se encontrava o mundo. Em detrimento da necessidade de mão-de-obra feminina nas fábricas (os homens haviam ido para a guerra), as crianças ficaram em situação de abandono. Mais tarde, quando já eram adolescentes, passaram a fazer parte de gangues, conhecidas por comportamentos de violência e revolta. Para as ciências jurídicas, esse processo acabou resultando em uma necessidade de repensar a forma de compreender a adolescência e suas peculiaridades, uma vez que essa fase passou a ocupar um lugar que antes não havia ocupado: um espaço definido no cotidiano, nas instituições, na mídia e na sociedade.

O mundo voltou-se, então, para a fase da adolescência, que foi transformada em alvo de pesquisas e reflexões teóricas. Nesse sentido, a sociedade se deu conta de que a criança e o jovem, como sujeitos em formação, mereciam práticas educativas diferenciadas. No Brasil o caminho foi lento, iniciando-se em 1979 com a criação do Código de Menores, uma lei que existia apenas para pobres, abandonados ou infratores, que deixava quase tudo nas mãos dos juízes e das FEBEM's e não oferecia qualquer

possibilidade de participação da sociedade. Somente em 1989 a Convenção Internacional das Nações Unidas marcou decisivamente a transformação das políticas públicas voltadas para a população, fato que acabou culminando na criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Fruto da luta da sociedade pelos direitos infanto-juvenis, o ECA passou a garantir que todas as crianças e adolescentes, independente de cor, raça ou classe social, passassem a ser tratados como cidadãos que precisam de atenção, proteção e cuidados especiais para que possam se desenvolver e ser adultos saudáveis.

Criado em 13 de julho de 1990, o ECA instituiu-se como Lei Federal nº 8.069 (obedecendo ao Artigo 227º da Constituição Federal), adotando a chamada *Doutrina da Proteção Integral*, cujo pressuposto básico afirma que crianças e adolescentes devem ser vistos como pessoas em desenvolvimento, sujeitos de direitos e destinatários de proteção integral. O Estatuto, em seus 267 artigos, garante os direitos e deveres de cidadania a crianças e adolescentes, delegando a responsabilidade dessa garantia aos setores que compõem a sociedade, sejam estes a família, o estado ou a comunidade.

Embora seja referência mundial, em termos de legislação destinada à infância e à adolescência, o Estatuto necessita ser compreendido de forma legítima. Um caminho bastante longo ainda deve ser percorrido pela sociedade civil e pelo Estado para que seus fundamentos sejam vivenciados cotidianamente.

A partir da criação do novo Estatuto, significativos direitos foram conquistados pelas crianças e jovens. A criança passou a ter o direito, por exemplo, de ser protegida desde a barriga da mãe, para ser gerada com segurança e saúde. A criança e o adolescente também passaram a ter direito à assistência médica e odontológica gratuita e prioridade em casos de ajuda ou socorro.

Entre outros direitos adquiridos pelas crianças e adolescentes, alguns direitos relevantes são:

- direito à liberdade, ao respeito e à dignidade (a criança e o adolescente têm direito de ir e vir e de permanecer em locais públicos ou comunitários);
- direito de expressar suas opiniões, de ter uma religião, de brincar, de praticar esportes e de se divertir;
- direito de não serem humilhados, agredidos, discriminados ou maltratados por qualquer pessoa, inclusive da família;
- direito à convivência familiar e comunitária (toda criança e adolescente têm direito de ser educado em uma família, de preferência a natural, que não poderá ser desfeita por falta de dinheiro, cabendo ao governo garantir apoio às famílias em dificuldade);
- direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer (o direito de acesso à educação significa poder estudar em uma escola gratuita, próxima de casa, e com professores, condições físicas e materiais para um ensino de qualidade);

- direito à profissionalização e à proteção no trabalho (o trabalho é permitido somente aos maiores de 16 anos, quando deverão ser garantidos os mesmos direitos trabalhistas de qualquer adulto, ficando proibidos apenas o trabalho noturno, o trabalho insalubre ou o perigoso).

Todos esses direitos dizem respeito às necessidades que crianças e jovens devem ter atendidas, para que possam desenvolver-se com saúde, em um ambiente de amor e proteção. Entretanto, embora a Lei 8.069, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, preveja tais garantias, esses direitos continuam sendo desrespeitados, e, na prática, a realidade de muitas famílias é a da miséria, do descaso e do desamor.

Deve-se enfatizar que as crianças e adolescentes não possuem apenas direitos, eles também têm deveres. Assim como os adultos, crianças e adolescentes não podem praticar nada daquilo que a lei brasileira considere crime. Além disso, cada direito corresponde a um dever. Se um adolescente tem direito à vida, também tem o dever de não tirar a vida de ninguém; ter direito à saúde é ter o dever de conservar o ambiente limpo. Se lhe é garantido o direito de não ser discriminado, o adolescente está proibido de humilhar ou agredir outras pessoas. Ter direito a uma boa educação é ter o dever de zelar pela escola, não depredando seu ambiente de estudo e respeitando colegas e professores.

Cabe, aqui, acrescentar que os filhos continuam com o dever de obedecer a seus pais, que são os responsáveis por sua criação e formação. Esse poder é conhecido como *poder familiar* e deverá ser exercido em favor dos filhos. Nesse sentido, estão proibidos os espancamentos, a negligência e a exploração. O Código Penal, que é de 1940, já previa diversos crimes praticados pelos pais contra os filhos: maus-tratos, abandono

intelectual, espancamento, entre outros. É garantida, também, a igualdade de condições entre pai e mãe no exercício do poder familiar, cabendo aos dois o dever do sustento, guarda e educação dos filhos.

Por outro lado, deve-se ressaltar que a função de uma lei não é dizer como as coisas são, mas como elas devem ser. O Estatuto existe para promover mudanças, porque se todos os direitos das crianças e adolescentes já estivessem garantidos não precisaríamos da lei. O Estatuto ainda diz que todos – família, comunidade, sociedade e poder público – são responsáveis e devem dar prioridade para os problemas de crianças e adolescentes. Por isso, a lei é um instrumento essencial para construirmos uma realidade diferente.

Embora os direitos de crianças e adolescentes estejam mais garantidos depois da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a realidade de muitas famílias ainda é a da violência e a da omissão. São muitos os pais que desconhecem os direitos dos filhos e são incapazes de cumprir com seus papéis no núcleo familiar. A desunião e o abandono, vividos em muitos lares, vêm afetando, sobretudo, a construção identitária de crianças e jovens.

1.3 A importância do núcleo familiar na construção de valores

Nem sempre a vida transcorre de maneira ideal e corresponde aos desejos de bem-estar das pessoas. A busca do equilíbrio entre o que se deseja e o que se obtém é o que movimenta e desenvolve a capacidade de superar situações e manter-se saudável. O desenvolvimento desta capacidade está ligado às experiências mais precoces que se tem no seio da família. Ela é a parte fundamental na construção da saúde emocional de seus

membros e tem como função básica a proteção de seus filhos. (Osório, 1992; Koenig & Bayer, em Gomes 1987).

Exercer a função de proteção é, sobretudo, propiciar um ambiente que favoreça o bem-estar (Minuchin, 1982). Pesquisas sugerem que relacionamentos seguros e estáveis com os pais são importantes para a saúde mental do adolescente. Desse modo, quanto mais confortável sentir-se o jovem, mais ele dedicará seu tempo à família e procurará a estabilidade emocional que internamente ainda não alcançou (Atwater, 1988). Contudo, é importante ressaltar que uma família facilitadora do crescimento emocional e promotora de saúde não é aquela com ausência de conflitos. O potencial de saúde centra-se na possibilidade que o sistema familiar tem de encontrar alternativas para a solução dos seus problemas e conseguir conter os efeitos destrutivos destes. (Féres-Carneiro, 1992).

Bons níveis de saúde familiar, muitas vezes, estão associados a núcleos que favorecem tanto a expressão de agressividade, de raiva e hostilidade, quanto a de carinho, ternura e afeto. Desse modo, constata-se que os aspectos relacionados ao bem-estar psicológico do adolescente sofrem, invariavelmente, influências de diversas situações que o indivíduo vivencia em seu núcleo familiar.

Levando-se em conta as pesquisas que têm enfatizado a importância da família no desenvolvimento saudável de seus membros, pode-se questionar de que forma a família é a facilitadora da saúde. Com a vertiginosa transformação da configuração e funcionamento da família que vem acontecendo, sobretudo, nas últimas décadas, encontram-se descritas na literatura as mudanças de padrões de funcionamento entre seus membros. Com o distanciamento do modelo nuclear original, são cada vez mais em nossa sociedade diferentes arranjos, tais como as famílias recasadas. A coexistência de

diferentes modelos familiares num mesmo contexto tem modificado o conceito de família e provocado um processo de assimilação e construção de novos valores.

Estudiosos do tema indicam a necessidade do diálogo na convivência familiar. O bem-estar dos adolescentes fica, muitas vezes, prejudicado devido à falta de compreensão entre pais e filhos. Crescer em um ambiente saudável, onde o diálogo e o amor estejam sempre presentes é um direito de crianças e adolescentes.

1.4 Algumas considerações

Busquei, neste capítulo, apresentar um breve panorama da realidade de incúria e omissão presentes em algumas famílias de classe média no Brasil, assim como abordar, de forma sucinta, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Por fim, apresentei algumas reflexões acerca da importância do núcleo familiar na construção de valores de crianças e adolescentes.

CAPÍTULO 2

VIOLÊNCIA, DESCASO E A FAMÍLIA DA NOVA SOCIEDADE

Apresentação

Neste capítulo, eu me proponho a discutir a questão da violência e do descaso presentes nas famílias de classe média da nova sociedade, dando enfoque às noções de negligência familiar e apresentando as significativas mudanças sociais responsáveis pelas relevantes modificações no eixo familiar. A primeira seção apresenta os conceitos de negligência familiar e violência; a segunda seção discute os conceitos de modelo familiar, sobretudo sob a ótica da psicologia e da sociologia; a terceira seção trata da questão da família na atualidade; a quarta seção traz algumas reflexões acerca das proeminentes mudanças no contexto social e no eixo familiar; a quinta seção tem como objetivo trazer à reflexão os conceitos de modernidade líquida e modernidade sólida.

2.1 Negligência familiar e violência

Com base no Artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, pode-se afirmar que a negligência ocorre quando há omissão ou inadequação de atendimento às necessidades básicas de crianças e adolescentes, por parte de pais ou responsáveis, nas

áreas de higiene, alimentação, educação, saúde física e mental, supervisão e atenção. Por outro lado, é relevante destacar que situações de negligência na família muitas vezes são decorrentes de fatores culturais e privações sócio-econômicas.

Segundo Azevedo & Guerra (1986), a negligência consiste em omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos, de prover educação e supervisão adequadas. A negligência pode-se apresentar como moderada ou severa.

Nas residências em que os pais negligenciam severamente os filhos, nota-se, de um modo geral, carência de alimentos; ausência de rotinas na habitação; presença de roupas sujas; ambiente sujo que, por vezes, pode conter lixo espalhado por todos os lados; crianças abandonadas em casa, sozinhas, por diversos dias. Normalmente, os pais ou responsáveis por essas crianças apresentam um elevado consumo de drogas, abuso de álcool e uma presença significativa de desordens severas de personalidade.

Um outro documento que enfoca o conceito em apreciação é o Artigo 227 da Constituição Brasileira, que registra:

É dever da família, da sociedade e do Estado garantir à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão.

Esses aspectos, ao que parece, têm sido desrespeitados, razão pela qual me proponho a trabalhar com um conceito mais abrangente de negligência familiar,

diferente da idéia restrita de que a negligência configura-se apenas pelo abandono ou violência física, outro conceito que será apresentado a seguir. Por conseguinte, num conceito mais amplo, negligenciar uma criança ou um jovem significa deixar de prover-lhe orientação e diretrizes, carinho, suporte emocional, proteção, liberdade de pensamento, estabilidade no lar, entre outros aspectos.

Gonçalves (2003) afirma que violência, termo que deriva do latim *violentia*, é o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. É qualquer comportamento ou conjunto de comportamentos que visem a causar dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida do outro. É a aplicação de força contra qualquer coisa ou ente. É, ainda, qualquer ato que cause dano físico, moral, psicológico ou patrimonial à pessoa ou à sociedade.

A violência doméstica refere-se a uma gama de situações que envolvem a criança, desde a negligência até os maus-tratos de ordem física e abuso sexual. A etiologia da violência familiar é multifatorial e sua compreensão exige a observação das circunstâncias e do ambiente em que a criança vive. Esse tipo de violência é universal, envolve meninos e meninas e refere-se a uma histórica violência contra a mulher nas relações conjugais.

Quando se considera a violência em um sentido mais amplo, constata-se que ela vai bem além da agressão física. Pais que invadem a privacidade dos filhos, que supervisionam constantemente os seus pertences pessoais, agridem-nos verbalmente, diante de pessoas estranhas, estão infringindo o artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que assevera que *“O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.”*

O descaso com a integridade de crianças e jovens vai além. São muitos os filhos que presenciam cenas de desrespeito e desamor entre seus pais, o que acaba por causar sérios danos à sua imagem e à sua identidade. Pais que não se respeitam ou se agridem em frente aos filhos acabam por prejudicar seriamente o seu desenvolvimento, além de naturalizar a violência perante as crianças e jovens. Filhos que presenciam agressão no ambiente familiar geralmente tornam-se pais, mães, esposas e maridos violentos.

2.2 Modelo familiar

Segundo a socióloga Maria José Paro Forte (1991), na sociedade brasileira atual, ainda há um modelo familiar considerado certo: uma estrutura familiar que gira em torno de um homem provedor. Embora as famílias se adaptem a seus cotidianos e vivam suas especificidades, há um modelo referencial invocado pela família, a este modelo dá-se o nome de “família pensada”, ao passo que, o modo de viver cotidiano recebe o nome de “família vivida”. O conceito de família vivida refere-se às formas de agir habituais dos membros de uma família. É a família que surge no cotidiano concreto e que poderá ou não estar de acordo com a família que foi pensada, idealizada.

Entende-se que a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas ou um número de grupos domésticos ligados por descendência a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção. Nesse sentido, o termo confunde-se com clã. Dentro de uma família existe sempre algum grau de parentesco. Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos. A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida e durante as gerações.

Desse modo, a estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições socialmente reconhecidas, e com uma interação regular, recorrente e socialmente aprovada. A família pode, então, assumir uma estrutura *nuclear* ou *conjugal*, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum. A estrutura nuclear tem uma grande capacidade de adaptação, reformulando a sua constituição, quando necessário.

Existem também famílias com uma estrutura de *pais únicos* ou monoparental, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear tradicional devido a fenômenos sociais, como o divórcio, o óbito, o abandono de lar, a ilegitimidade ou a adoção de crianças por uma só pessoa. A família *ampliada* ou *consangüínea* é outra estrutura, que consiste na família nuclear e nos parentes diretos ou colaterais, existindo uma extensão das relações entre pais e filhos para avós, pais e netos. Para além destas estruturas, existem também as denominadas famílias alternativas, sendo elas as famílias *comunitárias* e as famílias *homossexuais*.

Nas famílias *comunitárias* – ao contrário do que ocorre nos *sistemas familiares tradicionais*, onde a total responsabilidade pela criação e educação das crianças se cinge aos pais e à escola – o papel dos pais é descentralizado, sendo as crianças da responsabilidade de todos os membros adultos. Nas famílias *homossexuais* existe uma ligação conjugal ou marital entre duas pessoas do mesmo sexo, que podem incluir crianças adotadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros.

Segundo a psicóloga e profissional de saúde Márcia Stanhope (1999), nas estruturas familiares existem os papéis assumidos por cada membro, nesse sentido, o papel que cabe a cada componente, em seu núcleo familiar, é responsável pelas obrigações e atribuições de cada um, além de ser de inegável importância para a

construção identitária desses familiares. Assim como os papéis, as funções estão igualmente implícitas nas famílias, ou seja, as famílias como agregações sociais, ao longo dos tempos, assumem ou renunciam a funções de proteção e socialização dos seus membros, como resposta às necessidades da sociedade pertencente. Nesta perspectiva, as funções da família regem-se por dois objetivos, sendo um de nível interno, como a proteção psicossocial de seus membros, e o outro de nível externo, como a acomodação a uma determinada cultura e sua transmissão.

A família deve, então, responder às mudanças externas e internas de modo a atender às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade, proporcionando sempre um esquema de referência para os seus membros. Identificam-se como funções familiares: gerar afeto, proporcionar segurança e aceitação pessoal, promover satisfação e sentimento de utilidade, assegurar a continuidade das relações, proporcionar estabilidade e socialização, impor autoridade e sentimento do que é correto.

Para além destas funções, Stanhope (1999) acrescenta, ainda, uma função relativa à saúde, na medida em que a família protege a saúde dos seus membros, dando-lhes apoio e resposta às necessidades básicas em situações de doença. Segundo o referido autor, a família, como uma unidade, desenvolve um sistema de valores, crenças e atitudes face à saúde e doença que são expressas e demonstradas através dos comportamentos de saúde-doença dos seus membros.

As famílias vêm-se transformando, através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, económicas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas. A célula familiar trata-se de um espaço sócio-cultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído, mas, acima de tudo, valorizado como o primeiro e mais importante núcleo social de que faz parte o ser humano.

2.3 A questão da família na atualidade

A família da nova sociedade enfrenta hoje uma realidade bastante desconcertante: os valores da sociedade de antes não são mais os de agora. Com as mudanças ocorridas na malha social – sobretudo a partir da segunda metade do Século XX – é preciso repensar a família e discutir as mudanças pelas quais passa o conceito de família. Na sociedade atual, as mulheres passaram a trabalhar quase tanto quanto os maridos, seja por questão de emancipação, seja por questão de complementação financeira. Nessa perspectiva, os filhos, em número cada vez menor, são muitas vezes colocados em segundo plano, em detrimento da carreira profissional. Soma-se a isso o número de divórcios que vem aumentando assustadoramente e, com ele, o número de famílias chefiadas por um único cônjuge. Assim é que a família, *célula mater* da sociedade, vai evidenciando uma séria crise social devido ao “esvaziamento da instituição familiar” (Bilac 1997:34).

Como bem observa Anthony Guiddens (1993:10), existe hoje um surpreendente número de famílias “reconstituídas” ou “recombinadas”, que se constituem em um novo modelo de família nos segmentos sociais, até mesmo nas camadas mais favorecidas da sociedade. Ainda que essa nova estrutura familiar seja cada vez mais vigente, há um consenso quanto à definição ou conceito de família. Nas palavras de (Kaloustian 1994:11), “a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou forma como vêm-se estruturando.”

Com o surgimento de novos modelos de família, como os mencionados acima, muitos aspectos sociais e comportamentais precisaram ser repensados. Valores antes bastante sólidos se liquefizeram e, nesse contexto, desapareceu também a solidez da família em termos de espaço para garantia de sobrevivência. Embora hoje seja realidade que muitos arranjos familiares, bastante diversos dos de antes, são também considerados família, sabe-se que nem todos vêm acompanhados com uma idéia de proteção integral. Às vezes, alguns arranjos vistos no mundo pós-moderno não transmitem aos filhos toda a garantia de proteção e desenvolvimento de que necessitam. Além disso, como bem registra Maria Salete Ribeiro (1999:23), “o novo, nessas famílias, é a construção de uma prática que se faz à medida que tais modelos de referência vão sendo postos em questão”.

Quanto a esses novos valores da sociedade pós-moderna, Alain Touraine (1994:273) questiona: “Não é a modernidade o desaparecimento de todos os modelos e de todas as transcendências e, portanto, das forças religiosas, políticas ou sociais que criam civilizações definidas por normas imperiosas de moralidade?”

Em outras palavras, a concepção atual de modernização traz uma idéia de que hoje estão inertes os sistemas sociais e as agências de controle social e cultural, quais sejam: a família, a escola, a Igreja, o direito.

Já para Giddens (1992:96), na sociedade que se separa e se divorcia, a família nuclear gera uma diversidade de laços de parentesco associados, por exemplo, as chamadas famílias recombinadas. No entanto, a natureza desses laços muda à medida que estão sujeitos a maior negociação do que outrora. As relações familiares costumavam ser tomadas como certas, na base da confiança; agora, a confiança precisa ser negociada, barganhada, e o compromisso assume as mesmas proporções que o existente nas relações sexuais. O antropólogo Gilberto Velho (1987:81) chama a atenção

quanto ao problema das mudanças ocorridas na nova sociedade, afirma que temos de tomar cuidado para que, devido a esse fascínio pelo novo, pelo revolucionário, pela ruptura, pela mudança, não corramos o risco de perder a continuidade, a estabilidade, que é o que caracteriza a própria essência da sociedade. Nessa perspectiva, se delineiam também as mudanças nos contextos social e familiar, tema que será focado a seguir.

2.4 Mudanças no contexto social e no eixo familiar

Ainda de acordo com Velho (1987:85), “a família é por definição a essência da sociedade”. Trata-se de um valor de consenso que ecoa também nos estudos voltados para a Lingüística, o que pode ser ilustrado em pesquisas da atualidade como a que vem sendo desenvolvida por Pardo (2005), para quem a família é o eixo central na formação da identidade das pessoas.

Antes de discutir mudanças no contexto social, bem como no eixo familiar, cabe, aqui, registrar que o advento da modernidade, o processo de industrialização, as várias descobertas científicas e tecnológicas trouxeram muitas transformações sociais e, como produto dessas mudanças, novos modelos de famílias com crenças e valores bastante diversos de tempos anteriores. A globalização e a banalização do matrimônio estão presentes hoje em diversas culturas e os novos papéis sociais e familiares que surgem precisam ser repensados e renegociados.

Cabe, ainda, destacar que na visão de Foucault (1979) a importância das tecnologias nas formas modernas de poder traz implicações para mudanças comportamentais e até mesmo lingüísticas. Explica o autor que, por muito tempo, a vida em família foi sinônimo de obediência e submissão, em uma sociedade tradicionalista, defensora de valores hierárquicos que marcavam diferenças bem claras entre homens e

mulheres, pais e filhos. Muitos desses valores permanecem nas famílias da atualidade, mas a maneira como se projetam é bastante diferente de como se mostravam nas famílias de antes. O pai, por exemplo, encarnava a figura da autoridade, enquanto a mãe configurava-se como a responsável pela casa e pela criação e educação dos filhos. O contexto social era, então, outro. E, ao lado de uma forte cobrança e de uma disciplina rigorosa por parte dos pais em relação aos filhos, havia uma preocupação enorme com a ética, os valores e a construção de uma identidade sólida, bem como com a manutenção da mesma. Os filhos não questionavam as ordens dos pais, que eram vistos como detentores do saber e protetores de suas famílias; os casamentos eram indissolúveis, ou seja, não havia outros casamentos e frutos de outros casamentos, já que aquele núcleo familiar permaneceria o mesmo até que os filhos daquela união formassem outras famílias e, dessa forma, aumentassem suas famílias de origem.

Mas, as famílias atuais trazem, muitas vezes, casais vindos de casamentos desfeitos, que procuram reconstruir os vínculos perdidos e as relações destruídas de afeto e amizade em uma nova família. É nessa reconstrução de laços rompidos que se vão formando as famílias reconstituídas, em um universo familiar extremamente diversificado e *mesclado* de suas crenças e valores.

Se a sociedade muda, há também uma mudança bastante significativa dos papéis sociais e identitários dos componentes do novo modelo de família. Em poucas palavras, os processos de mudança social acabam por modificar profundamente as relações familiares na sua interioridade, o que vem à tona pelas práticas discursivas de seus membros.

2.5 Modernidade líquida x modernidade sólida

Como bem observa o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), a sociedade de hoje vem passando por profundas mudanças, quais sejam: culturais, sociais, políticas, ideológicas. Essas mudanças não começaram a ocorrer ontem. A humanidade está em constante evolução, bem como o mundo em que está inserida. O que acontece hoje é que conceitos, instituições, valores, comportamentos, padrões, que antes eram considerados sólidos e duradouros, vêm perdendo a sua solidez para a liquefação em uma nova realidade.

Essa mudança dinâmica que Bauman chama de “líquida” é a transição de um mundo moderno “pesado”, “volumoso” e “fixo” para um mundo de uma modernidade “leve”, “etérea” e “livre”, que gerou grandes transformações no mundo.

De acordo com Bauman (2001), na sociedade da “modernidade líquida”, busca-se auxílio e segurança no amor e na família, mas manter esse amor e essa família torna-se trabalhoso e incerto, num mundo em que tudo tem “prazo de validade”. Por modernidade líquida entende-se, sempre de acordo com Bauman, a fase em que se encontra a sociedade hoje, por assim dizer, “uma fase de redistribuição e realocação dos valores da modernidade”. Não há mais moldes sólidos nem comportamentos eternos. Houve a passagem da “modernidade pesada” para uma “modernidade líquida e leve”, infinitamente mais dinâmica, onde tudo é fugaz.

Em uma sociedade alicerçada no consumo, tende-se a substituir o relacionamento amoroso por uma relação consumista, presa a uma satisfação que é efêmera, o que termina por *naturalizar* o rompimento matrimonial. Sempre segundo

Bauman, o amor do “até que a morte nos separe” foi substituído pelo amor do “até que a satisfação (ou a ausência dela) nos separe”. Nessa perspectiva, a idéia da família protetora, perfeita, indestrutível e unida, que existe no imaginário de muitos jovens e crianças, acaba por ruir e, juntamente com ela, fragmenta-se a identidade desse jovem (que já não é mais o mesmo) e dessa criança (que é obrigada a “crescer” à força).

A grande certeza que se tem hoje é que, cada vez mais, se vive uma era de incertezas, e essa incerteza é uma força *individualizadora*, que divide em vez de unir, já que não há mais um “interesse comum” nem a certeza de um amanhã previsível. A lealdade – à empresa, a uma causa, à família, aos companheiros de jornada de trabalho – perde o seu significado em um mundo altamente competitivo em que a regra é justamente a ausência de regras. Não existe mais ética, não há resquícios de obrigações para com pessoas ou padrões de comportamento. Se nem mesmo o capital e as pessoas se vêem presas ao tempo e ao espaço, como se poderiam manter as amarras de um emprego ou de um casamento duradouro? Nessa perspectiva, cresce o valor da “satisfação imediata”, do “agora”, já que não se tem certeza de que haverá um depois. As coisas têm sido feitas para não durar, para o consumo imediato, para o “prazer do momento”. É, portanto, esse o contexto em que se vive hoje, resta um mundo consumista e precário, que favorece e fortifica a “desintegração dos laços humanos”.

2.6 Algumas considerações

Busquei apresentar, neste capítulo, algumas reflexões acerca do problema da negligência e da violência familiar, assim como procurei discutir as mudanças pelas quais passam as famílias na atualidade e de que maneira isso se reflete no comportamento de jovens e crianças. Primeiramente, abordei a realidade da violência e do descaso com jovens e crianças por parte de algumas famílias. Em seguida, procurei apresentar uma breve análise da questão da família na atualidade. As mudanças no contexto social, que se refletem no eixo familiar, foram discutidas em seguida. Busquei, ainda, apresentar alguns conceitos acerca da teoria de modernidade líquida x modernidade sólida. Dessa maneira, tratei, de forma breve, de uma questão relevante: a importância da família como pilar de proteção e de formação de valores para as crianças e jovens que se desenvolvem na atual sociedade.

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LINGUAGEM, DISCURSO E IDENTIDADE

Apresentação

O propósito deste capítulo é apresentar e discutir o pensamento de autores cujas propostas teóricas entrelaçadas balizaram a presente pesquisa. Os conceitos enfocados, a seguir, darão suporte para a discussão das categorias analíticas que surgiram a partir do exame minucioso dos dados empíricos selecionados para a dissertação.

O capítulo ora apresentado encontra-se dividido em quatro seções e quatro subseções. A primeira seção, *Identidade e poder*, traz algumas reflexões acerca da definição do termo *identidade* nas visões de Castells (2002), Foucault (1979), Stuart Hall (1987), Bauman (2001) e Setton (2006), relacionada, sobretudo, à idéia de poder. Na seção *Ideologia*, discute-se os controvertidos significados da ideologia nas visões de Fairclough (1992/2003) e de Thompson (1995), bem como os cinco modos gerais por meio dos quais a referida categoria opera. Na seção seguinte, da *Análise de Discurso Crítica*, apresento a visão de Wodak (2003) e de Fairclough (2003). Na subseção *A teoria social do discurso*, enfoco a proposta teórica de Fairclough (2003) sobre o discurso e suas múltiplas funções, e dedico-me aos significados acional, representacional e identificacional da linguagem, tendo em vista as práticas lingüístico-discursivas e sociais presentes nos dados empíricos. A subseção *Os significados da*

linguagem detalha as categorias associadas diretamente à linguagem na proposta de Fairclough (2003). A quarta seção é dedicada às funções da linguagem, dentro do modelo hallidiano, com destaque para a função ideacional devido a sua correlação com o significado representacional no discurso. A função ideacional, segundo a Linguística Sistêmico-Funcional, revela a maneira como o sistema de transitividade permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso, bem como a realidade que está sendo retratada. Nesse sentido, a subseção *A função ideacional e a transitividade* aborda de modo detalhado seis processos de transitividade presentes na linguagem humana. Para tanto, valho-me dos estudos basilares de Halliday e Matthiessen (2004), como também das explicações de Fairclough (2003) e Eggins (2003). Por fim, a última subseção versa sobre a relação dialógica entre os processos de transitividade da língua e os significados representacionais da linguagem.

3.1 Identidade e poder

Para Borges (2004), a identidade, em termos gerais, constitui uma categoria que é definida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados umas das outras, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes. Não obstante, nas palavras de Manuel Castells (2002:22) encontra-se um refinamento conceitual voltado para o ser humano, uma vez que “Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo, (...) o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.”

Resulta que, para Castells, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída por meio da história, da geografia, da biologia, de instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais. Além disso, são formadores de identidade os aparatos de poder e as revelações de cunho religioso. Todo esse contingente de “material” é processado e reorganizado pelo indivíduo em função de tendências sociais e culturais, bem como em razão de sua visão de tempo e espaço.

Nessa perspectiva, Castells (2002), ao evocar Craig Calhoun (1994), postula que não se tem conhecimento de qualquer povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que não haja qualquer forma de distinção entre o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”. Sugere, ainda, o autor que o autoconhecimento – constantemente em construção – jamais está dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros, dessa forma, a idéia de identidade passa pelo significado e pela experiência de cada povo.

Com base ainda nas palavras de Castells (1999), acrescento que, em se tratando da identidade da mulher, pode-se observar que, em função do movimento feminista, já possuímos um aporte discursivo próprio, em que já nos fazemos ouvir e sermos vistas em nosso papel na sociedade.

Por um lado, do ponto de vista sociológico ainda, toda e qualquer identidade é construída, sendo tal construção uma constante, na medida em que mudam os indivíduos da mesma forma em que muda o mundo. A análise do discurso também defende a idéia de que as identidades são construídas pelo discurso no meio social. Por outro lado, Stuart Hall (1987:07-22) afirma que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, o que fragmenta o ser moderno, até então visto como unificado. É a chamada “crise de identidade”, isto é, um processo mais amplo de

mudança, que está deslocando as estruturas das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma “ancoragem estável no mundo”. Deve-se, aqui, registrar que os dados empíricos colhidos entre adolescentes permitem adiantar que a denominada “crise de identidades” perpassa o conceito de família no mundo dos adolescentes, seja pela negligência familiar, seja pelo próprio estágio natural de transição, configurado cada vez mais na vida dos jovens no contexto da sociedade moderna. Isso, porque, a noção de sujeito sociológico, como explica Hall, demonstra a crescente complexidade do mundo moderno e a plena consciência de que esse núcleo interior do sujeito não é autônomo nem auto-suficiente, mas formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”. Assim, a identidade é formada na “interação” entre o *eu* e a sociedade. Nessa perspectiva, a categoria identitária preenche, portanto, o espaço entre o mundo pessoal dos adolescentes e o mundo público (escola, comunidade).

Sempre de acordo com Hall (1995), quando interagimos em uma prática social, situamo-nos como indivíduos com história social, que é definida no grupo em termos de gênero, classe social, raça, religião e região geográfica entre outros aspectos. E em outros grupos sociais a definição emerge pela nossa participação na comunidade a qual pertencemos. Nas palavras do referido autor (1995: 216), “nós nos socializamos dentro de certas identidades relevantes. Identidades de gênero e de idade opostas a outras identidades como classe social e etnia, por exemplo.”

Já no ponto de vista de Bauman (2001) ancora-se a idéia de que os seres humanos não mais “nascem” em suas identidades. Ele cita Jean-Paul Sartre, para quem “não basta ter nascido burguês – é preciso viver a vida como burguês”. Em outras palavras, precisar *tornar-se* o que já se *é* constitui uma característica da vida moderna. Na perspectiva de Sartre, o que existe na atualidade são “cadeiras musicais” de vários

tamanhos e estilos, assim como números e posições cambiantes, que fazem com que as pessoas estejam constantemente em movimento, isto é, em mudança. Essa mudança traz “reajustes” nas identidades, que passam, também, por processos de negociação: o que você era ontem, já não o será amanhã. Assim também os adolescentes experimentam mudanças nas famílias da pós-modernidade, cujos componentes precisam hoje, mais do que nunca, reconhecer seus próprios papéis e discursos, em meio a tantas mudanças identitárias, sociais e culturais.

Bauman explica também que, para a maioria, a “sociedade” era entendida como a maior totalidade da coabitação humana e que as relações eram baseadas na proximidade. O lugar e o papel de cada pessoa era evidente na rede de familiaridade mantida do berço ao túmulo. Com a revolução dos transportes e todas as mudanças que se seguiram, as idéias de identidade e de identidade nacional se modificaram e o homem precisou se readaptar a elas. O sociólogo acredita que “a identidade deve ser inventada, não descoberta”. Ele sugere que o que causa grande conflito de identidade hoje são as mudanças pelas quais a sociedade passa. Essas mudanças – sobretudo a *naturalização* do rompimento matrimonial – segundo ele, atingem a essência da identidade, já que a resposta à pergunta “Quem sou eu” só pode ser constituída por referência aos vínculos com os outros. O autor ainda afirma o seguinte: “Os relacionamentos nos definem e são necessários para a coesão e a lógica de nosso próprio ser” (2005:15-16).

Em seus estudos na área da Sociologia, Maria da Graça Jacintho Setton (2002:5), ao evocar Bourdieu, sugere que a família pode também ser considerada como responsável pela transmissão de um patrimônio econômico e cultural. A autora afirma, ainda, que é na família que a identidade social do indivíduo é forjada. De origem privilegiada ou não, a família transmite para seus descendentes um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso. A família, segundo a socióloga, é uma

instituição que evolui conforme as conjunturas socioculturais. Trata-se de uma instituição cujo papel não é de um “agente social passivo”, sendo que sua história revela um poder de adaptação e, ao mesmo tempo, uma constante resistência em face das mudanças de cada período.

É relevante destacar que a temática das identidades está diretamente ligada a uma concepção de linguagem como discurso. De acordo com Borges e Moura (2004), na perspectiva *socioconstrucionista* do discurso e das identidades sociais, bem como na posição defendida por Moita Lopes (2003), a identidade de cada pessoa é entendida como uma construção social que se dá *nos* e *pelos* discursos, os quais podem nos posicionar como homem, mulher, pai, filho, patrão ou como professora. Nessa perspectiva, “as pessoas são, em grande medida, posicionadas em identidades de acordo com sua vinculação dentro de um discurso” (Shotter & Gergen *apud* Moita Lopes, 2003:24). Em poucas palavras, fazer uso da língua significa expor-se, desnudar-se, colocar à mostra valores, crenças e, conseqüentemente, refletir uma visão do mundo e do grupo social a que se pertence.

Nesse sentido, a interação social é vista como o lugar das práticas nas quais a individualidade se constitui, assim como também é responsável pela constituição da sociedade que se constrói através de um infindável número de discursos que se entrecruzam. Assim é que as identidades se vão formando e mostrando num grande mosaico constituído por diferentes realidades.

Quanto a esse aspecto, cito, ainda, as palavras de Nunes (2003), para quem o nosso discurso tem uma natureza constitutiva e, portanto, um dos papéis que ele cumpre é o de construir as identidades sociais. Quando interagimos em uma prática social, nós nos situamos como indivíduos com história social, a qual é definida no grupo em termos de gênero, classe social, raça, religião e também região geográfica, sendo que em outros

grupos sociais nos moldamos pela nossa participação na comunidade a qual pertencemos (Hall, 1995).

Na visão de Foucault (1979), é grande a importância das tecnologias nas formas modernas do poder. Explica o autor que, no mundo pós-moderno, não são apenas as mudanças tecnológicas que se apresentam à nova sociedade. Cabe, ainda, destacar que traz implicações para mudanças comportamentais e lingüísticas que acompanham essa nova sociedade o fato de que a *verdade* está vinculada a uma relação circular com os sistemas de poder que a produzem e sustentam e com os efeitos de poder os quais ela induz e os quais a estendem. Na nova ordem de relacionamentos que surgem, a idéia de família se modifica, os discursos entre pais e filhos acompanham essas mudanças, as novas práticas sociais refletem novos conceitos e novos discursos, ou seja, muda a sociedade como também o discurso.

Ainda com base no pensamento de Foucault (1982), deve-se ressaltar que a questão do poder e a do conhecimento estão intimamente ligadas. O conhecimento de acordo com o referido pensador é adquirido via discurso, e para esse discurso existe a possibilidade de um contradiscurso com vistas a uma perspectiva de mudança. A questão da arqueologia do saber de Foucault diz respeito aos conhecimentos que são adquiridos, enquanto a questão do poder atravessa as práticas discursivas e vai para além do discurso. Observa-se que Foucault enfatiza que o poder não serve apenas para punir e reprimir, ou seja, o poder não anda apenas em uma direção, uma vez que ele pode gerar mudança social e institucional, também. Trata-se de uma questão que envolve a relação entre pais e filhos adolescentes. Deve-se enfatizar também que quando se trata de *poder*, não se deve dissociá-lo da *ideologia*, tema que será focado a seguir.

3.2 Ideologia

De início, deve-se registrar que o termo “ideologia” foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo francês Desttut de Tracy, em 1776, e significava a “Ciência das Idéias”. Mas para John B.Thompson (1995:14), é difícil definir exatamente o que seja ideologia, já que a palavra carrega diversos sentidos. Para alguns estudiosos, o conceito de ideologia parece transmitir uma idéia negativa, crítica. Para outros, a concepção do termo não é tão controvertida. Segundo a opinião de Thompson, a ideologia é o pensamento do *outro*, o pensamento de alguém diferente de nós.

Segue Thompson (1995:16) sua explanação, afirmando que o conceito de ideologia pode ser utilizado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias especiais, para estabelecer e manter relações de poder (relações de dominação).

Thompson (1995:18) ressalta, também, a importância da análise da ideologia como parte integrante de um interesse geral voltado para as características da ação e da interação, para as formas de poder e de dominação, para a natureza da estrutura social, para a reprodução e a mudança social e para as qualidades das formas simbólicas e seus papéis na vida social. O autor lembra, ainda, que, para a maioria das pessoas, as relações de poder e dominação estão pautadas nas relações caracterizadas pelos contextos sociais em que elas vivem suas vidas cotidianas: a casa, o local de trabalho, a sala de aula entre outros. Nesses contextos – que implicam desigualdades e assimetrias de poder e recursos – é que elas gastam a maior parte de seu tempo, interagindo com os outros e seguindo seus objetivos.

Enfim, a ideologia na explicação de Thompson (1995:19), é uma categoria complexa uma vez que: “é parte de uma luta entre palavras, símbolos e força física; é uma característica criativa e constitutiva da vida social que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de ações e interações, as quais incluem a troca contínua de formas simbólicas.”

Com base no exposto acima, Thompson distingue cinco modos gerais por meio dos quais a ideologia pode operar, e deixa claro que não são as únicas maneiras de como a ideologia opera. Ele também destaca que os cinco modos não agem necessariamente de modo independente uns dos outros. São eles:

Modos Gerais	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)

Unificação	Estandarização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passifização

Dessas categorias, pode-se afirmar que a definição de duas deve destacar-se quanto ao cerne do presente trabalho: de um lado, a *dissimulação*, já que os entrevistados podem dissimular circunstâncias e sentimentos, no decorrer de suas entrevistas; de outro, a *fragmentação*, uma vez que alguns deles carregam em suas personalidades e comportamentos essa fragmentação.

A ideologia opera como *dissimulação* quando é expressa em formas simbólicas através de uma variedade de diferentes estratégias, dessa forma, as relações de dominação podem ser ocultadas, negadas ou obscurecidas. Uma dessas estratégias é o *deslocamento*, quando um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro (as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa), como exemplo, Thompson apresenta: Luís Bonaparte consegue reativar a tradição de respeito para com a figura do herói imperial, quando se apresenta como “herdeiro legítimo do grande Napoleão”. Já a *eufemização* é uma outra estratégia que facilita a dissimulação das relações sociais (muitas ações, instituições ou relações sociais são descritas de modo a despertar a idéia de uma valoração positiva), como exemplo, ele sugere: a supressão

violenta do protesto é definida como “a restauração da ordem”. Uma terceira forma de ideologia como dissimulação é a conhecida como *tropo* (uso figurativo da linguagem ou das formas simbólicas, a sinédoque, a metonímia e a metáfora, para dissimular relações de dominação), como exemplos, ele lembra a expressão “os americanos” para referir-se a governos particulares ou a grupos dentro de um estado-nação; a propaganda que não deixa explícitas as conexões entre os objetos referidos ou supostos pelo anúncio; a primeira-ministra britânica, que ficou conhecida como “Dama-de-ferro”.

Por outro lado, a *fragmentação* ocorre quando as relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam se tornar um desafio real para os grupos dominantes. Nesse contexto, encontra-se a *diferenciação*, ênfase dada às diferenças e divisões entre pessoas e grupos, reforçando tudo aquilo que os desune. Também constitui exemplo de *fragmentação* o chamado *expurgo do outro*, em que há um processo de construção de um inimigo (interno ou externo) que é retratado como mau, ameaçador e terrível, aquele contra o qual o povo deve resistir coletivamente (o expurgo).

Já Fairclough (2001) define as ideologias como significações/construções da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais) que são construídas em muitas dimensões das formas e sentidos das práticas discursivas, o que contribui para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação.

Segundo van Dijk (1999), as ideologias não são apenas conjuntos de crenças, mas crenças socialmente compartilhadas por grupos. Estas crenças são adquiridas, utilizadas e modificadas em situações sociais embasadas em interesses sociais dos grupos e as relações sociais entre grupos em estruturas sociais complexas. Sem suas crenças socialmente compartilhadas, os atores sociais não podem, de maneira alguma, conhecer, mediante a interação, seu pertencimento a um grupo, que é, em princípio, uma

condição essencial para a existência de grupos e organizações. Dessa forma, um conjunto de pessoas constitui um grupo se, como coletividade, compartilha representações sociais. Para os membros individuais do grupo isso significa que parte de sua identidade pessoal (si mesmo) está agora associada a uma identidade social, isto é, à auto-representação como membros de um grupo social.

As ideologias e a condição de grupo parecem definir-se mutuamente: apenas os grupos podem desenvolver ideologias, e a definição de grupo, por sua vez, pressupõe não só condições, experiências ou ações socialmente compartilhadas, mas também e, em especial, representações sociais divididas, incluindo ideologias.

É necessário destacar que os valores desempenham um papel fundamental na construção das ideologias, já que, juntamente com elas, são os pontos de referência da evolução social e cultural. Assim como o conhecimento e as atitudes, os valores estão inseridos no domínio da memória das crenças sociais. São compartilhados, conhecidos e aplicados pelos membros sociais em uma grande variedade de práticas e conceitos. Formam a base de todos os processos de evolução e, em consequência, de opiniões, atitudes e ideologias. Em poucas palavras: “os valores são os pilares da ordem moral das sociedades” (van Dijk 1999:102).

Dessa forma, quando os adolescentes expõem seus dramas familiares, estão mostrando os processos de formação de valores a que foram submetidos, isto é, explicitam de que maneira suas crenças foram *talhadas*, em que pilares suas bases ideológicas estão sendo moldadas. Assim, é possível entender melhor seus relatos e o que se esconde por trás de seu problema identitário com relação à família.

3.3 A Análise de Discurso Crítica

Na década de setenta, desenvolveu-se uma forma de análise do discurso e do texto que identificava o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade (Fairclough, 2001). Os estudos acerca do assunto, entretanto, já ocorriam na década anterior, quando alguns movimentos consolidavam estudos sobre a importância das mudanças sociais como perspectiva de análise. Na Grã-Bretanha, um grupo de lingüistas desenvolveu uma “lingüística crítica”, ao articular as teorias e os métodos de análise textual da “lingüística sistêmica” de Halliday com teorias sobre ideologias. Na França, Pêcheux e Jean Dubois desenvolveram uma abordagem da análise de discurso, tendo por base, especialmente, o trabalho do lingüista Zellig Harris e a reelaboração da teoria marxista sobre a ideologia, feita por Althusser, que ficou conhecida como Análise do Discurso Francesa (ADF).

Nos anos de 1990, devido aos estudos limitadores de algumas teorias em Análise do Discurso (AD), surge a Análise Crítica do Discurso (ACD) cujo marco foi a publicação da revista de van Dijk, “*Discourse and Society*”, em 1990. Entretanto, é importante acrescentar publicações anteriores, como os livros: “*Language and power*”, de Norman Fairclough, em 1989; “*Language, power and ideology*”, de Ruth Wodak, em 1989; e a obra de Teun van Dijk sobre racismo, “*Prejudice in discourse*”, em 1984.

A análise do discurso tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso, ou seja, a linguagem como prática social. Ela pretende mostrar o modo como as práticas lingüísticas discursivas estão imbricadas com as ideologias e as estruturas sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação. Assim sendo, o objetivo da ADC é apontar tudo o que está diluído nos discursos, de maneira que, possibilitando às pessoas *mergulhar* nas entrelinhas de discursos diversos, elas possam promover suas

próprias mudanças sociais. Essas mudanças começam, na verdade, quando os discursos expõem os problemas sociais que, muitas vezes, ficam escondidos, e a sociedade se dá conta de que algo pode e deve ser feito para minimizar o sofrimento daqueles que são excluídos de seus direitos como cidadãos. Dessa forma, é dado o primeiro passo para que muitas mudanças possam se concretizar.

Em outras palavras, para além da teoria lingüística, há uma abordagem com base na teoria social, de modo a examinar a ideologia e as relações de poder e de identidade envolvidas em um discurso. A cultura é parte fundamental no processo de identidade, pois ela a molda, quando dá sentido a qualquer experiência – boa ou ruim –, possibilitando à sociedade fazer uma opção entre as várias identidades possíveis, assim como apontar essas escolhas no discurso. De modo sucinto, isso significa dizer que a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade.

Para Wodak (2003), a fim de que possa estudar a linguagem como prática social, a ADC considera o papel crucial do contexto. É possível defini-la, portanto, como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como estas se manifestam através da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Sempre segundo Wodak (2003), são indispensáveis para a ADC as descrições e teorizações dos processos e das estruturas sociais responsáveis pela produção de um texto, dessa forma, se estariam conhecendo as entrelinhas desse texto, os meandros de sua verdadeira mensagem.

Na visão de Fairclough (2003:185), a ADC é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente,

a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer, a fim de abordar e superar esses problemas. Para o autor, a importância de se fazer análise do discurso baseia-se na suposição de que a língua é uma parte irreduzível da vida social, dessa forma, a análise e a pesquisa social sempre devem levar em conta a língua.

A análise de texto é uma parte essencial de análise de discurso, entretanto a análise de discurso não é apenas a análise linguística de textos. É algo que “oscila” entre um foco em textos específicos e um foco na “ordem de discurso”, que é a estruturação social de uma língua/linguagem e sua parceria com determinadas práticas sociais.

A análise de discurso crítica está relacionada à continuidade e à transformação em um aspecto mais abstrato, em um nível mais estrutural, como acontece em textos em particular. Isso significa que a análise de texto não é vista como análise meramente linguística, pois inclui a “análise interdiscursiva”, ou seja, compreender os textos como discursos, gêneros e estilos que se articulam.

Fazer Análise de Discurso Crítica é, antes de tudo, trabalhar com a ótica de que a ADC é uma perspectiva teórica que versa sobre a linguagem, é uma forma de ciência, acima de tudo crítica, que foi concebida como uma ciência social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de suas formas particulares de vida social e destinada, sobretudo, a desenvolver recursos de que as pessoas possam se valer para superar problemas e, desse modo, transformar suas realidades.

A ADC destaca a necessidade de um trabalho interdisciplinar, objetivando-se uma compreensão adequada do modo como a linguagem opera. Assim, poderá acompanhar a manifestação da linguagem na constituição e na transmissão de conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder. Esse tipo de análise busca uma teoria da linguagem que incorpore a dimensão do poder como condição capital da vida social. Daí, se justifica o esforço de estudiosos da ADC para

desenvolver uma teoria da linguagem que apresente essa dimensão como uma de suas premissas fundamentais. “A ADC se interessa pelos modos em que se utilizam as formas lingüísticas em diversas expressões e manipulações do poder” (Wodak, 2003:31).

Na ADC, o discurso é visto, antes de tudo, como um tipo de prática social, de representação e de significação do mundo. Desse modo, o discurso se torna um constituinte do social, um modo de ação (sobre o mundo e os outros) e uma forma de representação. O discurso é apresentado por Fairclough (1992) como uma noção tri-dimensional, uma tentativa de reunir três domínios: a teoria lingüística, a macro-sociologia e a micro-sociologia. Esses três níveis compreendem a dimensão textual, que incorpora as técnicas da lingüística sistêmica de Halliday (2004); a dimensão da prática discursiva como uma prática social de produção, distribuição e consumo de textos e a dimensão social, que trata das práticas discursivas em relação à estrutura social, que lida com as práticas discursivas sob uma perspectiva interacional. Nesse sentido, o que se deve destacar é que o discurso tem o poder de criar, reforçar ou desafiar identidades ou posições sociais, relações e formas de conhecimentos e crenças. Dessa forma, ele não pode ser considerado um simples “reprodutor” das entidades e relações sociais, mas um “construtor” dessas relações.

No cerne da ADC encontra-se a teoria social do discurso, proposta teórica que será enfocada a seguir.

3.3.1 A teoria social do discurso

Como já foi comentado, Fairclough (2001:90) define discurso como o uso de linguagem como forma de prática social e não como apenas como uma atividade individual ou um reflexo de variáveis situacionais.

Segundo o lingüista britânico, o discurso é um modo de ação – forma como as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros – e um modo de representação – maneira como elas representam esse mundo. Além disso, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que o moldam e limitam. Em prática, o discurso não é não é apenas mera forma de representar o mundo, mas, sobretudo, de significá-lo.

Entre as muitas funções do discurso, acrescenta Fairclough, destaca-se a concernente à prática política e ideológica. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem as relações de poder. Como prática ideológica, o discurso constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Em sua proposta teórica, denominada teoria social do discurso, Fairclough (1992, trad.2001) aponta a idéia de um discurso visto em três dimensões: uma prática lingüística, uma discursiva e uma social. Vejamos como o modelo tridimensional pode ser representado:

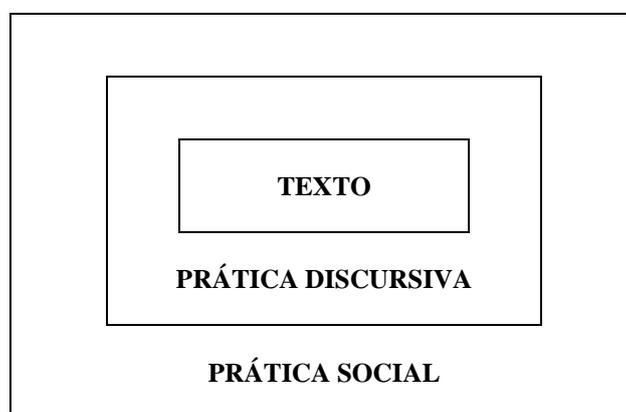


Figura 3.1 - Concepção tridimensional do discurso

A idéia de uma concepção tridimensional do discurso é voltada para o lado social da linguagem, segundo o qual essas três dimensões discursivas avaliariam as relações existentes entre mudança discursiva e mudança social, relacionando-as a instâncias textuais. Em outras palavras, uma união entre análise textual, análise lingüística e prática social permitiria compreender até que ponto a dimensão social é importante em uma análise discursiva, na medida em que a esfera social é a realidade constantemente criada e modificada pelas pessoas.

A importância da teoria social do discurso para uma análise lingüística é, portanto, incontestável, já que a visão tridimensional da proposta apresenta elos inseparáveis: a gramática (nas tramas do texto), as práticas lingüísticas (em uma análise crítica) e as práticas sociais (que podem gerar mudanças discursivas e, por vezes, sociais). A meu ver, a união da análise lingüística com a teoria social transforma o discurso em um contrato social.

3.3.2 Entre as funções e os significados da linguagem

De início, deve-se comentar que falar de funções implica tratar de categorias lingüístico-discursivas, ao passo que considerar os significados da linguagem envolve categorias semântico-discursivas num nível textual.

As línguas, de um modo geral, podem ser consideradas dentro de uma estrutura social e abstrata ao mesmo tempo, o que nos remete ao contexto social (exterioridade) e a fatores internos (gramática). Uma língua define certas possibilidades e exclui outras (algumas maneiras de combinar elementos lingüísticos são possíveis, outras não). Mas textos, como eventos sociais, não são simplesmente os efeitos dos potenciais definidos pelas línguas. Nessa perspectiva, é preciso reconhecer entidades organizacionais

intermediárias de um tipo lingüístico específico, os elementos lingüísticos de redes de práticas sociais: as ordens de discurso. Uma ordem de discurso é uma rede de práticas sociais no aspecto lingüístico (da língua). Os elementos de ordens de discurso não são coisas como nomes e sentenças (elementos de estruturas lingüísticas), mas discursos, gêneros e estilos. Esses elementos selecionam certas possibilidades definidas pelas línguas e excluem outros, ou seja, eles controlam a variabilidade lingüística para certas áreas da vida social. Portanto, ordens de discurso podem ser vistas como organização e controle social da variação lingüística.

No que concerne às funções da linguagem, Fairclough (2001) afirma que é possível distinguir três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. Segundo ele, o discurso contribui, primeiramente, para a construção das ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’, para os ‘sujeitos sociais’ e os tipos de ‘eu’. Segundo, o discurso contribui, ainda, para a construção das relações sociais entre as pessoas. E, finalmente, contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Os três efeitos correspondem às três funções da linguagem e às dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso, quais sejam: a função *identitária*, a função *relacional* e a função *ideacional*.

Como explica Fairclough, por função *identitária* entende-se aquela que se relaciona aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; a função *relacional* refere-se a como são representadas e negociadas as relações sociais entre aqueles que participam do discurso, e a função *ideacional* representa os modos como os textos representam o mundo, seus processos, entidades e relações. Cabe, aqui, lembrar que as funções *identitária* e *relacional* são reunidas por Halliday (1978) como função *interpessoal*, a qual será retomada mais adiante, junto com as funções *ideacional* e *textual*.

Retomemos, agora, a caracterização de texto na perspectiva da ADC.

Segundo Fairclough (2003), textos são vistos como partes de eventos sociais. Constituem, além da fala, uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir e interagir no curso de eventos sociais, embora não sejam os únicos meios. Alguns fatores podem ser determinantes para que um determinado texto apresente suas características intrínsecas, dessa forma, pode-se dizer que existem dois poderes 'causais' que moldam textos: de um lado, a estrutura e a prática social; de outro, agentes sociais, ou seja, as pessoas envolvidas nos eventos sociais.

Os agentes sociais tecem textos, configuram relações entre elementos de textos. A gramática natural de uma língua, por exemplo, permite certas combinações e ordenamentos de formas gramaticais e não outras; caso o evento social seja um discurso de formatura ou a celebração de um casamento, há convenções de gênero que a organizam. Ainda assim, os agentes sociais têm grande liberdade na composição dos textos.

Nessa perspectiva, deve-se destacar que há uma relação indissociável entre eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais. As estruturas sociais, entidades abstratas (como uma estrutura econômica, uma classe social, um sistema de castas), formam um grupo de possibilidades. Entretanto, a relação entre o que é estruturalmente possível e o que de fato se realiza, entre estruturas e eventos, é bastante complexa. Essa relação é mediada pelas chamadas 'práticas sociais'.

As práticas sociais, portanto, podem ser consideradas como meios de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras, bem como a retenção dessas seleções no decurso do tempo, em áreas particulares da vida social. Essas práticas sociais são estabelecidas em rede, de forma particular, mas passível de mudança. Um exemplo bastante atual, ilustrado por Fairclough (2003), é a maneira

como as escolas e as instituições particulares de ensino superior apresentam suas propostas pedagógicas: o discurso que se percebe hoje é o da ‘marquetização’, em outras palavras, a educação tornou-se um produto de venda.

De um modo bastante objetivo, Fairclough (2003) sugere a seguinte distribuição para chegarmos aos significados da linguagem.

Estrutura social: línguas
Práticas sociais: ordens de discurso
Eventos sociais: textos

As línguas formam parte de uma estrutura social. Uma língua determina certas possibilidades e exclui outras tantas, que não são possíveis em sua estrutura interna. Entretanto, os textos, sendo elementos de eventos sociais, não são apenas os efeitos dos potenciais definidos pelas línguas, é preciso reconhecer “entidades” organizacionais intermediárias de um tipo lingüístico específico, os elementos lingüísticos de redes de práticas sociais: as ordens de discurso.

A ordem do discurso é uma rede de práticas sociais presente no aspecto lingüístico. Os elementos de ordens de discurso, que não são apenas coisas que estariam no nível das estruturas lingüísticas (como nomes ou sentenças), são os discursos, gêneros e estilos. Esses elementos determinam certas possibilidades, isto é, controlam a variabilidade lingüística para certas áreas da vida social. Desse modo, ordens de discurso podem ser definidas como a organização e o controle social da variação lingüística e os seus elementos (discursos, gêneros e estilos) são, correspondentemente, categorias que não são puramente lingüísticas, mas que se estabelecem entre a linguagem e a ‘não-linguagem’, isto é, entre o que é considerado discursivo e o que não é discursivo. Quanto aos textos, não podem ser vistos apenas como efeitos de estruturas

lingüísticas e de ordens de discurso, mas como resultado de outras estruturas sociais e de práticas sociais em todos os seus aspectos, de maneira que se torna difícil separar os fatos que os moldam.

No que concerne ao discurso, pode-se dizer que ele figura de três principais maneiras na prática social, o que pode ser expresso no esquema abaixo.

Gênero (modos de agir)
Discursos (modos de representar)
Estilos (modos de ser)

Como bem observa Fairclough (2003), pode-se agir e interagir por meio da fala ou da escrita, sempre através de um gênero textual. Desse modo, o discurso se apresenta primeiramente como “parte da ação”. É possível distinguir diferentes gêneros como diferentes formas de agir discursivamente (as entrevistas, realizadas com adolescentes, são um gênero textual). Por um lado, o discurso também se faz presente nas representações que são partes de práticas sociais (representações do mundo material, de outras práticas sociais ou representações próprias reflexivas da prática em questão). E, por outro lado, o discurso se apresenta conjuntamente com expressões corporais, ao constituir modos particulares de ser e de representar o mundo, identidades sociais ou pessoais: os estilos, que nada mais são do que as formas com que cada um se expressa e se apresenta ao mundo, o modo pessoal de se identificar e se representar.

Quanto aos textos, a Lingüística Sistêmico-Funcional afirma que possuem simultaneamente três funções, quais sejam: a ‘ideacional’, a ‘interpessoal’ e a ‘textual’. Como sugere Halliday (1975), a função é uma propriedade fundamental da língua. Isso significa que os textos, ao mesmo tempo, representam aspectos do mundo (físico, social e mental); interpretam as relações sociais entre participantes de eventos sociais, assim

como suas atitudes e valores; conectam textos com seus contextos situacionais. Os textos podem ser considerados “multifuncionais”, segundo a distinção entre gêneros, discursos e estilos como as três principais maneiras com que o discurso se apresenta como parte da prática social: modos de agir, modos de representar, modos de ser. Em outras palavras, o discurso se faz presente na relação do texto com o evento, no que há de mais amplo no mundo físico e social, no envolvimento das pessoas nos eventos. É possível ver ação, representação e identificação, simultaneamente, em textos inteiros e em pequenas partes de textos.

Portanto, podem-se resumir os principais tipos de significações da seguinte forma:

Ação
Representação
Identificação

Sempre segundo Fairclough (2003), focalizar a análise de textos na interação de ação, representação e identificação traz uma perspectiva social para a essência do texto, para o seu interior, para o seu mais afinado detalhe.

3.4 As funções da linguagem

Uma das propriedades mais importantes da mente humana é a linguagem que o homem emprega para significar e entender o mundo, comunicar-se com os outros, enfim tentar alcançar uma relação harmônica com o que o cerca. A linguagem humana é fundamentalmente diferente da linguagem animal, pois envolve a representação simbólica de conceitos e diversos tipos de relações entre eles, possibilitando um número infinito de enunciados a partir de um número finito de símbolos. A linguagem e o

pensamento se misturam à medida que a capacidade de comunicação simbólica se desenvolve.

Como bem observa Silva (2005:38-39), Halliday (1975:147) mostra que a linguagem evolui com a espécie humana e que esta teria começado sem qualquer gramática. Nesse sentido, Halliday considera que o sistema gramatical da linguagem está ligado às necessidades pessoais e sociais que a língua tem de satisfazer e que, por isso, a gramática pode ser compreendida como “sistema de opções disponíveis na língua”, sendo que o falante ou escritor poderia realizar suas escolhas dentro deste sistema, portanto, no contexto real de situações de fala e de escrita.

Comentam Cunha e Souza (2007) que a linguagem desempenha um papel central na vida humana, permeando as atividades dos seres humanos, mediando suas interações, servindo, enfim, como meio de expressão do pensamento. Lembram as autoras que um dos pressupostos teóricos fundamentais dos estudos sistêmico-funcionais determina que é o uso que cada falante faz da sua língua que modela o sistema lingüístico. A abordagem sistêmica pode ser entendida como funcional, semântica, contextual e semiótica.

Na base da LSF está a idéia de que, no plano semântico-discursivo, as línguas estão funcionalmente organizadas em torno de três componentes funcionais – as chamadas metafunções – que definem as dimensões do seu espaço semântico. Segundo Halliday (1978), as metafunções da linguagem se dividem em: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* e efetivam um dos princípios mais importantes da teoria sistêmico-funcional. De acordo com esse princípio, a organização das línguas naturais possibilita a realização simultânea dessas três funções, presentes em qualquer uso da linguagem. Para a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) todo texto é multidimensional e, portanto,

realiza mais de um significado simultaneamente, tendo em vista as metafunções que organizam funcionalmente a linguagem.²

- A metafunção *ideacional* é o reflexo da experiência e da visão que os falantes possuem da realidade que os cerca e de seu próprio mundo da consciência, do modo como representam lingüisticamente suas experiências. Essa função representa/constrói os significados de cada experiência, tanto do mundo exterior (social) quanto no mundo interior (psicológico), por meio do sistema de transitividade, o que significa a sentença como processo (que será ilustrado mais adiante). Em: “*Eu **moro** com a minha mãe, aqui na Asa Sul. Eu **estudo**, **faço** futebol, **jogo** bola com os meus amigos...não **gosto** muito de estudar algumas matérias*”(Carlos, 15 anos), os verbos escolhidos se combinam para traçar o perfil de alguém, para construir uma imagem que nos apresente o jovem Carlos.

- A metafunção *interpessoal* é a expressão de interação entre falantes e das suas formas de ação em sociedade. Ela representa a troca e os papéis assumidos pelos participantes mediante o sistema de modo (indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e modalidade (auxiliares modais, elementos modalizadores), o que significa a sentença como ato de fala. Nessa função, está a idéia dos *atos de fala*, que evoca o pensamento de Austin (1962) e de Searle (1976), para quem os enunciados lingüísticos são formas de interação social que geram compromissos e, por essa característica, correspondem a formas de ação

² Os exemplos abaixo foram colhidos de falas dos adolescentes que colaboraram, com seus relatos, para a presente pesquisa.

que precedem outras ações.³ No exemplo: “*Nós todos não queremos ser felizes com nossas famílias?*” (Flávio, 15 anos), tanto o uso da primeira pessoa do plural, no modo indicativo, quanto a forma interrogativa dialogam de forma direta e explícita com o interlocutor.

- A metafunção *textual* é a produção textual, falada e/ou escrita, organizada de modo coerente. Ela se liga ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema temático. O exemplo “*Só isso...meu pai mora no Lago Sul. Eles se separaram tem cinco anos...e ele não casou de novo. Já a minha mãe... ‘tá’ namorando.*” (Cláudio, 15 anos), ilustra a função textual através do uso de mecanismos de coesão textual, como a retomada do termo “meu pai” pelo pronome pessoal “ele”.

É preciso enfatizar que essas funções ocorrem simultaneamente e que, na proposta teórica da LSF, cada elemento de uma língua é explicado por referência a sua função no sistema lingüístico como um todo. Em suma, na LSF, uma língua é interpretada como um sistema semântico, que compreende todo o sistema de significados da língua.

A oração, unidade básica para a análise léxico-gramatical na LSF, é a realização conjunta desses três significados: uma *representação* (significado como conteúdo); uma *troca* (significado como forma de ação); e uma *mensagem* (significado como relevância para o contexto). Para a LSF, usamos a linguagem para interagir com o outro, para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social em que elas ocorrem.

³ O caráter de ação do ato de fala deve-se à sua capacidade de criar novas realidades no mundo. Dessa forma, esses autores questionam a visão meramente representacional da linguagem, que se restringe a reconhecer, apenas, a sua condição de representação de realidades do mundo objetivo, de simplesmente nomear objetos preexistentes.

Dessa forma, acabamos interpretando e representando o nosso mundo e o mundo do outro. Essa é uma parte natural de nossas vidas utilizada para relatar as experiências construídas de modo individual e coletivo; e é um meio de representar o conhecimento e de construir significados (cf. Halliday; Matthiessen, 2004).

Quanto ao posicionamento de Fairclough (2001:58), este defende a idéia de que a análise de discurso cuida do funcionamento deste na transformação criativa de ideologias, práticas e do funcionamento que assegura sua reprodução. Enfatiza Fairclough que o discurso é uma forma de ação e de representação, isto é, nós agimos discursivamente e representamos no discurso o mundo que nos cerca, por isso ele contribui tanto para a reprodução como para a transformação das sociedades, razão pela qual focar-se-á a função *ideacional*, sobretudo, como espaço do significado *representacional* da linguagem.

3.4.1 A função ideacional e a transitividade

Halliday (1985) define a linguagem como um sistema semiótico social e um dos sistemas de significado que compõem a cultura humana. Nesse sentido, a linguagem, o texto e o contexto, juntos, são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência dos seres humanos. Dessa forma, as formas léxico-gramaticais, como a transitividade, são estudadas em relação a suas funções sociais.

A transitividade é uma categoria gramatical relacionada à metafunção *ideacional* da LSF e refere-se à representação das idéias e das experiências humana, sejam elas do mundo real ou da consciência. Essas experiências são normalmente entendidas como um curso de eventos, atos ligados ao agir, dizer, sentir, ser e ter, sendo a transitividade a

responsável pela materialização desse conjunto de atividades, representado pelos tipos de processos (verbos), com cada tipo revelando um *pedaço* da realidade.

De acordo com Cunha e Souza (2007), na visão de Beaugrande (1991), a LSF define a transitividade como sendo a *gramática da oração*, isto é, como uma unidade estrutural que serve para expressar uma série de significados ideacionais ou cognitivos. Trata-se, portanto, de uma base da organização semântica da experiência que aponta tanto a oposição entre verbos transitivos e intransitivos, como um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades.

O sistema de transitividade permite-nos, na realidade, identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso, assim como as realidades que estão sendo retratadas. De acordo com o sistema de transitividade, existem seis tipos de processos (verbos) – materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais – que se encontram associados a *participantes* específicos e circunstâncias variadas, são os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, expressar idéias e sentimentos, construir, enfim, o modo de dizer e de existir, realizando-se por meio de sintagmas verbais e nominais. Os *participantes* são os elementos envolvidos com os processos, de modo obrigatório ou não, realizando-se por meio de sintagmas nominais. As *circunstâncias* são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, as quais se realizam por meio de advérbios ou de sintagmas adverbiais.

Cabe, aqui, destacar que três tipos de processos são considerados principais, quais sejam: os *materiais*, os *mentais* e os *relacionais*; e outros três apontados como processos secundários: os *comportamentais*, os *verbais* e os *existenciais*. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), os processos secundários estariam nas fronteiras entre os

tipos principais, seriam, então, intermediações que preservariam certas características dos processos que os rodeiam, conforme ilustra a figura abaixo.⁴

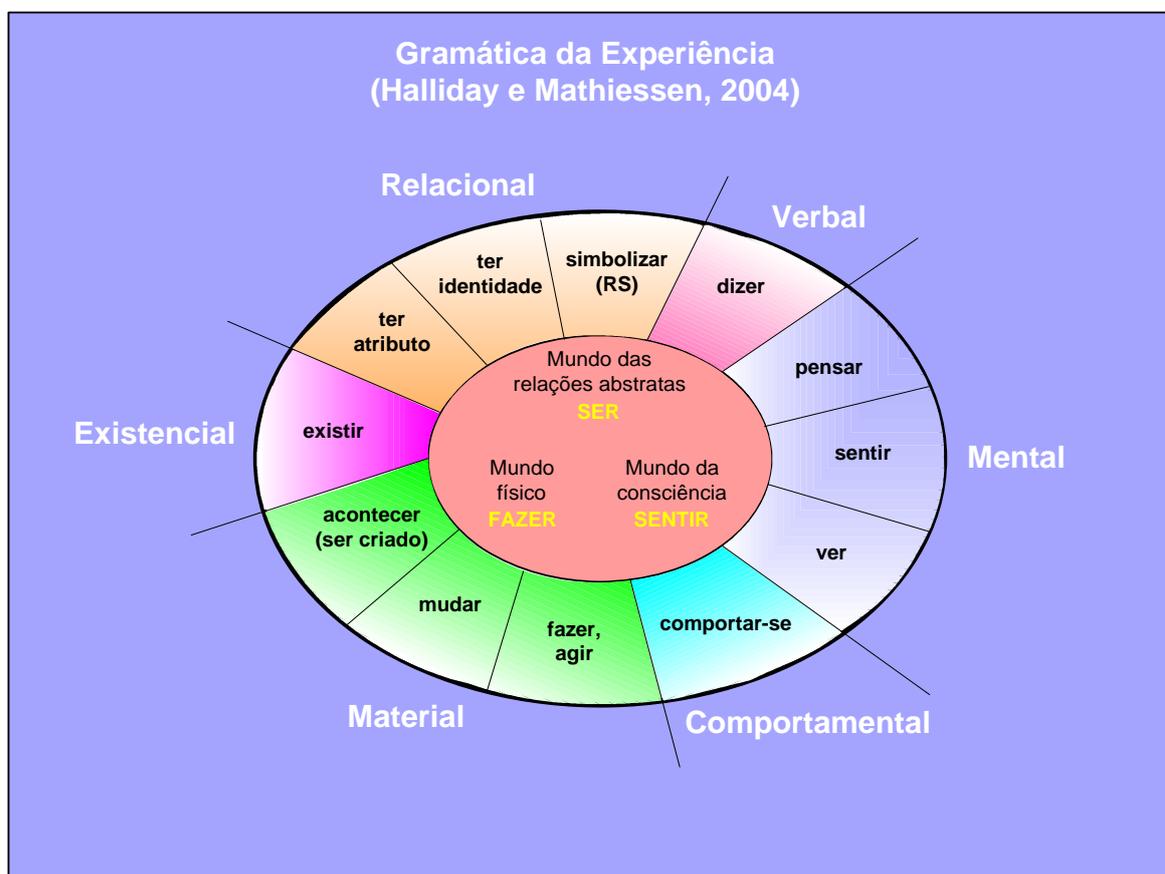


Figura 3.2 – Os processos de transitividade

Fairclough e Suzanne Eggins, com base na Gramática da Experiência, ilustrada acima, explicam os seis processos de transitividade, os quais exemplificamos com dados empíricos, colhidos em entrevistas realizadas com adolescentes.

⁴ A gramática da experiência: tipos de processo em inglês (adaptado de Halliday; Matthiessen, 2004, p.172)

i) Processo material: apresenta verbos que envolvem “processos de fazer” (em inglês, os chamados processos de *doing*), isto é, ações concretas, tangíveis, “materiais”. Nesse processo, o que se percebe é a idéia de realizar, desenvolver uma ação.

Ex: “Eles **brigam** comigo, me **colocam** em reforço escolar...”

“Eles **trabalham...trabalham** muito.” (Fabrício, 15 anos)

ii) Processo mental: apresenta verbos que carregam idéia de cognição, percepção, afeição, processos ligados ao mundo das sensações (*feeling*), ao mundo interior, ao mundo da consciência (*sensing*). Nesse processo, o enfoque não está nas ações, no que as pessoas fazem, mas no que elas pensam ou sentem.

Ex: “Bem...boa filha eu **acho** que eu sou, mas eu não **sei** se eu sou boa irmã, não”

(Gigi, 13 anos)

iii) Processo verbal: apresenta verbos de “ação verbal”, isto é, verbos “de dizer” (em inglês, *saying*). Nesse processo, o que se mostra é o processo de ação verbal (**verbiage**), o *dizer* e todos os seus sinônimos.

Ex: **Perguntei** a ele o que fazia.

Ele **disse** a ela coisas inaceitáveis.

iv) Processo comportamental: é apresentado como um “meio termo” entre o processo mental e o material. Trata-se de um processo de ações conscientes (*behaving*). Nesse

processo, as ações que ocorrem são experienciadas de modo consciente. Os processos comportamentais são processos que envolvem comportamento físico e psicológico.

Ex: A pobre mulher **assistiu** à operação.

O adolescente **chorou** por horas a fio.

v) **Processo existencial:** processo que envolve a idéia de existência. Ocorre com o verbo **haver** (em inglês, *there*). Processos deste tipo são conhecidos como processos de *existing*.

Ex: **Havia** dois homens suspeitos no local.

Há neve na calçada.

vi) **Processo relacional:** processo que envolve uma relação entre dois termos, relação intermediada pelo verbo *ser* ou um sinônimo. Aparece ligado a circunstâncias de atributo ou de posse (envolvem processos conhecidos como *being*). Nesse processo, o que está em destaque é a idéia da relação que se estabelece entre um ser e o que a ele é atribuído.

Ex: “A minha mãe e o meu pai...**eram** namorados” (Vitório, 17 anos)

“Meus pais **são** separados” (Márcia, 13 anos)

“Eu sei que ele **tem** trinta e oito anos” (Ana, 15 anos)

Cunha e Souza (2007:60) sugerem um esquema que sumariza os tipos de processo existentes, a significação de cada um e os participantes a eles associados, conforme ilustrado no Quadro 3.1 abaixo.

Quadro 3.1 - Os processos verbais existentes, seus significados e seus participantes

Processo	Significado	Participantes Obrigatórios	Participantes Opcionais
Material	Fazer,acontecer	Ator	Meta/Extensão/Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador/Fenômeno	-----
Relacional	Ser		
atributivo	Classificar	Portador e Atributo	-----
identificador	Definir	Característica e Valor	
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-----
Comportamental	Comportar-se	Comportante	<i>Behavior</i>

Cabe, aqui, esclarecer o seguinte: o processo relacional tem como significados categóricos as ações de classificar (“atribuindo”) e de definir (“identificando”), além da ação de ser, cujo significado é “sendo”.

As autoras mencionadas acima destacam também um importante componente do sistema de transitividade, referente às condições e coerções relacionadas ao processo. Trata-se das circunstâncias realizadas gramaticalmente por advérbios ou sintagmas adverbiais e ocorrem livremente em todos os tipos de processo, normalmente, com a mesma significação que lhe é comum, onde quer que ocorram. As principais circunstâncias são: de extensão (duração espacial e distância temporal), de causa, de localização (tempo, lugar), de assunto, de modo, de papel, de acompanhamento.

Em síntese, a análise da transitividade leva em conta três aspectos: a seleção do processo, a seleção dos participantes e a seleção das circunstâncias. A união desses componentes – processo, participantes e circunstâncias – faz com que as experiências e conteúdos codificados no texto sejam compreendidos em toda a sua extensão. Depreende-se, de acordo com as teorias da LSF, que uma análise do sistema de transitividade de um texto permite esclarecer de que maneira os sentidos foram construídos, porque podemos descrever o que está sendo dito sobre um determinado assunto e como as mudanças na construção do significado estão sendo realizadas.

3.4.2 Os processos de transitividade e o significado representacional da linguagem

Nesta seção, estabeleço uma relação dialógica entre os processos de transitividade da língua e o significado representacional da linguagem sugerido por Fairclough (2003), os quais resultam da função ideacional hallidiana. Para tanto, retomo as três funções da linguagem sugeridas por Halliday (1975, 1978) e procuro mostrar que, enquanto a função ideacional consiste na expressão do conteúdo da experiência do falante/escritor em relação ao mundo real (incluindo as noções de tempo e espaço) e ao mundo interior da consciência, o significado representacional encontra-se expresso no discurso, nível em que se configura a representação de aspectos do mundo (físico, mental, e social) em textos (cf. Silva, 2007).

O esquema abaixo, colhido em Silva (2003:60-61), sintetiza as funções da linguagem⁵ propostas por Halliday (1975, 1978), além de refletir o que está por trás de uma oração. A propósito, o arranjo que existe dentro de uma oração concentra parte da carga semântica daquilo que Fairclough (2001) aponta como “força dos enunciados”.

Vejam os:

- função ideacional, que consiste na expressão do conteúdo, da experiência do falante em relação ao mundo real (incluindo as noções de tempo e espaço) e ao mundo interior de sua própria consciência→ implica transitividade (a sentença como processo – material, mental, relacional, verbal), uma vez que a linguagem estrutura a experiência e contribui para determinar nossa visão de mundo;
- função interpessoal, que consiste na interação entre as expressões dos papéis sociais, o desenvolvimento da personalidade do falante e a expectativa do interlocutor→ concerne ao modo/modalidade (a oração como ato de fala), servindo para expressar tanto o nosso mundo interno quanto o nosso mundo externo;

⁵ As funções da linguagem que estão sendo rerepresentadas, na verdade, estão sendo retomadas, uma vez que já foram mencionadas na seção 3.4 do presente capítulo.

- função textual, que consiste na construção e na organização de textos envolve tema e informação (a sentença como mensagem), o que permite ao ouvinte/leitor distinguir um texto de um conjunto de orações agrupadas ao léu, porque compreende coesão e ligações com contextos situacionais.

A exemplo de Halliday, Fairclough (2003) também considera que os textos são “multifuncionais”, mas prefere ressaltar que há três principais maneiras com que o discurso se apresenta como parte da prática social – os modos de agir, os modos de representar, os modos de ser. A *representação* corresponde à função “ideacional” de Halliday; a *ação* se aproxima de sua função “interpessoal”, embora a ênfase maior seja no texto como modo de (inter)agir em eventos sociais, e possa ser visto como que incorporando a *relação* (representando relações sociais). Cabe, aqui, registrar que Halliday não diferencia uma função separada para identificação – a maior parte do que Fairclough considera como identificação se encontra na função “interpessoal” de Halliday. Embora Fairclough não dê destaque à função “textual” como o faz Halliday, incorpora à mesma o significado acional.

Postula Fairclough que há uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos, identificação e estilos. Gêneros, discursos e estilos são, na ordem, *meios* relativamente estáveis e duráveis de agir, representar e identificar. São considerados elementos de ordens de discurso no nível da prática social. Quando se analisam textos específicos como partes de determinados eventos, realizam-se duas tarefas interligadas: I. consideração em termos dos três aspectos do significado (Ação, Representação e Identificação) e como são realizados nos diferentes traços de textos (vocabulário e gramática, por exemplo); II. estabelecimento da ligação entre o evento social concreto e a prática social mais abstrata ao perguntar que gêneros, discursos e estilos estão ali delineados, e como os diferentes gêneros, discursos e estilos se articulam no texto?

A representação, proposta por Fairclough, é uma forma de recontextualização. Portanto as redes de práticas sociais específicas e seus gêneros relacionados apresentam princípios de recontextualização específicos, que tendem a favorecer certas inclusões, exclusões, certo grau de concretização ou abstração/generalização, bem como modos característicos de organizar, explicar, legitimar e avaliar os fatos. Pode-se observar a existência de seis tipos diferentes de Processo (material, verbal, mental, relacional e

existencial), sendo que eles podem ser representados de forma congruente ou metafórica por diferentes tipos de processo ou por meio da nominalização dos processos.

Dessa forma, a representação dos agentes sociais (participantes) está ligada a um número de escolhas a serem feitas, e aí se incluem as noções de: ativo e passivo, pessoal e impessoal, nome ou classificação, específico e genérico, assim como as noções de inclusão e exclusão. Também se insere nesse contexto o uso de pronomes em detrimento de substantivos. Essas escolhas apresentam um significado social, no que diz respeito ao significado que querem representar. O significado representacional, portanto, se mostra no discurso, quando os aspectos do mundo são expressos nos textos.

Quanto à função ideacional hallidiana, esta se revela na expressão do conteúdo, da vivência de mundo do falante em relação ao que o cerca tanto no plano real e externo (incluindo as noções de tempo e espaço) quanto no plano interior de sua própria consciência, uma vez que a linguagem estrutura a experiência e contribui para determinar nossa visão de mundo, construída por meio de nossas vivências.

O que se deve enfatizar é que gêneros, discursos e estilos não são categorias puramente lingüísticas, já que se inserem no plano semântico-discursivo, o que buscarei trabalhar na análise dos dados empíricos.

3.5 Algumas considerações

Neste capítulo, procurei apresentar alguns conceitos teóricos que darão suporte à discussão e à análise do tema tratado em minha pesquisa. Dessa forma, proponho uma união entre a teoria e a realidade apresentada nos relatos dos adolescentes que colaboraram com o presente estudo, de modo que possa, por meio dos pilares da teoria da Análise de Discurso Crítica, fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional, apoiar a idéia que apresento: os problemas de negligência familiar apresentados no discurso de adolescentes de classe média. Para tanto, foi de fundamental importância, a meu ver, visitar as reflexões acerca de identidade e poder, nas visões de Castells (2002), Foucault (1979), Hall (1987), Bauman (2001) e Setton (2006), aliadas a propostas teóricas, sobretudo, assinadas por Halliday e Matthiessen (2004), Fairclough (2003) e reforçadas por Eggins (2003).

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA QUALITATIVA: ESCOLHA POR UM CONTATO DIRETO COM O OBJETO DE ESTUDO

Apresentação

O estudo do discurso de adolescentes de classe média no que concerne à *família* – seus laços familiares, seus desajustes, suas dificuldades – diante de uma relevante mudança de valores e padrões comportamentais na sociedade atual – foi a razão pela qual optei por uma metodologia de caráter qualitativo. Este capítulo tem como objetivo a apresentação da abordagem metodológica escolhida, bem como dos métodos utilizados na coleta de dados. O capítulo é dividido em cinco seções e duas subseções: A seção 4.1, intitulada *A Metodologia qualitativa*, apresenta as características da metodologia escolhida e as razões de sua escolha; a subseção 4.1.1, chamada *Observação participante: início da geração de dados*, trata da observação participante e da geração de dados; a subseção 4.1.2, denominada *A entrevista narrativa: histórias de vida individual e social*, define a observação participante e explica a opção por esse tipo de metodologia; a seção 4.2, chamada *Entrevistas: procedimentos metodológicos*, explicita a escolha e a realização das entrevistas, durante o período de coleta de dados; a seção 4.3, que nomeei *As gravações dos dados principais*, trata da realização das

gravações dos meus colaboradores; a seção 4.4, a que chamei *A origem dos dados complementares*, apresenta a maneira como os dados documentais foram coletados e de que forma validaram os dados encontrados; a seção 4.5 tem como título *O perfil dos entrevistados: um estudo com jovens de classe média*, e traz o perfil social e familiar dos adolescentes que colaboraram com a presente pesquisa.

4.1 A metodologia qualitativa

A pesquisa social tem sido marcada pela valorização de estudos que empregam métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Atualmente, outra forma de abordagem tem-se destacado e modificado os tradicionais modelos de investigação: a pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa vem ganhando espaço em áreas como a Psicologia, a Educação e a Administração de Empresas. O que a torna diferente da pesquisa quantitativa é que ela não tem como objetivo quantificar, medir eventos, não tem o seu foco em dados estatísticos, mas apresenta um amplo foco de interesse que parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Esse tipo de pesquisa permite que se obtenham dados descritivos a partir do contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nessa circunstância, o pesquisador vai fazer suas investigações com base na perspectiva dos participantes da situação em estudo e, assim, tirar suas próprias conclusões acerca dos fenômenos estudados.

A metodologia qualitativa leva o pesquisador a um mergulho profundo no mundo trazido pelos informantes da pesquisa, assim como na realidade dos dados coletados. As situações e problemas vividos pelos colaboradores, base da pesquisa desenvolvida, têm uma veracidade diferente para quem faz uma investigação cujo pilar

é o estudo qualitativo. Nesse aspecto, acabam-se vivenciando experiências partilhadas por meio de depoimentos com os quais o pesquisador consegue enxergar através dos olhos e dos relatos de quem traz à tona suas experiências.

Uma vez que toda pesquisa social apóia-se em dados sociais, os métodos utilizados para o delineamento da pesquisa, bem como a geração de dados empíricos estarão também balizados por princípios qualitativos tais como: a) a observação sistemática de acontecimentos; b) técnicas de entrevista e c) uma análise de documentos sistemática. Numa pesquisa de natureza qualitativa os fenômenos são analisados no contexto em que eles emergem. Os procedimentos metodológicos que viabilizam pesquisas dessa natureza envolvem sempre a observação participante, além do recurso de entrevistas para a coleta de dados e do levantamento documental. No caso do presente estudo, problemas de desajuste familiar se refletem no discurso de adolescentes, o que se configura como um pilar de análise.

Nessa abordagem metodológica, é fundamental a compreensão dos mundos da vida das pessoas que colaboram (informantes/pesquisados) para que o estudo seja levado a cabo. Nas palavras de George Gaskell (2002:68): a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.

Como se pode depreender desses pontos mencionados, faz-se necessário levar em conta as interpretações que os atores sociais têm do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria, na maioria das vezes, o próprio mundo social.

Sempre tomando como referência Bauer e Gaskell (2002), toda pesquisa feita com entrevistas envolve um processo social, uma situação de interação ou um empreendimento em que as palavras tornam-se o meio principal de troca. São idéias e significados nos quais diversas realidades e percepções de mundo são exploradas e

desenvolvidas. Dessa forma, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma “negociação de realidades”, ou seja, o sentido não é uma tarefa individual ou privada, mas é sempre influenciado pelo ‘outro’, concreto ou imaginado.

Uma vez que a metodologia que norteia o presente trabalho é de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), é necessário que se conheça a representação de mundo que cada entrevistado traz de sua realidade. Bauer e Gaskell (2002) ressaltam que um objetivo importante do pesquisador qualitativo é que ele se torna capaz de “ver através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados”; em outras palavras, o “mergulho” que o pesquisador faz no mundo dos entrevistados permite que ele partilhe das mesmas experiências e idéias de seus colaboradores.

Quanto aos procedimentos metodológicos, buscou-se realizar a) observação participante; b) entrevistas individuais com adolescentes para a geração de dados básicos e c) pesquisa documental para colher dados complementares. Na entrevista qualitativa, é necessário que alguns passos sejam seguidos, embora não devam necessariamente estar em uma seqüência linear. O processo de pesquisa é de natureza circular e reflexiva, ou seja, pode mudar. Da mesma forma, a análise é parte do contínuo processo de pesquisa.

As entrevistas individuais, procedimento utilizado para as pesquisas, têm como um dos objetivos explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo. Trata-se de experiências individuais detalhadas, assuntos de sensibilidade particular que podem provocar ansiedade. Um objetivo importante do pesquisador qualitativo é ser capaz de perceber as nuances das narrativas e respostas daqueles que estão sendo pesquisados, desenvolver a sensibilidade de captar detalhes subtendidos em tons de voz ou períodos de silêncio. Em alguns momentos das entrevistas, foi possível perceber, inclusive, uma certa tensão de alguns adolescentes durante seus relatos e, algumas vezes, um desconforto.

Tomando-se os procedimentos exigidos pela entrevista qualitativa, têm-se os seguintes passos:

1. preparação do tópico guia (no caso, o questionário respondido pelos alunos acerca do tema *família*);
2. seleção do método de entrevista: individual, grupal ou uma combinação dos dois (foram feitas entrevistas individuais);
3. delineamento de uma estratégia para a seleção dos entrevistados (no presente estudo, a observação do que determinados alunos expunham sobre suas realidades familiares, em sala de aula foi a base da escolha dos entrevistados);
4. a realização das entrevistas (gravadas no período de duas semanas);
5. a transcrição das entrevistas (feita durante oito semanas).
6. análise do *corpus* do texto (realizada no decorrer da pesquisa).

4.1.1 Observação participante: início da geração de dados

A observação participante é aquela na qual existe a presença de um observador, durante uma situação natural de seus colaboradores, em que estes são observados, com o objetivo de se fazer pesquisa. A partir da observação e da “convivência” com os informantes, será possível definir os rumos da pesquisa, assim como proceder à geração de dados.

Escolhi como colaboradores da minha pesquisa adolescentes de classe média de uma escola particular confessional de Brasília, escola onde trabalho como professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio. Antes que os alunos

fossem entrevistados, foram observados por alguns meses, durante a minha docência em sala de aula. Enquanto durou o processo de observação, tempo necessário para que o conteúdo previsto para aquele bimestre fosse concluído, optei por uma posição de participante total. Como investigadora, assumi o papel de um observador que, em princípio, não revela ao grupo investigado suas verdadeiras intenções. Para eles, não estava ali como investigadora, mas apenas como a professora que ministrava aulas de língua portuguesa e conduzia as discussões sobre o tema, no caso *família*. Enquanto cumpria o meu conteúdo programático, já podia tomar conhecimento de suas impressões acerca dos núcleos familiares nos quais se inseriam.

Uma vez que eram meus alunos, participaram de vários trabalhos durante suas aulas regulares, com textos e debates que versavam sobre os problemas da atualidade, sobretudo, problemas familiares e valores da sociedade pós-moderna. Dessa forma, a observação tornou-se fácil, uma vez que os debates que tinham como tema o assunto *família* ocorriam de forma natural, já que faziam parte das próprias aulas.

No momento em que opta pela observação participante, quem pesquisa precisa ter em mente que existem diferentes formas de observação. É necessário, pois, que o pesquisador opte pelo tipo de observação que mais convenha aos objetivos da pesquisa e que também facilite o processo de coleta de dados. Estabelecer uma linha de conduta e deixar claro a quem vai ser entrevistado qual será o procedimento utilizado na coleta de dados é de suma importância, tanto para o pesquisador quanto para quem fornece os dados.

Tendo em vista o longo período de observação, durante muitas semanas de aula, foi possível perceber quais os alunos de cada turma apresentavam consideráveis problemas familiares e como se sentiam a esse respeito. De posse de informações familiares dadas por eles, e posteriormente confirmadas pela orientadora educacional,

foi possível fazer uma escolha de alguns alunos, a fim de aprofundar a pesquisa sobre família por meio de entrevistas.

Os debates propostos aos estudantes, durante as aulas, giraram em torno do tema *a família de antes e a família de hoje: diferenças e semelhanças*, tema ilustrado em uma das unidades do livro didático utilizado. Eles questionam a respeito de como era a vida dos pais daqueles jovens na adolescência, como era o relacionamento que esses pais tinham com seus pais (os avós deles), como seus pais julgavam a educação de hoje (muito permissiva, pouco permissiva), se seus pais achavam que a juventude e a sociedade hoje eram melhores que as de antes.

Quanto à importância da família na transmissão de valores e na formação de uma identidade para a criança e o jovem, resalto as palavras de Almeida, Pacheco e Garcia (2006:142-3):

As práticas educativas pressupõem sempre a ação de uma geração mais velha sobre uma mais nova, visando ensinar valores, normas, desenvolver comportamentos adequados, impor limites, enfim, levar as pessoas a se integrar de forma adequada à sua realidade social e cultural. Porém, a grande questão dos adultos, que têm sob sua chancela a educação de crianças e/ou adolescentes, é: Como fazer as crianças e os adolescentes se comportarem como os adultos julgam correto?

O grande problema de relacionamento entre adultos e jovens está, sobretudo, na diferença de pontos de vista, isto é, na diferença de visão de mundo que existe entre pais e filhos ou pais e professores. As normas de convivência e comportamento impostas pelos mais velhos, responsáveis pela conduta e seguranças das crianças e adolescentes, muitas vezes não são aceitas pela geração mais nova, o que acaba ocasionando o famoso “choque das gerações”.

Isso evoca também os estudos de Biasoli-Alves (1997), Caldana e Silva (1997) que têm evidenciado o quanto as práticas educativas dos adultos têm sido objeto de dúvidas e incertezas, em função das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas.

Vejam os relatos dos jovens Rafael e Ana Marcela, que ilustram os questionamentos apontados acima.

Observemos, primeiramente, o discurso de Rafael.⁶

- (1) *“Meu avô... cara... era muito ruim. Minha mãe sofreu um bocado... Uma vez, ele, a minha mãe e a minha tia foram para a praia. Sabe... meu avô era fazendeiro, era muito rico, então... ele e as filhas foram pra praia e minha mãe disse que queria nadar. Então... depois que o sol já estava forte, ele falou pra minha mãe entrar na água com a minha tia... mas ela disse que não queria mais... saca? Daí... ele tirou o cinto... ele tava com o cinto na praia, ‘tá’ ligado? Então... subiu as calças e puxou minha mãe pelo cabelo e entrou com ela no mar. Aí... ele mergulhou a cara da minha mãe na água e ficou falando: “Você não queria nadar, miserável? Então... nada agora, que eu quero ver você nadar!” A minha tia... coitada... ficou vendo a minha mãe engolir água e começou a chorar. O meu*

⁶ Os nomes dos adolescentes foram substituídos por pseudônimos, de acordo com os princípios éticos da pesquisa.

‘vô’... era muito ruim. A única pessoa que ele gosta na família sou eu, saca? Ele me dá tudo o que eu quero, me dá até muito dinheiro, quando eu ganho dele no futebol. Outro dia... ele me deu dois mil reais! A minha mãe ficou doida... mas eu acho que ele só gosta mesmo é de mim.”

(Rafael, 13 anos)

No relato de Rafael, fica evidente a relação autoritária que o avô tinha com sua mãe e sua tia. A idéia de ser contrariado é inadmissível para o avô que, sendo um fazendeiro rico e poderoso, não admitia que sua autoridade fosse colocada em questão. Da mesma forma, acaba cobrando das filhas uma postura irrepreensível e age com firmeza e crueldade, quando desobedecido.

Em contrapartida, com o neto – um homem – o avô se mostra generoso e até joga futebol com ele, chegando a, inclusive, premiá-lo com uma quantia alta de dinheiro, quando ele consegue vencê-lo em uma partida (nesse caso, o fato de ter conseguido driblar a sua habilidade não é castigado, mas premiado).

Vejamos, agora, o discurso de Marcela.

- (2) *“Eu acho... que eu sofro muito mais com o meu pai do que com a minha mãe. O meu pai... tem muito ciúme de mim... porque eu sou mulher. A minha mãe... já me entende mais... acho que é porque ela é mulher também, e meu avô também tinha ciúme dela. Então... o meu pai não gosta que eu use maquiagem, ele acha que eu sou muito nova... daí que ...de vez em quando... eu quero ir pra uma festa e passo um pouquinho de blush, batom... essas coisas. Um dia... eu ‘tava’ quase saindo, ‘tava’ já na porta, quando o meu pai perguntou aonde era que eu ia pintada daquele jeito. Daí... eu não sei o que foi que me deu que eu respondi ele, assim*

...meio de grosseria, e ele esfregou a minha bochecha e a minha boca, pra tirar a maquiagem, sabe, e depois me deu um tapa na cara. Eu vi que na hora ele ficou ...assim... meio assustado, assim ...como quem não esperava fazer aquilo, mas ele é durão. Ele não deu o braço a torcer e não me pediu desculpas. Depois... ele veio assim... meio sem jeito... do jeito dele, tentando consertar, sabe? Foi difícil.”

(Marcela, 13anos)

Marcela apresenta sua situação familiar de forma bastante objetiva: o pai tem ciúme dela e a trata de modo tirano, assim como a mãe, segundo ela, também teria sido tratada por seu avô.

A jovem Marcela admite que desrespeitou o pai cuja reação foi violenta e inesperada: “ Eu vi que na hora ele ficou assim meio assustado, assim como quem não esperava fazer aquilo, mas ele é durão.” O fato de ter sido desrespeitado fez com que o pai, imbuído de sua máxima autoridade, agredisse a filha, atitude que, embora o tivesse atordoado, não fez com que ele se desculpasse, ainda que tivesse consciência do erro cometido. Os dois relatos servem para confirmar o quanto as práticas educativas dos adultos têm sido questionáveis, o que contribui para o enfraquecimento identitário dos jovens.

Os procedimentos metodológicos escolhidos para uma pesquisa que se proponha a fazer uma análise lingüística pedem um estudo da linguagem como prática social. Nesse aspecto, é importante que o “mundo” de cada colaborador seja conhecido pelo entrevistador, a fim de que ele possa compreender cada relato e, dessa forma, compreender a construção do mundo interno de cada jovem.

Segundo Silva (1984:92), “confiar é, acima de tudo, acreditar na ilimitada capacidade de adaptação que existe dentro de cada pessoa.” A autora ainda acrescenta

que a obediência deve ser uma vontade de cooperar com o adulto. Por essa razão, é imperioso que este adulto mereça a confiança e o afeto do jovem. Sempre segundo Silva, na vida adulta seremos tanto ou menos livres, quanto tiver sido a consideração e o respeito que nos dispensaram na infância e na adolescência, permitindo que fôssemos nós mesmos.

Nos dois relatos apresentados, é possível perceber a dificuldade que existe na comunicação entre pais e filhos. Para que o jovem se torne responsável e, acima de tudo, se sinta amado, é preciso que tenha a oportunidade de fazer escolhas, de dirigir ele mesmo seu comportamento, de ter suas idéias e opiniões, em suma, de ser considerado.

Postulam Almeida *et al* (2006:136) que, como forma de conhecimento socialmente construído e compartilhado, as representações sociais referem-se aos processos sociocognitivos que envolvem a pertença social dos indivíduos, suas histórias de vida, suas práticas sociais, bem como os modelos de conduta e pensamento que são socialmente transmitidos pela comunicação social e que participam da construção da realidade. Assim, estudar cientificamente o senso comum é o mesmo que compreender a construção psicológica e social de uma determinada realidade. Na Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Moscovici (2003), conhecimento científico e conhecimento de senso comum não se opõem.

4.1.2 A entrevista narrativa: histórias de vida individual e social

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002: 90-92), o estudo de narrativas conquistou uma nova importância nos últimos anos. O interesse em um tópico antigo – interesse em narrativas e narratividade tem suas origens na *Poética* de Aristóteles - está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na

conformação de fenômenos sociais. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva, narrativas como história, e narrativas como histórias de vida e histórias sociais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, lingüistas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos.

Na verdade, as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. A propósito, ao discutir a oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes, Silva (1991) aponta um padrão recorrente na construção do discurso narrativo, que se evidencia também entre adolescentes mexicanos (Silva, 2001). Por meio da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

As comunidades, os grupos sociais e as subculturas fazem seus relatos utilizando-se de palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social estudado constitui sua perspectiva de mundo – no caso da minha pesquisa, o grupo de adolescentes com o qual trabalhei – e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica.

Sempre segundo Jovchelovitch e Bauer (2002: 109,110), há uma série de questões que devem ser feitas sobre a relação entre narrativas e realidade, todas elas referentes às conexões entre o discurso e o mundo que está além dele. No primeiro

momento, a tarefa do pesquisador é escutar a narrativa de um modo desinteressado e reproduzi-la com todos os detalhes e considerações possíveis. Na verdade, a fidelidade na reprodução das narrativas é um importante indício de qualidade da entrevista de narrativa. Quanto a este primeiro momento do processo de pesquisa, destacam-se os seguintes pressupostos teóricos:

- A narrativa privilegia a realidade do que é *experienciado* pelos narradores: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador da história.
- As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo.
- As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.
- As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes.

Quando o pesquisador se depara com as realidades narradas de seus entrevistados (ou colaboradores), é preciso estar atento às representações feitas por eles

no decorrer de seus relatos e, quanto a este aspecto, vale registrar as palavras de Bauer (2002:110):

Para o pesquisador social – um ouvinte e um observador – a história narrada, qualquer que seja ela, possui sempre dois lados. Ela tanto representa o indivíduo (ou uma coletividade), como se refere ao mundo além do indivíduo. Assim como é necessário ter muita sensibilidade para perceber as imaginações e distorções que configuram toda narrativa humana, precisamos também prestar atenção à materialidade de um mundo de histórias.

As considerações destacadas acima evocam alguns aspectos apontados por Schütze (1977) e por Bruner (1990), uma vez que a narração reconstrói ações e contexto da maneira mais adequada. O ato de narrar mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator. É relevante destacar que a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido.

De acordo com Bauer (2002), a entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (colaborador) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história. Ao relatar sua vida, o colaborador coloca em evidência seu mundo interior e seus valores, de modo a trazer para o entrevistador uma história de vida que ambos passam a compartilhar. Com esse procedimento, colhi relatos de 15 adolescentes, que constituem a fonte dos dados empíricos básicos da pesquisa ora apresentada.

4.2 Entrevistas: procedimentos metodológicos

As entrevistas podem ser realizadas de forma individual ou grupal. As entrevistas individuais têm como objetivo explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo, de modo a fazer estudos de caso com entrevistas repetidas no tempo. Neste tipo de entrevista, apenas estão presentes o entrevistado e o entrevistador, já que a pesquisa se concentra em experiências individuais detalhadas, assuntos de sensibilidade particular que podem provocar ansiedade e que, por vezes, expõem detalhes íntimos da vida do entrevistado.

As entrevistas grupais costumam abordar assuntos de interesse público ou preocupações comuns, por exemplo, política, mídia, comportamento de consumidores, lazer novas tecnologias, ou seja, assuntos e questões de natureza relativamente não familiar, ou hipotética. Nessas entrevistas, o debate se torna aberto e acessível a todos, que são entrevistados ao mesmo tempo, e se torna uma troca de pontos de vista, idéias e experiências, de modo que não sejam privilegiados indivíduos particulares ou posições.

Os quinze jovens selecionados para a pesquisa de que trata o presente trabalho são oriundos da classe média e classe média alta de uma escola particular em Brasília. São adolescentes que, entre 13 e 17 anos, cursam a sétima série do ensino fundamental e o primeiro e segundo anos do ensino médio. Os jovens tiveram seus discursos gravados durante duas semanas, nos períodos de intervalo de suas aulas. É relevante destacar que os estudantes em questão não eram desconhecidos, já que eram, na ocasião, meus alunos de Língua Portuguesa, o que facilitou os trabalhos de gravação pela situação de proximidade cotidiana.

As gravações foram feitas em MP3, transferidas para um programa de computador e, posteriormente, transcritas. Como estímulo para que expusessem suas opiniões sobre o tema *família* e falassem sobre suas realidades familiares, foram submetidos a um questionário e discorreram sobre cada pergunta em tom de conversa informal. Nesse contexto, muito relevante foi o depoimento da orientadora educacional, uma vez que ela vivencia o dia-a-dia dos alunos – atuando como uma extensão dos núcleos familiares que serviram como base para a pesquisa – e detém a posse de importantes dados estatísticos, reforçadores da tese defendida.

As entrevistas realizadas foram de duas naturezas: uma feita com os alunos (de ensino fundamental e médio) e outra feita com a orientadora educacional.

As perguntas a que os alunos responderam foram as seguintes: 1) como eles definiriam família; 2) como viam (percebiam) suas famílias; 3) como percebiam o seu *papel* em família; 4) se já haviam sentido, em algum momento, medo de perder o amor de seus familiares; 5) o que fariam para ter um relacionamento familiar melhor e; 6) como gostariam que fosse a família que pretendiam formar no futuro.

A orientadora educacional respondeu ao seguinte questionário: 1) quais eram as maiores dificuldades que as famílias enfrentavam hoje; 2) qual o índice aproximado de famílias reconstituídas na escola em que trabalha; 3) quais as maiores queixas dos pais em relação aos filhos; 4) quais as maiores queixas dos filhos em relação aos pais e; 5) quais os conselhos que ela daria aos pais de hoje.

4.3 As gravações dos dados principais

Após o período de observação, tendo como base os problemas familiares relatados por alguns alunos, procedi à escolha dos meus colaboradores. Foram

escolhidos quinze alunos, além de um pedido para que a orientadora educacional também fosse gravada, porque possuía dados importantes acerca do corpo discente da escola.

Os alunos escolhidos são todos de classe média alta e foram entrevistados individualmente, durante o intervalo de suas aulas. A cada dia da semana, um aluno era entrevistado e gravado. Nesta etapa da pesquisa, destituída do meu papel de observadora, passei a me “vestir” do papel de pesquisadora e informei a eles qual era o objetivo das entrevistas – cabe ressaltar que cada aluno foi questionado se gostaria de participar da minha pesquisa, como colaborador, assim como foi interrogado se teria autorização de seu responsável para que fosse gravado. O pedido de autorização foi enviado a cada pai (ou mãe), para que fosse assinado e, só assim, segui com as minhas entrevistas. Todos os alunos questionados, apesar de viverem em famílias conturbadas, em maior ou menor grau, fizeram questão de participar das entrevistas e se mostraram, inclusive, bastante satisfeitos em fazer parte de uma pesquisa de mestrado. Todos os pedidos de autorização foram assinados.

Em alguns casos, houve uma grande preocupação dos alunos quanto ao que deveriam responder. Eles ficaram preocupados, em princípio, com o teor das perguntas, mas também manifestaram certa preocupação com a linguagem que utilizariam (uso das concordâncias e das regências, segundo a norma padrão), já que estavam sendo entrevistados pela própria professora de português. Alguns pediram para ver as perguntas, antes que fossem feitas, para que pudessem pensar no que teriam a dar como resposta, de modo que não fossem surpreendidos pelo conhecido “branco”.

As perguntas, mencionadas no tópico anterior, tratavam do tema *família*, especificamente as famílias deles. Convidei-os para uma sala de aula que ficava próxima à sala dos professores, pois ficava vazia e fechada durante o intervalo. Tive

autorização para abrir a sala e pude fazer as entrevistas com bastante privacidade. Tendo em vista o tempo de preparação do MP3, o tempo de espera para que o(a) entrevistado(a) se sentisse pronto (a) para ser entrevistado e algumas poucas interrupções e retomadas de gravação, gastei cerca de 20 minutos em cada entrevista, ainda que o tempo de gravação tenha girado em torno de cinco minutos (algumas chegaram a sete minutos, sendo que a da orientadora durou cerca de trinta minutos).

Após as gravações, agradei a cada um. Um dos alunos, um rapaz, mostrou-se inteiramente disponível, no caso de a gravação não ter dado certo, e disse que se prontificaria a responder novamente à entrevista, caso fosse necessário. Uma das mães, de uma aluna do ensino fundamental, pediu para ver a transcrição da entrevista, assim que estivesse pronta, e mostrou-se preocupada com o que a filha iria responder, pois já previa que alguns problemas familiares pudessem ser revelados durante a coleta de dados.

4.4 A origem dos dados complementares

A coleta de dados documentais, no decorrer da pesquisa, envolveu três momentos. O primeiro consistiu na análise do Estatuto da Criança e do Adolescente. O segundo envolveu exame da Constituição. O terceiro momento foi configurado pelo exame de dados colhidos na área da Psicologia Social.

Para a coleta de informações que permitem traçar o perfil sócio-econômico dos participantes da pesquisa, busquei um setor da escola ligado à secretaria. Trata-se do Serviço de Orientação Educacional (SOE), que desempenha papel relevante não só no âmbito da escola, mas, sobretudo, no contexto da presente pesquisa, uma vez que funciona como uma mediação entre o pesquisador e os pais, já que para entrevistar os

alunos há a necessidade de uma autorização formal, além da aquiescência dos mesmos. Além do mais, o SOE envolve arquivo com informações pertinentes a cada aluno matriculado.

Após o acesso aos documentos dos alunos (fichas, observações da orientadora educacional, observações de atas de conselhos de classe), identificou-se que os alunos pertencem – em sua maioria – a dois estratos da classe média, sendo a maior parte pertencente à classe média alta.

4.5 O perfil dos entrevistados: um estudo com jovens de classe média

Quanto ao perfil dos colaboradores da pesquisa, trata-se de um grupo de alunos de classe média e classe média alta, estudantes de uma escola particular e confessional de Brasília, cujas idades variam entre os 13 e 17 anos (conforme mencionado na seção 4.2).

Na maior parte dos casos, são filhos de pais separados e que, diante da ruptura de suas famílias, acabaram ficando com as mães. Seus relatos de vida são semelhantes e, mesmo aqueles que convivem com o pai e a mãe, freqüentemente descrevem uma convivência conflituosa com seus progenitores.

Vejamos o quadro abaixo.

Quadro 4.1 - Perfil social e familiar dos adolescentes

Nome e idade (jovem)	Profissão (pai)	Profissão (mãe)	Residência (pai)	Residência (mãe)	(convive com)
Jéssie(15 anos)	funcionário público	funcionária pública	Sudoeste	Sudoeste	pai e mãe
Manuela (13 anos)	funcionário público	professora universitária	Guará	Asa Norte	a mãe
Rúbia (15 anos)	engenheiro	comerciante	Asa Sul	Asa Sul	pai e mãe

Marcelo (15 anos)	professor	funcionária pública	Lago Norte	Lago Norte	pai e mãe
Vitório (17 anos)	músico	médica	Asa Norte	Asa Sul	a mãe
Fabrício (15 anos)	policial	enfermeira	Cruzeiro	Cruzeiro	pai e mãe
Ana (15 anos)	engenheiro	funcionária pública	Canadá	Asa Sul	a mãe
Gigi (13 anos)	comerciante	Funcionária pública	Lago Sul	Guará	a mãe
Cláudio(15 anos)	advogado	professora	Lago Sul	Asa sul	a mãe
Márcia (13 anos)	médico	dentista	Lago Sul	Sudoeste	a mãe
Carlos (15 anos)	advogado	professora universitária	Octogonal	Asa Sul	a mãe
Sara (13 anos)	corretor	comerciante	Lago Sul	Águas Claras	a mãe
Amanda(15 anos)	médico	funcionária pública	Sudoeste	Asa Sul	a mãe
Flávio(15 anos)	jornalista	advogada	Guará	Park Way	a mãe
Pedro (15 anos)	professor	professora de música	Águas Claras	Cruzeiro	a mãe

Os dados evidenciam que, em caso de separação do casal, os filhos geralmente têm ficado sob a responsabilidade da mãe. O quadro 4.1 apresentado também confirma, a partir de informações a respeito do local de residência dos pais e dos jovens envolvidos na pesquisa, que são famílias de classe média cujos responsáveis possuem, em sua maioria, um grau superior de instrução.

Alguns trechos apresentados e analisados no capítulo analítico evidenciam que os filhos (as) que residem com as mães, em sua maioria, mantêm um contato com seus pais, ainda que esporádico. Também fica evidente no Quadro 4.1 que são poucos os adolescentes entrevistados que convivem com o pai e a mãe, o que se constata, também, nos excertos apresentados no capítulo analítico. Além disso, a convivência familiar é conflituosa, ainda que a família não se tenha desmembrado.

4.6 Algumas considerações

O propósito de realizar um estudo que permitisse descrever e interpretar fenômenos lingüístico-discursivos que ocorrem em contextos sociais e, de modo específico, no eixo familiar levou-me à escolha de uma metodologia de natureza qualitativa. Uma vez que toda pesquisa social apóia-se em dados sociais, os métodos utilizados para o delineamento da pesquisa, bem como a geração de dados empíricos foram também balizados por princípios qualitativos tais como: a) a observação sistemática de acontecimentos; b) técnicas de entrevista e c) uma análise de documentos sistemática.

Numa pesquisa de natureza qualitativa, os fenômenos são analisados no contexto em que eles emergem. Dessa forma, é possível que o pesquisador possa “fazer um mergulho” no mundo de seus colaboradores e, assim, obter dados que tragam grande teor de veracidade aos estudos propostos. Por essa razão, os procedimentos metodológicos que viabilizam pesquisas dessa natureza envolvem sempre a observação participante, além do recurso de entrevistas para a coleta de dados e do levantamento documental. No caso do presente estudo, problemas de desajuste familiar se refletem no discurso de adolescentes, o que se configura como um pilar de análise.

CAPÍTULO 5

RELATOS SOBRE FAMÍLIA: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DA FALA DE ADOLESCENTES

Apresentação

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos na análise de processos identitários presentes na fala de adolescentes de classe média, estudantes de uma escola tradicional confessional de Brasília. Trata-se de jovens pertencentes, em sua maioria, a famílias rompidas em sua estrutura original. A análise encontra-se distribuída em diferentes seções. A seção 5.1 apresenta os caminhos de aproximação para a análise das entrevistas com os jovens. A seção 5.2 traz uma justificativa para o estudo dos processos verbais, atos de fala e mensagem na construção da visão de mundo dos adolescentes. As subseções 5.2.1 a 5.2.6 trazem uma análise da transitividade e dos significados da linguagem no mundo de seis jovens, com ênfase para a função ideacional – voltada à oração como processo – associada aos significados representacional e identificacional. A seção 5.3 enfoca a função interpessoal da linguagem na fala de alguns adolescentes de famílias desmembradas. Nas subseções 5.3.1 e 5.3.2 são discutidos a expressão “tipo” e seu papel na significação textual no discurso de adolescentes e o emprego das expressões “eu acho”, “não sei” e “sei lá” como um

problema de dificuldade identitária. A seguir, discuto na seção 5.4 os significados da linguagem, propostos por Fairclough (2003), em que se inserem os modos de agir, representar e ser, como parte da prática social presente nos discursos dos jovens. Nas subseções 5.4.1 e 5.4.2, exponho e comento a coesão no discurso dos jovens, assim como o emprego do possessivo na expressão do desejo de reconstrução familiar e na busca da reconstrução identitária de alguns jovens. Apresento, também, uma breve discussão acerca de alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente e de que maneira os discursos de alguns jovens revelam o desrespeito a seus direitos de adolescentes em seu contexto sócio-familiar. A análise permite mostrar, por meio de marcas lingüístico-discursivas, que o rompimento da estrutura familiar tradicional, aliado às mudanças ocorridas na malha social, faz com que jovens de diferentes realidades sociais, sobretudo, diferentes histórias de vida, apresentem um discurso similar, marcado por sentimentos que refletem as conseqüências do enfraquecimento de suas próprias identidades.

5.1 Realidades discursivas: caminhos de aproximação para a análise das entrevistas

O momento atual aponta para um problema que se reflete em jovens de todas as camadas sociais: as rupturas identitárias, decorrentes dos desmembramentos familiares, lares desfeitos, famílias reconstruídas, e outros problemas sociais que surgem na esteira de novos modos de vida conseqüentes dos processos de modernização e globalização. Um estudo do discurso de jovens, de modo específico os de classe média, é apresentado nesta análise sob a lupa da Análise de Discurso Crítica, nos moldes de Fairclough (2001, 2003), tendo como suporte a proposta teórico-metodológica de Halliday e Matthiessen (2004), no que concerne ao enfoque funcional da linguagem. Também são pilares para

esta análise os estudos de Eggins (2004) e de Ghio e Fernández (2005), voltados para a Lingüística Sistêmico-Funcional.

Os discursos apresentados a seguir trazem à tona a visão de mundo de jovens que se percebem membros de famílias desestruturadas, cujos papéis sociais parecem desaparecer em meio a uma sociedade pós-moderna que perde os seus valores. Resulta que uma nova faceta da sociedade brasileira passa por um processo de transformação no contexto social e no eixo familiar, o que se evidencia nos processos lingüístico-discursivos de jovens. Vale também ressaltar que muitos pais, provenientes de classes sociais mais favorecidas ou não, omitem-se na educação de seus filhos, seja por desinteresse ou por excesso de compromissos profissionais, o que se configura como um tipo de negligência familiar, tema que será discutido mais adiante.

Pode-se afirmar que os jovens de famílias desestruturadas, independente das classes sociais a que pertencem, apresentam um discurso similar, marcado por sentimentos que refletem as conseqüências do enfraquecimento de suas identidades familiares. Esse tipo de discurso que questiona a própria família parece ser constante tanto em jovens de classes menos favorecidas quanto em jovens de classes mais privilegiadas. A negligência familiar identificada no relato dos jovens informantes permite apontar um fato: o núcleo familiar vem-se enfraquecendo em nossa sociedade, o que implica a ruptura de valores que constituem a base na formação da identidade dos indivíduos. A propósito, Pardo (2005) aponta a família como sendo a base do processo de construção identitária.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) e a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) constituem dois caminhos de aproximação teórico-analítica para o acercamento aos dados empíricos, ou seja, entrevistas-narrativas de jovens. Como já foi mencionado anteriormente, a LSF aponta a função como uma propriedade fundamental da língua.

Nesse sentido, as abordagens ‘funcionais’ da linguagem enfatizam a ‘multifuncionalidade’ dos textos. Em outras palavras, os textos têm simultaneamente as funções ‘ideacional’, ‘interpessoal’ e ‘textual’. Isto é, os textos representam aspectos do mundo (físico, social e mental); projetam as relações sociais existentes entre participantes de eventos sociais e as atitudes, desejos e valores dos participantes; conectam partes de textos e textos com seus contextos situacionais (Halliday, 1978, 1994).

Em sua obra dedicada à análise lingüístico-discursiva textualmente orientada, Fairclough (2003), conforme apresentado no capítulo teórico, sugere, com base na proposta hallidiana, a existência de três tipos de significados da linguagem subjacentes aos textos: o significado *acional* (gêneros em forma de ação em eventos sociais); o significado *representacional* (definido como os significados referentes à representação do mundo nos textos, tanto o mundo físico quanto o interior, da própria consciência) e o significado *identificacional* (que se refere à construção textual da identidade dos indivíduos, marcada pelos estilos de cada um). Gêneros, discursos e estilos constituem elementos de ordem do discurso. Concorda Fairclough que os textos são ‘multifuncionais’, não obstante, seu interesse não se volta só para as funções hallidianas, razão pela qual sugere uma distinção analítica baseada nos elementos de ordem do discurso, os quais implicam respectivamente modos de agir, modos de representar e modos de ser. Isso significa dizer que, quando analisamos textos como parte de eventos específicos, estamos ligando elementos de ordens de discurso, vendo-os simultaneamente em seus três aspectos: significados acional, representacional e identificacional, que serão ilustrados mais adiante através da análise de realidades discursivas, de modo específico, nos discursos de adolescentes.

5.2 Na construção da visão de mundo: o foco na transitividade e nos significados da linguagem

Analisar a fala de adolescentes a partir dos processos de transitividade propostos por Halliday e Matthiessen (2004), apresentados na seção do capítulo teórico, constitui um ponto de partida que nos aproxima do mundo interior e do mundo exterior desses jovens, tendo como suporte algumas referências do ponto de vista do tempo, do espaço, da modalidade, do modo oracional e do texto como mensagem (vide seção das funções no capítulo teórico). Explicam Halliday e Hasan (1985) que a linguagem deve ser vista numa perspectiva social e semiótica, duas dimensões que permitem focar a língua levando-se em consideração tanto o texto como dois tipos de contexto – de situação e de cultura. Focar os contextos de situação e de cultura significa a possibilidade de se identificar o que é transmitido em termos de sistemas de valores e ideologia da cultura. Nessa perspectiva, procuro analisar o discurso desses jovens a partir de um contexto básico (familiar) e um contexto situacional institucionalizado (escola) que, certamente, influenciam a forma com que cada um representa a sua realidade.

Examinar os processos verbais – com enfoque na função ideacional e no significado representacional – implica um acercamento aos dados empíricos através de uma microanálise. Busca-se examinar também os atos de fala que permeiam os relatos, os quais nos permitem descrever e interpretar as mensagens ali veiculadas.

Os primeiros excertos selecionados das entrevistas-narrativas trazem algumas respostas dos colaboradores da pesquisa quanto à definição de família. Em seus discursos, pode-se identificar a maneira como os jovens representam a idéia de família, cada um a seu modo.

5.2.1 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Vitório

Examinar a função ideacional – voltada à oração como processo – associada aos significados representacional e identificacional, constitui o caminho principal na análise das entrevistas-narrativas realizadas com os jovens.

Vejamos a pergunta que desencadeou o relato:

((O que é família pra você?))

- (3) *“Professora...é meio complicado...a minha família é muito complicada. Eu não vivi com os meus pais quando eu era pequeno. A minha mãe e o meu pai...eram namorados quando eu nasci. Eles não ficaram juntos...e a minha mãe e ele não quiseram cuidar de mim...a minha mãe queria ser médica e me deu pra minha avó me criar. Eu morei com a minha avó até os sete anos...e...aí...um dia...eu tava vendo televisão e ela me chamou e disse... ‘meu filho, eu te amo muito...’...daí ela...foi pro quarto e morreu. Meu pai tava casado e eu fui morar com ele, mas não deu muito certo, porque ele casou mais duas vezes e eu não “batia” muito com as mulheres dele. Depois... eu fiquei ...sem querer continuar com ele...então eu hoje ‘tô’ morando com a minha mãe.É difícil explicar...porque..eu fiquei pouco tempo com cada um..cada hora com um..assim tudo dividido...não era aquela família igual...com todo mundo vivendo junto...eu acho que a minha família era a minha avó...mas daí...aconteceu aquilo com ela... então...eu não sei muito bem falar de família...sabe? A minha é muito diferente.”*

(Vitório, 17 anos)

O segmento acima, que constitui resposta a uma pergunta da pesquisadora, formulada, por sua vez, com um verbo que expressa um processo relacional, evidencia a predominância de processos *relacionais*, com poucas representações de outros tipos de processos, como em: “vivi” e “morei”, que são processos *materiais*, ou ainda em: “*eu não batia muito com as mulheres dele*” e “*meu filho, eu te amo muito,*” que se tratam de processos *mentais*.

O processo *relacional* predominante no texto de Vitório serve para caracterizar e identificar as experiências voltadas para o mundo do ser. No caso de orações *relacionais*, tanto as experiências externas quanto as internas podem ser construídas por meio de um desdobramento do tempo e configuradas com um processo mais seu participante, conforme sugere Eggins (2004:210). Os esquemas a seguir trazem exemplos de como o jovem caracteriza sua família e vai construindo, em seu texto, sua identidade familiar com base na sua experiência de vida. Os esquemas (3a) e (3b) envolvem segmentos oracionais com processos relacionais combinados.

(3a)

MODO		RESÍDUO	
Portador	Processo relacional	Circunstância	Atributo
<i>A minha família</i>	<i>é</i>	<i>muito</i>	<i>complicada.</i>

(3b)

MODO		RESÍDUO	
Portador	Processo relacional	Circunstância	Atributo
<i>A minha (família)</i>	<i>é</i>	<i>muito</i>	<i>diferente</i>

As estruturas (3a) e (3b)⁷ acima ilustram o mesmo esquema cognitivo utilizado pelo jovem na elaboração de dois atos de fala, os quais se destacam, a meu ver, por ocuparem a posição inicial e de fecho no relato, o que pode ser interpretado como uma moldura que envolve a sua pequena história de vida. Observe-se que as estruturas apresentam um paralelismo por semelhança, com uma variação na escolha do atributo *complicada/diferente* e uma elipse no núcleo do sintagma nominal (família).

Nesse pequeno relato, em que Vitório ou seus familiares são *experenciadores* dos processos, a presença de verbos que se referem ao mundo das relações abstratas, ao mundo do ser é uma constante: “*é meio complicado*” (referindo-se à própria situação de vida), “*é muito complicada*” (referindo-se à sua história). Mesmo quando o jovem não é o *experenciador* dos acontecimentos, é possível identificar uma predominância de verbos que envolvem processos *relacionais*: “*A minha mãe e o meu pai eram eram namorados*”, “*Meu pai tava casado*”. O mundo do “ser” traz uma abstração, uma vez que é um mundo que se opõe ao concreto, por essa razão é que aparece bem marcado no texto em análise, uma vez que o jovem explicita que não vivenciou concretamente a família unida que gostaria de ter tido: “*Não era aquela família igual... todo mundo vivendo junto*”. Ao contrário, ele modaliza, mediante o uso de uma forma verbal voltada para o mundo da consciência, qual seja, “acho”: “*Eu acho que a minha família era a minha avó.*”

⁷ As estruturas apresentadas nos dois quadros representados acima constituem uma adaptação do modelo hallidiano. O termo MODO designa o processo oracional que envolve sujeito + forma finita (verbo auxiliar), enquanto o termo RESÍDUO envolve verbo principal + complemento.

Observemos a estrutura (3c) apresentada abaixo.

(3c)

MODO				MODO		RESÍDUO
<i>Eu</i>	<i>acho</i>	<i>que</i>		<i>a minha família</i>	<i>era</i>	<i>a minha avó</i>
experienciador	processo mental	conector		identificado	processo relacional	identificador

Enquanto o 1º segmento oracional (*eu acho*) tem o experienciador como participante do processo (narrador expresso na 1ª pessoa do singular), a oração projetada⁸ “*a minha família era a minha avó*” configura um processo combinado, ou seja, é um processo atributivo identificativo, que admite a seguinte comutação: *A minha avó era a minha família* (pode-se inferir que o conceito de família para o jovem se resume na lembrança da avó), cuja presença em sua vida aparece materializada em outros segmentos oracionais:

“...*eu morei com minha avó até os sete anos*”

“...*mas daí...aconteceu aquilo com ela*”

“(*Ela*)...*foi pro quarto e morreu.*”

O mundo do “fazer” é o mundo físico e, nesse sentido, poucos foram os verbos de processos *materiais* utilizados. Além desses mundos, há ainda o mundo do “sentir” que,

⁸ No exemplo apresentado, a relação entre as orações é a seguinte: uma oração com processo mental desencadeia (ou projeta) uma segunda. A projeção é um tipo de relação que Halliday chama de lógica e que pode “amarrar” orações adjacentes. Em projeções de processos mentais ocorrem as chamadas “idéias reportadas.” (cf. Eggins, 2004:231)

segundo sugerem Halliday e Matthiessen (2004), é o mundo atribuído à consciência, mundo no qual se enquadra, predominantemente, o discurso de Vitório.

Por outro lado, afirma van Leeuwen (1997) que o discurso é uma forma de ação, é algo que se faz para alguém e com alguém. O jovem colaborador representa, por meio de sua narrativa, as práticas sociais que viveu, explicitando sua experiência, que oscila entre o físico e o abstrato: um físico que ele pouco parece ter vivido (a convivência com os pais, o sentimento de família e de proteção) e um abstrato em que ele *mergulha* nas escolhas verbais e lexicais e deixa transparecer um mundo que só existe no desejo, um desejo familiar que não se realiza a não ser no plano da imaginação.

Quando apresenta o seu mundo *representacional*, o autor da narrativa, no primeiro momento de sua entrevista, traz um léxico que apresenta a situação familiar da qual faz parte: *é meio complicado, a minha família é muito complicada*. Do ponto de vista do significado *identificacional* da narrativa, o jovem vai-se mostrando por meio de um gênero narrativo (significado *acional*) que o situa em uma posição de dúvida: Quem sou eu? Quem é de fato a minha família? Nesse aspecto, ele deixa evidente que o seu mundo familiar foi fragmentado, ainda mesmo em sua infância. Além de ter demonstrado uma escolha lexical que mostra um mundo de dificuldades familiares, o adolescente utiliza marcadores circunstanciais e tempos verbais que evidenciam um contraste entre um passado de lembranças e um presente real que ele não queria viver: *“quando eu era pequeno”, “minha mãe e ele não me quiseram,” “me deu pra minha avó me criar,” “casou mais duas vezes,”* em oposição à *“então hoje ‘tô’ morando com a minha mãe”*. O contraste evidente entre passado e presente permite inferir que, se antes ele não vivia uma família tradicionalmente estruturada, ele hoje *continua* inserido na mesma situação.

A dificuldade de definir o que seja família e o reconhecimento de que sua família “foge” aos padrões ditos convencionais continuam presentes no léxico escolhido pelo

jovem: “É difícil explicar”, “ não era aquela família igual”, “A minha é muito diferente”. A dúvida e a incerteza também estão evidentes na modalização das afirmações que faz sobre si mesmo, o que deixa claro um mundo de muita abstração e pouca realização: “eu acho que a minha família era a minha avó”, “ eu não sei muito bem falar de família”, “Eu acho que fui um filho normal”.

5.2.2 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Manuela

Apresento o próximo relato, que nos permite identificar os significados da linguagem que gravitam em torno do conceito de família para a adolescente, o que é buscado através dos processos de transitividade.

((O que é família pra você?))

- (4) “*Bom, é você **estar reunido** com pessoas que você gosta ou que te criaram, quando te criaram e ... pessoas que você gosta assim... seus avós, sua mãe. Só isso. É isso que eu acho. Minha família, assim...(é) **muito religiosa**. Eles são **evangélicos**, aí...**têm certo rigor**... **são muito rigorosos** com certas coisas. Aí eu não... ó. eu... assim... eu **não sou muito relacionada** com os meus irmãos, porque eles são **de outro casamento** do meu pai, o primeiro casamento dele, o meu pai casou três vezes, aí... tipo eu não vejo muito eles, eu vejo alguns finais de semana, mas... quando a gente se vê, a gente **fica muito junto**. A gente **tem um relacionamento muito bom**. Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais. Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos, mas é **meio difícil**, porque ela pensa certas*”

coisas, eu penso outras, a gente não ‘bate’ nossas... idéias. É, a gente não ‘bate’ muito bem.”

(Manuela, 13 anos)

No excerto acima, o discurso de Manuela apresenta, também, uma quantidade significativa de processos relacionais: “estar reunido”, “é muito religiosa”, “são evangélicos”, “têm certo rigor”, “são muito rigorosos”, “não sou relacionada com os meus irmãos”, “ são de outro casamento”, “fica muito junto”, “não tenho relacionamento muito bom com a minha mãe”, “é meio difícil”. Nesses processos, os atributos ligados ao portador são, em sua maioria, pertencentes a um léxico que denota uma idéia de rigor, de separação e dificuldade – “*muito rigorosos*”, “*de outro casamento*”, “*meio difícil*” – o que reforça a idéia de Fairclough (1989) de que o contexto discursivo deve ser considerado de maneira não restrita, ou seja, o significado que existe nos discursos vai além das estruturas gramaticais. Em outras palavras, o discurso se revela, sobretudo, com base na teoria social, de modo que sejam analisadas, também, a ideologia e as relações de identidade envolvidas nas intenções do falante.

A jovem explicita em seu discurso que família “*é você estar reunido com pessoas que você gosta ou que te criaram*”, entretanto deixa claro que a convivência com a sua família é difícil, uma vez que o pai já se casou várias vezes e ela não tem muito contato com seus irmãos, devido à ruptura de seu núcleo familiar original, que acabou proporcionando a formação de outros núcleos familiares (com os quais a convivência se torna restrita): “Eu não sou muito relacionada com os meus irmãos”.

Vejamos a transitividade dessa oração, com seu processo relacional, na estrutura abaixo.

(4a)

MODO				RESÍDUO	
Portador	Circunstância	Processo relacional	Circunstância	Atributo	Circunstância
(Eu)	não	sou	muito	relacionada	com os meus irmãos

O esquema em destaque representa um processo relacional – verbo ser – que vem seguido de um intensificador (muito). Esse intensificador antecede um atributo particular: *relacionada*. Nesse sentido, evidencia-se um sentido diferente para o elemento lexical, já que a jovem não está afirmando que não tem um bom relacionamento com os irmãos, mas que simplesmente não se *relaciona* muito com eles pelo fato de não poder conviver com esses irmãos.

A relação com a mãe também é complicada, uma vez que suas idéias “não batem”, ou seja, não alcançam uma comunicação harmônica. Tudo isso torna a convivência em família bastante árida e a sua família muito diferente daquela que ela idealizou: “(Família) é você **estar reunido** com pessoas que você gosta”. Apesar de marcada uma religiosidade familiar – reiterada em seu discurso – a jovem deixa evidente a idéia de que não há diálogo ou negociação entre ela e seus familiares, sobretudo com a mãe, que parece impor, de forma intransigente, sua vontade:

“Minha família, assim...(é) muito religiosa.”

“Eles são evangélicos, aí...têm certo rigor..”

“São muito rigorosos com certas coisas.”

“*Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais.*”

“*Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos, mas é meio difícil.*”

Vejamos, no esquema exposto a seguir, a transitividade da oração, que resume o tipo de relação que Manuela tem com a mãe:

(4b)

MODO			RESÍDUO	
Portador	Circunstância	Processo relacional	Atributo	Circunstância
<i>Eu</i>	<i>‘só’/ não</i>	<i>tenho</i>	<i>um relacionamento muito bom</i>	<i>com a minha mãe</i>

Na estrutura acima, chama a atenção a palavra que antecede o circunstancial de negação, a palavra ‘*só*’, que enfatiza a idéia de que com a mãe o relacionamento assume um aspecto diferente daquele que existe com os demais componentes da família: ela tem um bom relacionamento com seus familiares, porém, apenas não há um bom relacionamento com a mãe. Nesse sentido, também se destaca a forma como Manuela mitiga, ainda que um pouco irônica, a difícil relação com a mãe: ‘um relacionamento *muito bom*’.

Quando utiliza em seu discurso verbos que carregam processos materiais, Manuela deixa à mostra a realidade complicada que vive, já que eles expõem toda a fragilidade de relacionamento que existe em sua situação familiar:

“(Família) *é* você estar reunido com pessoas (...) que te criaram, quando te criaram.”

“*O meu pai casou três vezes*”

“*...a gente briga um pouquinho demais*”

Nos momentos em que utiliza verbos que envolvem processos mentais, a situação não é diferente, pois eles apenas confirmam – com o reforço do circunstancial de negação – o que já se havia evidenciado antes: a convivência com seus familiares não é fácil:

“*...eu não vejo muito eles*”

“*eu vejo alguns finais de semana*”

“*ela pensa certas coisas, eu penso outras, a gente não ‘bate’ nossas... idéias.”*

Também é relevante tratar do tom (novamente irônico) que a jovem emprega ao contrapor dois circunstanciais de intensidade, quando revela o desejo de que sua relação com a mãe seja menos conflituosa. Nesse aspecto, cabe lembrar que o processo mental exposto em sua fala evidencia a sua insatisfação com o mundo real que se lhe apresenta:

“*a gente briga um pouquinho demais.*”

“*Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos*”

5.2.3 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Rúbia

O próximo excerto nos mostra a realidade familiar da jovem Rúbia, o que é explicitado também pela predominância de processos relacionais voltados para o mundo das relações abstratas.

((O que é família pra você?))

- (5) *“Ah... são as pessoas que ‘tão’ comigo toda hora, que me apóiam sempre, é a minha base...assim...é ...minha vida...eu e meu pai...assim... a gente ‘não se bate muito’, que eu acho, ele às vezes é um pouco grosso demais... e... não sabe conversar...essas coisas (...)porque ele “tá” assim: de segunda a segunda de mau humor (...) sempre de mau humor. Acho que é problema na empresa dele e tal. “Tá” indo mal, “aí” ele “tá” sempre irritado... não tem paciência com nada, não faz nada... essas coisas. Só mudaria com ele. Mudaria ele. É isso!”*

(Rúbia, 15 anos)

Nesse segmento, a jovem Rúbia também define sua família utilizando-se de um número considerável de processos relacionais: “(tão) comigo”, “é a minha base”, “é a minha vida”, “é um pouco grosso demais”, “ele ‘tá’ (...) sempre de mau humor”, “ele ‘tá’ sempre irritado”, “não tem paciência com nada”, por meio dos quais ela traça um “desenho” de como representa sua família, sobretudo o pai, e do que seria, para ela, uma família ideal. Seu discurso mostra a difícil relação que tem com o pai, uma convivência conflituosa cujo retrato vai sendo construído à medida que ela o descreve.

Os esquemas abaixo mostram, por meio de uma escolha de processos relacionais, como ela vê o pai:

(5a)

(MODO)			(RESÍDUO)		
Portador	Circunstância	Processo relacional	Circunstância	Atributo	Circunstância
<i>Ele</i>	<i>às vezes</i>	<i>é</i>	<i>um pouco</i>	<i>grosso</i>	<i>demais</i>

(5b)

(MODO)		(RESÍDUO)	
Portador	Processo relacional	Circunstância	Atributo
<i>Ele</i>	<i>'tá'</i>	<i>sempre</i>	<i>de mau humor</i>

(5c)

(MODO)		(RESÍDUO)	
Portador	Processo relacional	Circunstância	Atributo
<i>Ele</i>	<i>'tá'</i>	<i>sempre</i>	<i>irritado</i>

(5d)

(MODO)			(RESÍDUO)	
Portador	Circunstância	Processo relacional	Atributo	Circunstância
<i>(Ele)</i>	<i>não</i>	<i>tem</i>	<i>paciência</i>	<i>com nada</i>

Na representação discursiva feita por Rúbia, os atributos relacionados ao portador, no caso o pai, são sempre negativos – *grosso (demais)*, *de mau humor* e *irritado*, características que são reforçadas pelos circunstanciais *um pouco* e *sempre*.

Destaca-se também uma estrutura repetitiva por meio da qual a jovem nos mostra o comportamento “engessado” do pai: ele é grosso, ele está sempre de mau humor, ele

está sempre irritado. Uma afirmação de Rúbia parece resumir o comportamento de seu pai: “não tem paciência com nada”.

Além dos processos relacionais, que são predominantes em seu discurso, a jovem também utiliza em seu discurso verbos que envolvem processos mentais: “*me apóiam sempre*”, “*a gente não se bate muito*”, “*eu acho*”, “*não sabe conversar*”, que aparecem quantitativamente em segundo lugar. Os processos mentais estão inseridos no “mundo do sentir”, e revelam um lado “oculto” do falante: o lado do pensamento, do sentimento, da “construção” do ser. Nesse aspecto, infere-se que o sentimento e a emoção de Rúbia acabam vindo à tona durante o seu relato, momento em que se “descortinam” todos os sentimentos guardados em seu mundo interior e se revela a sua identidade.

A relação entre pais e filhos na família, a determinação de suas posições, a natureza da família, a localização desses indivíduos no lar são todos constituídos parcialmente no discurso. As práticas concretas, as relações e identidades existentes foram constituídas juntamente com instituições e práticas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a constituição discursiva da sociedade emana de uma prática social, de uma realidade presa a estruturas sociais concretas, no caso de Rúbia, à instituição família.

Em seu discurso, a jovem Rúbia resume o seu problema familiar utilizando-se, basicamente de três afirmações acerca do pai: “*não sabe conversar*”, “*não faz nada*”, “*não tem paciência com nada*”.

Novamente, nessas estruturas, é possível perceber que existe um paralelismo⁹ por repetição estrutural – “*não sabe conversar*”, “*não faz nada*”, “*não tem paciência com nada*” – o que permite à jovem enfatizar a idéia de que o pai não permite uma abertura para que o diálogo e a interação familiar se estabeleçam. Embora se possa inferir que o comportamento do pai não tenha sido sempre assim, fica evidente que os problemas

⁹ No caso apresentado, trata-se do paralelismo por semelhança.

enfrentados pela empresa em que ele trabalha contribuem para que ele se afaste da família e não consiga separar a vida profissional da vida familiar, problema bastante freqüente na sociedade atual. Isso se configura, a meu ver, como uma forma de negligência.

5.2.4 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Ana

O trecho a seguir nos traz o mundo de Ana, uma jovem que cresceu sem conhecer o pai. Vejamos como os processos de transitividade nos mostram sua realidade.

((O que é família pra você?))

- (6) *“Ah ... ‘tipo’...eu moro só com a minha mãe aqui, minha família ‘tá’ longe. Meus pais são separados. Eu não conheço meu pai. Eu acho que a minha família aqui é só minha mãe. Eu não conheço meu pai porque eles **nunca foram casados**, ahh...é **um grande rolo!** ‘Tipo’ minha mãe conheceu meu pai quando ela trabalhava na Caixa lá em Santa Catarina... daí minha mãe namorou o meu pai... daí eles **tiveram problemas** ...daí eles se separaram. Daí minha mãe nunca mais ficou sabendo, ‘tipo’ ele não sabia que minha mãe **tava grávida**.Ele não sabia que eu existia. No ano passado minha mãe foi procurar ele, porque eu tava sentindo muita falta. Daí eu falei com ele a primeira vez dia 06/06/2006, eu só conheci ele por telefone. **Foi uma emoção diferente**, que não dá pra falar... Eu quero falar com ele pessoalmente. Eu sei que ele tem trinta e oito anos, ele é **mais novo** que a minha mãe, ela **tem 42..**”*

(Ana, 15 anos)

Nesse excerto, a jovem Ana relata sua experiência familiar e parece exteriorizar em sua narrativa uma ausência dolorosa de convivência com a figura paterna, ausência que procura suprir, ainda que tenha chegado à adolescência, sem ter tido uma referência do pai. A menina expõe sua realidade: ela tem 15 anos e *nunca* conheceu o pai. Para manter a sua narrativa e dar seqüência aos fatos que relata, repete a expressão “tipo”.

Nesse trecho, a exemplo dos excertos analisados anteriormente, há uma predominância de verbos que exprimem processos relacionais, como por exemplo: “*minha família ‘tá’ longe*”, “*meus pais são separados*”, “*eles nunca foram casados*”, “*eles tiveram problemas*”, “*é um grande rolo!*”.

Além da expressão “tipo”, Ana repete, por cinco vezes, outra expressão que liga as idéias de seu relato – “daí” – , expressão pragmática muito usada no discurso oral, embora tenha seu lugar de conector lógico no discurso escrito: “*minha mãe conheceu meu pai quando ela trabalhava na Caixa lá em Santa Catarina... daí minha mãe namorou o meu pai... daí eles tiveram problemas ...daí eles se separaram. Daí minha mãe nunca mais ficou sabendo, ‘tipo’ ele não sabia que minha mãe ‘tava’ grávida.*”

Deve-se comentar que a expressão “tipo” configura uma marca lingüística que, num tempo real de curta duração, constitui uma constante no discurso de jovens.

Vejamos, nos esquemas abaixo, a análise de alguns trechos do relato de Ana:

(6a)

Portador	Circunstância	Processo relacional	Atributo	Circunstância
<i>Eles</i>	<i>nunca</i>	<i>foram</i>	<i>casados.</i>	-----
<i>Minha família</i>	-----	<i>tá</i>	-----	<i>longe.</i>
<i>Meus pais</i>	-----	<i>são</i>	<i>separados.</i>	-----
<i>(Minha vida)</i>	-----	<i>é</i>	<i>um grande rolo.</i>	-----

(6b)

Característica	Processo relacional	Valor
<i>Eles</i>	<i>tiveram</i>	<i>problemas.</i>

Os atributos que descrevem (ou caracterizam) os portadores no texto de Ana sugerem circunstâncias que ela apresenta como ‘complicadoras’: *longe, separados*, (nunca foram) *casados*. Ela explicita sua situação familiar em uma afirmação (também de caráter relacional) que resume todas as anteriores: “*É um grande rolo!*”

Segundo Ghio e Fernández (2005:82), é por meio dos processos relacionais, existentes na linguagem, que aprendemos a generalizar, a relacionar um fragmento de experiência com outro (este é igual àquele, este é uma parte daquele, este é um tipo daquele). Nesse sentido, nota-se que, nos relatos dos jovens colaboradores desta pesquisa, esses processos têm sido predominantes, uma vez que, quando se estabelecem relações, identidades estão sendo construídas e um mundo do *ser* e das *relações abstratas* vem à tona. Como bem observa Hall (2000:36), “*as identidades são construídas no discurso*”. Por meio de um processo relacional, que também a identifica, a jovem Ana resume seu contexto familiar de uma forma muito objetiva: “*É um grande rolo!*”

O segundo maior número de processos identificados na entrevista-narrativa de Ana são os processos mentais. As afirmações: “*Eu não conheço meu pai*”, “*minha mãe conheceu meu pai*”, “*ele não sabia que eu existia*”, “*minha mãe nunca ficou sabendo*”, “*ele não sabia que minha mãe ‘tava’ grávida*” são alguns exemplos. Na maior parte desses casos, há um marcador de negação que se repete – *não, nunca mais* – que sugere circunstâncias que não se realizaram ou que ficaram por se realizar. Em contrapartida, a jovem deixa claro nas suas últimas afirmações (que também expressam circunstâncias

mentais) que pretende tornar realidade o que vem pela frente (seus planos): *Eu quero falar com ele pessoalmente, eu sei que ele tem trinta e oito anos.*

Quanto aos processos mentais, postula Eggins (2004:225) que as pessoas não estão sempre falando sobre coisas concretas, muito freqüentemente não falam sobre o que estão fazendo, mas sobre o que pensam ou sentem. Nesse sentido, elas se utilizam de cláusulas que carregam a idéia de percepção, de cognição, e é nesse contexto que “afloram” os sentimentos, as idéias, as emoções.

Vejamos a transitividade de uma oração com processo mental, que apresenta uma oração projetada de processo relacional, na fala de Ana (tal como ocorre no relato do jovem Vitório, já mencionado):

(6c)

MODO					MODO		RESÍDUO
<i>Ele</i>	<i>não</i>	<i>sabia</i>	<i>que</i>		<i>minha mãe</i>	<i>'tava'</i>	<i>grávida</i>
Experienciador	Circunstância	Processo mental	Conector		Identificado	Processo relacional	Atributo

No exemplo acima, há mais uma representação de uma relação “lógica” entre duas orações que se subordinam. A primeira apresenta um processo mental e projeta uma outra que envolve um processo relacional. Mais uma vez, um exemplo de projeção reforça as palavras de Halliday quanto à idéia de que em projeções de processos mentais ocorrem as chamadas *idéias reportadas* (cf. Eggins, 2004:231).

Em terceiro lugar, quanto à ocorrência, aparecem os processos materiais, como por exemplo: *eu moro só com a minha mãe, ela trabalhava na Caixa, eles se separaram, minha mãe foi procurar ele.* Nesses processos, Ana contrasta o seu passado com o seu presente, para explicar por que se encontra na situação em que atualmente está. Quanto

ao significado representacional da linguagem, quando opta pelo uso de processos materiais em menor quantidade, infere-se que Ana não quer viver, de fato, a sua realidade. O mundo “material” é o mundo dos “pés no chão” e, para a jovem, o mundo *não-materializado* da abstração parece mais atraente.

5.2.5 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Marcelo

Vejamos então, por meio dos processos de transitividade, a realidade do jovem Marcelo, apresentada em seu relato.

- (7) *“Família... pra mim é... ‘tipo’ todo mundo que te viu nascer... que você gosta...que ‘tá’ sempre com você..que te ajuda quando você precisa...que te dá proteção... assim... A gente vê televisão de vez em quando, todo mundo, mas o normal é cada um ‘tá’ no seu canto.. É, eu acho que é isso mesmo...”*

(Marcelo, 15 anos)

Em seu relato, Marcelo define família com uma série de orações encaixadas, em que predomina o processo *relacional* unido a outros processos. O verbo *ser* encabeça uma idéia *enumerativa* que caracteriza família como aquela que realiza diversas ações que se esperam dela: (*família*) *é...todo mundo que te viu nascer, que você gosta, que ‘tá’ sempre com você, que te ajuda, que te dá proteção*. Nesse sentido, o primeiro processo (*relacional*) vai-se somar a outros, tais como os mentais – *viu nascer, você gosta* e os materiais – *te ajuda, te dá proteção*.

O conector lógico *que* vai se repetir para que todas as ações descritas pelo jovem possam se somar com o propósito de ‘montar uma imagem’ do que seria uma família

ideal. Essa imagem se aproxima daquela que se insere na noção de família que a sociedade e a lei apregoam: aquela que protege e auxilia.

Contudo, o jovem Marcelo também deixa evidente que o ‘normal’ é ‘*cada um tá no seu canto*’, em outras palavras, o que ele espera de uma família não parece ser de fato o que representa a sua realidade, já que a *sua* família não interage do modo como ele esperaria. O que se pode inferir é que todos dividem o mesmo espaço físico (*a gente vê televisão de vez em quando, todo mundo*), mas não compartilham de uma vida, de fato, conjunta.

Quanto à dificuldade de interação familiar vivida pelo jovem, pode-se ainda destacar, em seu pequeno relato, o uso da forma gramaticalizada “a gente”, quando se refere a si e à família: *A gente vê televisão de vez em quando*. Embora o uso da expressão ‘a gente’ esteja normalmente relacionado a uma idéia de indefinição, já que o pronome assume uma função de pronome indefinido, o seu uso, aqui, leva a uma idéia de generalidade, melhor dizendo, de esvaziamento do papel do ‘nós’ que deixa de existir em seu meio familiar. É como se cada membro de seu núcleo tivesse perdido a sua identidade, o seu papel, o que os transforma em uma ‘grande massa’.

Vejamos a representação de um dos processos veiculados no relato do adolescente:

(7a)

MODO			MODO		RESÍDUO
<i>O normal</i>	<i>é</i>		<i>cada um</i>	<i>‘tá’</i>	<i>no seu canto</i> <i>(separado)</i>
Portador	Processo relacional		Identificado	Processo relacional	circunstância

É relevante observar que Marcelo abre o seu relato com a definição do que seria, para ele, uma família e fecha o seu discurso explicitando como é, *de fato*, a sua família:

“Família...pra mim é ...todo mundo que ‘tá’ sempre com você quando você precisa...”

“Mas o normal é cada um ‘tá’ no seu canto”

Deve-se destacar que o circunstancial de lugar “no seu canto”, apresentado na fala de Marcelo, no quadro acima, assume um caráter, de certa forma, atributivo, uma vez que apresenta a idéia de “separado”: O normal é cada um estar *separado*.

5.2.6 A transitividade e os significados da linguagem no mundo de Gigi

O relato, a seguir, é da jovem Gigi, uma adolescente de 13 anos.

((O que é família pra você?))

- (8) *“Família é ...a base de todo profissional...por exemplo...um grande profissional teve uma família boa...assim.....então a família é importante pra pessoa...(a minha) é grande... bagunçada... (risos) ... mentira, bagunçada não é, mas é grande, normal, com todos os problemas que uma família tem. Família separada, ‘tipo’ meus pais são separados, então eu tenho duas famílias. Meu pai... casou de novo e teve outros filhos. Quando eu nasci, meus pais já eram separados, eles não comentam, mas é porque eles não ‘batiam’ muito bem, assim...não combinavam.”*

(Gigi, 13 anos)

No excerto (8), Gigi define família da mesma forma que os outros colaboradores da pesquisa, ou seja, com uma predominância de processos *relacionais*: “é a base de todo profissional; um grande profissional teve uma família boa; a família é importante pra pessoa; a minha é grande, normal, com todos os problemas que uma família tem; meus pais são separados; eu tenho duas famílias; (meu pai) teve outros filhos; (meus pais) eram separados”.O mundo do *ser* é representado por uma série de atributos que apontariam, para ela, a importância de uma família:

A família é a base de todo profissional.

Um grande profissional teve uma família boa.

A família é importante pra pessoa.

O verbo *ser* é predominante nessa representação que a menina faz de sua família e, nesse aspecto, é relevante ressaltar que para a garota a família *é a base de todo profissional*, como ela mesma afirma: *um grande profissional teve uma família boa*, em que se destaca uma ‘característica’ e um ‘valor’ em termos hallidianos. Na visão da jovem, uma boa família é condição essencial para que alguém se realize do ponto de vista pessoal e, até, profissional, isto é, a realização afetiva e a segurança transmitidas pela família seriam responsáveis pela formação de profissionais competentes e felizes.

Nesse sentido, destacam-se as palavras de Pardo (2005), para quem a família é o eixo central na formação da identidade das pessoas e, por que não dizer, primordial na formação de seres humanos realizados e bem-sucedidos. Quando a sociedade muda, mudam também os papéis sociais e identitários de seus componentes, muda o modelo que se conhece de família, mudam valores e crenças. Em poucas palavras, os processos

de mudança social acabam por modificar profundamente as relações familiares na sua interioridade, o que vem à tona pelas práticas discursivas de seus membros.

Vejam, então, como Gigi representa sua vida familiar por meio dos processos de transitividade construídos em seu discurso.

(8a)

Característica	Processo relacional	Valor
<i>Um grande profissional</i>	<i>teve</i>	<i>uma família boa</i>
<i>Eu</i>	<i>tenho</i>	<i>duas famílias</i>
<i>(Meu pai)</i>	<i>teve</i>	<i>outros filhos</i>

(8b)

Portador	Processo relacional	Atributo
<i>A família</i>	<i>é</i>	<i>a base de todo profissional</i>
<i>Meus pais</i>	<i>eram</i>	<i>separados</i>

Ainda quanto aos processos relacionais utilizados por Gigi, a presença do verbo “ter” é muito marcante em seu discurso, trazendo como *valor* a idéia de família e filhos. Esse verbo atribui aos conceitos familiares da jovem um sentido de posse e coloca em foco a idéia de que uma pessoa bem-sucedida, um bom profissional, um bom ser humano *teve* uma boa família.

A adolescente destaca, em seguida, que ela tem *duas* famílias, já que os pais são separados e o pai teve outros filhos. Em um determinado momento, a jovem faz uma declaração e, em seguida se arrepende, voltando atrás. Por meio de um processo relacional, ela afirma: “...(A minha família) é grande... bagunçada... (risos), para, em seguida, se corrigir: “... *mentira, bagunçada não é, mas é grande, normal, com todos os problemas que uma família tem. Família separada.*”

Na verdade, quando afirma que sua família é “normal”, como tantas outras, ela faz uma declaração complementar: “*separada*”. Pode-se inferir, portanto, que para ela o comum, o normal é que os problemas pelos quais ela passa – a separação dos pais e a nova família construída pelo pai – são características comuns a muitas famílias, inclusive à dela.

Quanto aos outros processos utilizados por Gigi, aparecem alguns processos materiais – (*meu pai*) casou de novo, quando eu nasci, eles não comentam – e processos mentais – não ‘batiam’ muito bem, não combinavam, que expõem toda a fragilidade da estrutura familiar da colaboradora e parecem apontar a repetição de uma mesma situação familiar vivida por outros adolescentes: a ruptura familiar. O motivo do rompimento familiar não é exposto, a jovem sabe apenas que os pais “não combinavam.”

Mais uma vez, por meio da fala de outra colaboradora da pesquisa, confirma-se a idéia de que a família é a principal responsável no processo de construção identitária desses jovens, que demonstram ter consciência plena de seus papéis em família e das “falhas” existentes em seus núcleos familiares.

5.3 A função interpessoal no discurso de adolescentes de famílias desmembradas: o foco nos atos de fala

Um outro ponto a se considerar na análise da fala desses jovens participantes da pesquisa é a escolha dos tempos verbais como categoria gramatical, que permite configurar o mundo real em que se inserem os adolescentes que participaram da pesquisa. Pondera Fairclough (2001:58) que o discurso é uma forma de ação e de representação, já que agimos discursivamente e representamos no discurso o mundo que nos cerca, por essa razão, ele contribui tanto para a reprodução como para a

transformação das sociedades. Acrescento que Ghio e Fernández (2005:79) postulam que os significados lingüísticos são uma realização da léxico-gramática, isto é, se um significado não pode ser construído pela léxico-gramática de uma língua, então não é um significado lingüístico dessa língua. Portanto, o significado lingüístico não é um simples “reflexo” ou um “espelho” da realidade, mas, sim, uma “interface” entre o mundo extralingüístico e a forma lingüística.

A predominância de tempos verbais no presente do indicativo, além de configurar respostas a uma pergunta que também é construída no mesmo tempo, revela uma realidade presente na vida desses jovens, uma vez que o tempo presente é, por natureza, o tempo da veracidade. Dessa forma, há uma interação entre quem expõe sua realidade e quem recebe essas informações. Nesse tempo, os entrevistados revelam suas realidades e seus mundos concretos. Destaco como exemplos os excertos (9) a (12). Antes, porém, cabe lembrar que todos os jovens cujos discursos eu analiso nesta subseção responderam à mesma pergunta:

((*Como você vê a sua família?*))

Vejam os excertos (9) e a realidade trazida pelas escolhas verbais da jovem Jéssie.

- (9) “*É : ...vejo minha família como...(riso) uma normal. Moro com minha mãe, meu pai, minha irmã. É isso que eu falei, ‘né’? Tem sempre as discussões, mas... a gente acaba se entendendo no final e, enfim, tenta se unir pra...como é...resolver os problemas mesmo e...é isso...com muito amor... e tal.*”

(Jéssie, 15 anos)

A jovem Jéssie explicita, por meio do primeiro verbo que utiliza – *eu vejo minha família* – a maneira como representa a sua família. No caso, ela a vê como uma família “normal” e que possui a formação convencional: mãe, pai, filhos.

Utilizando-se de verbos no presente, ela vai construindo a representação da sua realidade, uma realidade na qual as discussões familiares mencionadas procuram ser sanadas e a paz familiar estabelecida. Embora a jovem fale do amor existente entre os membros de sua família, note-se que ela emprega o verbo “tentar”, quando se refere à harmonia familiar: “(A gente) *tenta se unir*”, o que acaba evidenciando o fato de que nem sempre a família consegue a harmonia desejada.

Apresento, agora, o excerto (10), que traz as escolhas verbais e a representação feita por Ana.

(10) “*Bom, a primeira coisa que vem na minha cabeça é... são os meus avós... minha mãe. Mas eu acho que...tipo família ‘tá’ em tudo, ‘né’, nos laços de amizade, nos amigos...*”

(Ana, 15 anos)

Por meio da escolha do tempo verbal no *presente*, Ana relata sua realidade familiar: sua família é constituída pela mãe e pelos avós. Nota-se que, em primeiro lugar, ela menciona os avós para definir sua família e, em segundo lugar, sua mãe.

Já se conhece a realidade da jovem Ana, apresentada na subseção 5.2.3, cuja ausência do pai é relatada como algo bastante marcante para a adolescente. É relevante comentar que, na falta do pai, figura importante na composição do núcleo familiar, a

jovem “se contenta” com a idéia de que a família também está “*nos laços de amizade, nos amigos*”, o que nos permite inferir que, na falta absoluta do pai, a jovem procura apoio nos amigos mais próximos, a fim de preencher o espaço vazio que o pai deixou.

Apresento, agora, o excerto (11) e a análise das escolhas verbais da jovem Sara.

(11) “*Eu **moro** com a minha mãe. Meus pais **são** separados e eu preferi ficar com a minha mãe... ‘tipo’... eu ‘**sô**’ muito mais apegada com a minha mãe e mãe a gente só **tem** uma. Assim...**vale** muito mais do que pai...assim... na minha opinião...entendeu?Mas eu **vejo** meu pai com freqüência...assim...sempre.*

(Sara, 13 anos)

A utilização do *presente* na escolha do tempo verbal utilizado por Sara, nesse excerto, revela sua situação familiar: ela mora apenas com a mãe, seus pais são separados.

Destaca-se no discurso da jovem a preferência pela mãe: “...*eu ‘sô’ muito mais apegada com a minha mãe*”, afirmação que ela reforça com o conhecido *clichê*: “e mãe a gente só tem uma”. Ao mesmo tempo em que supervaloriza a mãe, Sara desvaloriza o pai e parece demonstrar ressentimento em relação a ele quando afirma: “*Assim (mãe) ...vale muito mais do que pai...assim...na minha opinião...entendeu?*”

Embora deixe evidente que vê o pai com freqüência, o fato de ter preferido ficar com a mãe demonstra que o papel que a mãe exerce em sua vida é muito mais importante, para ela, do que o papel do pai. Isso mostra uma mágoa em relação ao desmembramento de sua família e o reconhecimento de que a mãe fez muito mais por ela do que o pai.

(12) “*Família é...ahh...é amizade, companheirismo..*”

(Fabrício, 15 anos)

Para Fabrício a definição de família é bastante concisa. Ele define essa célula social como amizade e companheirismo. Nota-se que o jovem faz uma pausa para refletir a respeito de sua definição e opta por caracterizar a família por meio da abstração, idéia marcada pela escolha de dois substantivos abstratos.

Enquanto os outros adolescentes procuraram embasar suas definições a partir dos membros que compunham suas famílias, ou seja, a partir do físico, do concreto, Fabrício, ao contrário, preferiu tratar da relação e dos sentimentos que devem existir em um núcleo familiar e que une os membros de uma família.

Quando destaco de que maneira os informantes priorizam suas escolhas verbais, procuro demonstrar que a intenção do falante, no discurso, também está arraigada na utilização de tempos e verbos. As desinências modo-temporais deixam entrever uma construção que pode indicar: condição, desejo, possibilidade (ou impossibilidade), necessidade, certeza (ou dúvida), entre outras circunstâncias.

Apresento alguns trechos que comprovam que as intenções e o mundo interior do falante se mostram por meio de escolhas significativas, uma vez que o discurso não se fundamenta em escolhas aleatórias. São construções que demonstram um desejo de que o *irreal* e a *possibilidade* se tornem fatos *concretos*, se realizem no mundo *real* do falante. Muitos jovens entrevistados exteriorizam, por meio do uso do futuro do pretérito, do pretérito imperfeito e do futuro do subjuntivo um desejo de tornar real um

contexto familiar que, no momento em que se encontram, não passa de uma vaga possibilidade. Para tanto, apresento como exemplos os excertos (13) a (16).

Os excertos apresentados, a seguir, são respostas de alguns jovens às perguntas abaixo.

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

Vejamos o relato de Vitório e a análise discursiva de suas escolhas verbais.

(13) *“Eu acho que eu **mudaria** quando eu era pequeno...assim... eu não sei o que é viver todo mundo junto...a família toda junta...eu **queria** que a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos vivessem todo mundo junto...é...eu acho que **mudaria** isso... não sei como **seria**...”*

(Vitório, 17 anos)

No discurso de Vitório, há um desejo de realizar uma circunstância que ele nunca viveu: crescer em uma família unida, desejo expresso pelo uso do futuro do pretérito. Na subseção 5.2.1, ficamos conhecendo a difícil realidade familiar do adolescente que, desde a infância, não teve uma convivência com os pais, que preferiram deixá-lo aos cuidados da avó, conforme ele afirma: *“eu não sei o que é viver todo mundo junto...a família toda junta”*. Resta ao jovem, portanto, imaginar como teria sido sua vida em família, caso pudesse ter alterado o seu passado.

Apresento, a seguir, o relato da jovem Rúbia e procuro analisar a representação de seu mundo interior por meio de suas escolhas verbais.

(14) “Ah... ‘num’ **mudaria** nada não... talvez só... com a minha mãe... com meu pai, na verdade, porque eu e meu pai...assim... a gente ‘não se bate muito’, que eu acho, ele às vezes é um pouco grosso demais... e... não sabe conversar...essas coisas. Só **mudaria** com ele. **Mudaria** ele. É isso!”

(Rúbia, 15 anos)

Inicialmente, evidencia-se uma mudança de postura no discurso da adolescente quando ela, em um primeiro momento, afirma que não mudaria nada em seu convívio familiar para depois explicitar que mudaria a relação com o pai que, segundo ela: “*é um pouco grosso demais*”.

Rúbia, por meio de sua pequena resposta, deixa claro que o pai “*não sabe conversar*” e resume tudo o que poderia dizer acerca do seu temperamento e de suas atitudes com a expressão “*essas coisas*”. Por fim, a jovem termina as suas considerações afirmando, por duas vezes que, se pudesse, mudaria o pai, pois, dessa forma, poderia mudar a família para melhor.

Vejamos agora as escolhas verbais do jovem Cláudio e seus significados no discurso.

(15) “Pô...eu moro só com a minha mãe. Ahh...eu vejo meu pai ‘tipo’...toda semana eu vejo meu pai...e...com a minha mãe todo dia. Só isso...meu pai mora no Lago Sul. Eles se separaram tem cinco anos...e ele não casou de novo. Já a minha mãe...‘tá’ namorando. Eu até aceito...mas eu não gosto dele não. Eu acho ele ‘folgado’. O meu pai...eu acho que ele nem sabe que ela ‘ tá’ namorando. **Se eu pudesse**

escolher...ela não 'taria' com ele não, mas não tem jeito. O meu pai e a minha mãe brigavam muito quando 'tavam' juntos, não tem mais volta não..

(Cláudio, 15 anos)

No relato de Cláudio, há a revelação de que ele mora apenas com a mãe, com quem convive diariamente. Já a convivência com o pai, segundo ele, é apenas semanal, já que este mora em outra casa, no Lago Sul.

Quanto às mudanças que ele faria em sua situação familiar, todas dizem respeito à mãe, que está namorando um outro homem – relacionamento que o adolescente diz aceitar, embora deixe evidente o desconforto que sente com a situação: “*Se eu pudesse escolher...ela não 'taria' com ele não*”.

O comentário que Cláudio faz a respeito da possibilidade de escolha que gostaria de ter, quanto ao namorado da mãe, me leva a inferir que, se pudesse escolher o companheiro da mãe, ele seria, portanto, o pai. Segundo o jovem, ele não gosta do namorado da mãe e o considera “*folgado*”. Destaca-se, no excerto, a afirmação de que o pai não sabe do namoro da mãe, o que leva à idéia de que, se ele soubesse, não aprovaria ou, ainda, tentaria impedir.

No excerto (16), a jovem Ana revela, por meio de suas escolhas verbais, o seu mundo “do ser”.

((*Como você imagina a família que você vai formar no futuro?*))

(16) “Ahh...eu quero ter gêmeos! (risos)...Sei lá...eu **queria** ter um pai ‘pros’ meus filhos...eu **queria**...sei lá...é muito difícil uma família sem um pai, eu quero que os meus filhos tenham um pai...eu quero uma família unida.”

(Ana, 15 anos)

A realidade de Ana já é conhecida (ver seção 5.2.4): ela foi criada apenas pela mãe e não teve contato com o pai, que não conheceu. Por essa razão, evidencia, pela escolha do futuro do pretérito, o desejo de ter uma família unida como aquela que nunca teve. A jovem projeta para si um futuro bastante diferente daquele que teve e imagina que, além de filhos, tenha um marido presente, que acompanhe o crescimento de seus filhos, já que, de acordo com suas palavras: “É muito difícil uma família sem um pai”.

5.3.1 A expressão “tipo” e seu papel de esclarecimento e identificação na fala dos adolescentes

As expressões ‘tipo’ e ‘tipo assim’, muito frequentes na linguagem dos jovens de hoje, aparecem em diversas falas entre os participantes da pesquisa. Qualquer repetição, em um discurso deve ser vista como significativa, já que não se apresenta sem que o locutor tenha uma intenção, ou melhor, uma identificação quanto ao seu uso. A propósito, ao investigar a repetição em narrativas de adolescentes, Silva (2000:203) mostra que “a presença habitual das repetições no discurso dos jovens deixa de ser encarada como um prejuízo, ou como um rastro de um mecanismo empobrecedor da língua”.

Quando se utilizam de expressões recorrentes, os participantes da pesquisa parecem demonstrar, à primeira vista, uma dificuldade em definir exatamente aquilo a que se propõem ou, ainda, de definirem seus próprios papéis na família ou na sociedade. Não obstante, se tentarmos estabelecer um enlace entre a interioridade da linguagem (sistema) e a exterioridade (discurso), pode-se ponderar que num tempo real, de curta duração, as expressões “tipo” e “tipo assim” – freqüentes na linha discursiva de muitos jovens – parecem estar a caminho para uma futura gramaticalização, uma vez que competem com conectores lógicos como: “ou seja” e “por exemplo”. A expressão ‘tipo’, a meu ver, também contribui para estabelecer uma interação e uma busca de identidade lingüístico-discursiva entre o falante e o seu interlocutor, uma vez que há uma procura, com esse recurso, de uma espécie de ‘gancho’ para dar seqüência a suas idéias, além de se certificar de que seu ouvinte compreende aquilo que ele tenta expressar.

Na maior parte das vezes, a expressão ‘tipo’ assume o papel do ‘assim’, numa tentativa de dar uma continuidade compreensível ao que se fala e que, por vezes, pode não ser tão claro. Algumas falas abaixo podem confirmar o exposto. São elas os exemplos de (17) a (21).

Vejamos o que afirma o jovem Cláudio.

(17) *“Ahh...eu vejo meu pai ‘tipo’...toda semana eu vejo meu pai...”*

(Cláudio, 15 anos)

Nesse trecho, o adolescente expõe a seguinte realidade: ele tem uma convivência semanal com o pai, com quem não divide o mesmo teto. A expressão ‘tipo’, empregada por ele, assume o papel de “assim” e demonstra a tentativa de delimitar o espaço de tempo reservado à convivência com o pai.

No excerto abaixo, a adolescente Ana, cuja história de vida já é bastante conhecida, retrata a sua vivência no núcleo familiar.

- (18) *“Ah ... ‘tipo’...eu moro só com a minha mãe aqui, minha família ‘tá’ longe. Meus pais são separados. Eu não conheço meu pai. Eu acho que a minha família aqui é só minha mãe. Eu não conheço meu pai porque eles nunca foram casados, ahh...é um grande rolo! ‘Tipo’ minha mãe conheceu meu pai quando ela trabalhava na Caixa lá em Santa Catarina... daí minha mãe namorou o meu pai... daí eles tiveram problemas ...daí eles se separaram. Daí minha mãe nunca mais ficou sabendo, ‘tipo’ ele não sabia que minha mãe tava grávida.*

(Ana, 15 anos)

Na fala de Ana, a expressão “tipo” aparece três vezes e sugere que ela procura se fazer compreender em sua curta explanação. Quando emprega a expressão “tipo”, a adolescente está tentando dar um “gancho” à sua fala e, ao mesmo tempo, facilitar a compreensão do interlocutor quanto ao que lhe teria, de fato, acontecido. A expressão confere à sua “pequena história” um misto de oralidade e veracidade.

Vejam, agora, o que diz a jovem Gigi, cuja história também já é conhecida, a respeito dos irmãos.

- (19) *“...eu não falo muito com eles não, eles são muito distantes, ‘tipo’ todos os filhos do meu pai são de mulheres diferentes, porque o meu pai, sabe, ele casou várias vezes. São quatro filhos: eu com mais três”.*

(Gigi, 13 anos)

Novamente, no excerto apresentado, a expressão “tipo” tem um caráter explicativo e aponta para o fato de que o desmembramento do núcleo familiar da jovem não lhe permitiu a convivência em família que poderia ter. Nesse sentido, a expressão assume um caráter de reforço explicativo ou de retomada de idéia, o que a assemelharia à expressão “ou seja”.

A fala de Gigi, apresentada a seguir, também trata da definição de sua realidade familiar.

(20) *“Família separada, ‘tipo’ meus pais são separados, então eu tenho duas famílias.”*

(Gigi, 13 anos)

Novamente, a fala de outra adolescente ilustra o caráter explicativo da expressão “tipo” e, de forma ainda mais enfática, busca esclarecer ao ouvinte o que o falante – no caso, a jovem – está tentando dizer. Dessa forma, a expressão carregaria o sentido de: “o que estou querendo dizer é...”

Apresento, a seguir, a fala do jovem Carlos.

(21) *“Minha família? É que nem a de muito amigo meu: o pai separou da mãe, eles ficaram vendo o pai deles de vez em quando, ‘tipo’ nos finais de semana. Eu... ‘tipo’ não sei muito bem explicar. Eu acho que...a gente não é diferente de muita família que eu conheço...muita família de amigo meu.”*

(Carlos, 15 anos)

O jovem Carlos, assim como os outros adolescentes apresentados, também apresenta uma fala que busca definir sua condição familiar. Entretanto, as duas vezes em que a expressão “tipo” é apresentada não apresentam a mesma idéia: no primeiro caso, a expressão assume um caráter explicativo, mas no segundo caso a expressão sugere dúvida, incerteza quanto à definição de sua estrutura familiar, isto é, fica difícil para ele classificar o tipo de família na qual está inserido.

O que se pode concluir, com a análise dos excertos apresentados acima, é que na maior parte das vezes a expressão ‘tipo’, muito empregada pelos adolescentes, apresenta um caráter explicativo, ou seja, de retomada e esclarecimento da idéia apresentada anteriormente, numa tentativa de dar uma seqüência de fácil compreensão ao que se fala e que, por vezes, pode não ser tão evidente. A meu ver, esse recurso comprova também que o locutor, ao se expressar, procura certificar-se de que se faz entender por seu ouvinte.

5.3.2 As expressões “*eu acho*”, “*não sei*” e “*sei lá*”: pistas de dificuldade identitária

Tendo em vista a conjuntura familiar que se evidencia hoje, na nova sociedade, destaco as palavras de Anthony Giddens (1992:96): na sociedade que se separa e se divorcia, a família nuclear gera uma diversidade de laços de parentesco associados, por exemplo, as chamadas famílias recombinadas. No entanto, a natureza desses laços muda à medida que estão sujeitos a uma maior negociação do que outrora.

Nessa perspectiva, destaco alguns excertos em que, na tentativa de definir seus contextos familiares ou a si mesmos, os jovens se mostram reticentes e deixam transparecer a existência de um forte conflito identitário, que parece ser resultado de uma desestrutura familiar, no sentido de quebra do núcleo familiar tradicional. Deve-se

lembrar que a adolescência é uma fase de transição biológica e, sobretudo, de mudança social, razão pela qual enunciados com processos verbais voltados para o mundo da consciência constituem uma constante na fala dos jovens. Entre tais enunciados, destaca-se “Eu acho que...”.

O excerto abaixo expõe a representação que o jovem Vitório faz de si mesmo, enquanto filho.

Cito os exemplos (22) a (30):

(22) “***Eu acho*** que eu fui um filho normal...eu não tiro notas boas, porque ***eu acho*** que eu não ‘dô’ muito pra estudo não...meu irmão repetiu o ano passado e ***eu acho*** que o meu outro irmão vai repetir esse...então ***eu acho*** que eu não sou um filho assim...do jeito que a minha mãe queria...que ela á muito estudiosa...lê muito...ela é médica...mas eu também não sou assim de brigar...entrar em briga de ‘galera’...é isso..”.

(Vitório, 17 anos)

Destaca-se, no trecho apresentado acima, uma ênfase da expressão “eu acho”, mencionada quatro vezes. Trata-se de um processo mental, por meio do qual Vitório, na tentativa de se identificar, mostra-se um tanto inseguro quanto à forma de se definir como filho e pessoa, e acaba por fazer uma descrição um tanto pessimista de si mesmo. Embora acredite ser um filho ‘normal’, afirma que não ‘dá’ para os estudos e que não acredita ser o filho que sua mãe gostaria que ele fosse. Dessa forma, pode-se inferir que a sua representação deve ser a reprodução da representação negativa que sua mãe faz a seu respeito. Paradoxalmente, ele descreve a mãe de uma forma positiva: “ela é muito estudiosa... lê muito... é médica”.

Apresento, a seguir, a fala da jovem Jéssie.

- (23) *“Ah... **eu acho** que você deve tentar é : ... conciliar assim... às vezes, quando os pais brigam por causa de você, por causa dessas coisas, que é o que mais acontece, “né”? Ou então... é...tentar não brigar tanto assim... com irmão, essas coisas... tentar assim... não tentar gerar mais conflitos, ‘né’?”*

(Jéssie, 15 anos)

Novamente nota-se, na descrição que a adolescente faz de si mesma, uma idéia negativa quanto à sua forma de ser. A jovem afirma que é a causadora de muitas brigas dos pais e que, inclusive, é o que mais acontece: os pais brigam motivados pelos erros dos filhos. Nesse sentido, percebo que ela se sente responsável pelos conflitos familiares em sua casa, atribuindo a si mesma uma boa parte da responsabilidade da discórdia que existe em sua família. Novamente o processo mental é percebido nesse excerto, processo ligado ao mundo das sensações, dos sentimentos e impressões.

Vejamos, a seguir, a maneira como a jovem Rúbia se identifica.

- (24) *“**Eu acho** que eu sou uma boa filha, uma boa irmã...mas...assim...**acho que...eu falho** às vezes, entendeu? Deixo a desejar um pouco.”*

(Rúbia, 15 anos)

A adolescente, primeiramente, diz que acredita ser uma boa filha e uma boa irmã, mas, a seguir, acrescenta que acha que às vezes falha e que deixa um pouco a desejar. Nesse sentido, pode-se inferir que, embora faça uma idéia, em princípio, positiva de si mesma, reconhece que poderia ser melhor e que não cumpre muito bem o “papel” que

sua família espera dela. A sua maneira de se descrever também envolve processos mentais por meio dos quais ela traça o seu comportamento.

Quando questionado a respeito da convicção do amor de sua família por ele, o jovem Marcelo nos apresenta a fala a seguir.

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

(25) *“Eu nunca tive, porque eles sempre foram desse jeito. Eles trabalham pra ajudar a gente, mas é daquele jeito deles mesmo. Eu nunca pensei que um dia ... eu nunca tive medo mesmo...assim...de perder o amor deles, porque a gente nunca brigou por coisa muito séria... tipo “lance” de droga..de mentira...coisa do tipo “sinistra” mesmo... mas amor mesmo... **não sei** se o jeito deles é o certo...**acho** que cada pai tem o seu jeito... é...é isso...”*

(Marcelo, 15 anos)

Em sua resposta, o adolescente afirma que nunca teve medo de perder o amor de sua família, porque nunca houve uma discussão muito séria em seu núcleo familiar. Por outro lado, deixa claro que a forma de amar dos pais é muito aquém daquela que ele desejaria como filho.

Ao final de sua fala, o jovem se mostra resignado com o jeito distante dos pais, tentando convencer a si mesmo de que, talvez, a frieza deles seja mesmo a forma ‘correta’ de amar: “...porque eles sempre foram desse jeito”, “...não sei se o jeito deles é o certo...acho que cada pai tem o seu jeito...”.

Vejamos, então, a fala da jovem Ana.

(26) *“Ahh...eu quero ter gêmeos! (risos)...Sei lá...eu queria ter um pai pros meus filhos...eu queria...sei lá...é muito difícil uma família sem um pai, eu quero que os meus filhos tenham um pai...eu quero uma família unida.”*

(Ana, 15 anos)

A realidade da jovem Ana já foi apresentada: ela tem quinze anos e foi criada sem conhecer o pai. Quando pensa sobre o futuro, projeta para si uma vida bem diferente daquela que teve. Ela quer uma família numerosa e, sobretudo, um pai para seus filhos, um pai que ela não teve e cuja ausência a marcou muito: “é muito difícil uma família sem um pai, eu quero que os meus filhos tenham um pai”.

Apresento, agora, a fala do jovem Fabrício.

(27) *“**Eu acho** que eu deixo a desejar. O meu pai e a minha mãe me cobram mais estudo. Eles brigam comigo, me colocam em reforço escolar...eles me cobram mais estudo, mas eles não ficam em casa, não. Eles trabalham...trabalham muito.”*

(Fabrício, 15 anos)

O adolescente Fabrício, de quinze anos, também tem uma visão negativa a seu respeito. Ele acredita que “deixa a desejar” nos estudos e afirma que, embora os seus pais briguem muito e cobrem mais estudo, não ficam em casa e não o acompanham de perto. Ele admite que os pais até pagam reforço escolar, para que ele tenha um melhor desempenho nas notas, mas reclama que não tem a atenção que deseja, já que seus pais trabalham muito: “Eles trabalham...trabalham muito.”

Acompanhemos a fala da jovem Gigi.

(28) *“Bem... boa filha **eu acho** que eu sou, mas eu **não sei** se eu sou boa irmã não..É porque eu não falo muito com eles não, eles são muito distantes, ‘tipo’ todos os filhos do meu pai são de mulheres diferentes, porque o meu pai, sabe, ele casou várias vezes. São quatro filhos: eu com mais três. Eles não me procuram muito não, só o mais velho, que é do primeiro casamento.”*

(Gigi, 13 anos)

A adolescente de 13 anos, Gigi, acredita que seja uma boa filha, mas não se julga uma boa irmã, por não ter muito contato com os irmãos, que são frutos de outros casamentos do pai. Embora admita que são os irmãos que não a procuram, ela assume a responsabilidade da distância familiar e questiona o seu comportamento como irmã.

Observemos, a seguir, a fala de um outro adolescente: Cláudio.

(29) *“Eu sou filho único, mas **eu acho** que deixo a desejar...às vezes...só na parte de nota. É que eu não gosto de estudar...nada!! Nenhuma disciplina... e eu sempre fui assim.”*

(Cláudio, 15 anos)

O jovem Cláudio, assim como os outros jovens cujas falas foram analisadas acima, também acredita que “deixa a desejar”. Ele afirma que, sendo filho único, deveria ter um comportamento que agradasse mais aos pais, mas assevera que não gosta de estudar e que nenhuma disciplina lhe agrada. Para finalizar sua fala, ele acrescenta “que sempre foi assim”, o que parece sugerir que a responsabilidade pelo seu fracasso escolar cabe unicamente a ele, que nasceu desinteressado pelos estudos.

Acompanhemos, a seguir, a fala de outra adolescente.

(30) *“Olha...eu não ‘vô’ falar que eu sempre fui a melhor e tal...eu já deixei a desejar sim...com os meus irmãos. **Eu acho** que eu não ‘dô’ muita atenção pra eles não.”*

(Márcia, 13 anos)

Outra fala que reforça a idéia de que muitos adolescentes se julgam responsáveis pelos conflitos familiares que vivem. A jovem Márcia também acredita que “já deixou a desejar” e afirma que não dá muita atenção para os irmãos.

Nesse sentido, pode-se inferir que, embora esses jovens admitam enfrentar problemas familiares também por culpa de seus pais, atribuem a si mesmos a maior parcela de culpa nas desavenças que existem em seus núcleos familiares. Eles fazem uma imagem pouco positiva de seus atos e de seus papéis no convívio familiar, descrevendo-se de forma negativa.

5.4 Os modos de agir, representar e ser na significação textual do discurso de jovens em conflito identitário: o foco na mensagem

De acordo com Fairclough (2001:90), o discurso é o uso de linguagem como forma de prática social, e não como uma atividade puramente individual ou um reflexo de variáveis situacionais. Nessa perspectiva, devemos focar o discurso como um modo de ação – forma como as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros – e um modo de representação – maneira como elas representam esse mundo. Além disso, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que o

moldam e limitam. Em prática, ele não é apenas mera forma de representar o mundo, mas de significá-lo.

Por meio de determinadas escolhas – lexicais, verbais, modais – os adolescentes expõem ao interlocutor seu mundo interno e suas crenças, enfim, deixam transparecer ao interlocutor quem de fato eles são, como se uma lupa pudesse externar tudo aquilo que eles ocultam e que seus discursos permitem conhecer. Uma das queixas freqüentes dos jovens entrevistados diz respeito à dificuldade com que, muitas vezes, se dava a interação de alguns membros de suas famílias. Geralmente, são relatos que trazem à tona alguns dos motivos responsáveis pelo desmembramento de suas famílias nucleares, entre eles, a incompatibilidade e a intolerância.

O exposto acima pode ser ilustrado por alguns excertos que apresento a seguir, os quais evidenciam um marcante uso de expressões como ‘não se batiam’ ou ‘não se davam’. Nesse sentido, fica evidente, no discurso desses jovens, que é difícil para eles posicionarem-se de forma segura quanto às suas próprias identidades e quanto às características sociais em que se inserem suas famílias, muitas vezes bastante diferentes das chamadas “famílias tradicionais”, quer seja em sua estrutura, quer seja no modo de se relacionar. Os excertos (31) a (34) são exemplos disso.

Vejamos a fala da jovem Gigi.

(31) *“Quando eu nasci, meus pais já eram separados, eles não comentam, mas é porque eles **não ‘batiam’** muito bem, assim...não combinavam.”*

(Gigi, 13 anos)

A adolescente deixa evidente em sua fala que, quando nasceu, seus pais já não viviam juntos. Ela afirma que eles evitam comentar, mas ela sabe que o motivo da

separação é que eles não se davam bem: “eles não ‘batiam’ muito bem, assim...não combinavam.” Pode-se deduzir que, devido à intolerância, eles se separaram antes mesmo do nascimento da filha e não lhe permitiram crescer em uma família em que houvesse a presença e os cuidados do pai e da mãe.

Vejamos, a seguir, o que afirma a jovem Manuela.

(32) *“Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais. Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos, mas é meio difícil, porque ela pensa certas coisas, eu penso outras, a gente não ‘bate’ nossas... idéias. É, a gente não ‘bate’ muito bem.”*

(Manuela, 13 anos)

A jovem Manuela, cuja situação familiar já foi apresentada, tem um difícil relacionamento com a mãe, com quem ela admite brigar bastante. Ela não se exime da culpa e afirma que as duas ‘não se batem’ e que, por essa razão é meio difícil que venham a ter uma convivência pacífica. A adolescente manifesta desejo de que ela e a mãe briguem menos, mas acredita que isso seja difícil, uma vez que elas têm idéias diferentes, formas divergentes de ver o mundo.

Acompanhemos, a seguir, a fala do jovem Vitório.

(33) *“Meu pai tava casado e eu fui morar com ele, mas não deu muito certo, porque ele casou mais duas vezes e eu não ‘batia’ muito com as mulheres dele”.*

(Vitório, 17 anos)

A história de vida de Vitório também já é conhecida. Nesse trecho, ele esclarece que o período em que tentou morar com o pai não deu certo, porque o pai se casou

muitas vezes e ele não se relacionava bem com as mulheres dele. Outra vez nota-se a expressão “não bater” com o sentido de não “se dar bem”, mencionada por outros adolescentes: “eu não batia muito com as mulheres dele.”

No excerto a seguir, a jovem Jéssie comenta o difícil relacionamento que tem com a irmã mais velha.

(34) *“Porque... a gente não se entende (riso). É muito difícil. A gente tem 5 anos de diferença e ... assim... a gente discute, **nunca as idéias ‘batem’**, aí eu...já reclamo, ela também e aí gera briga e acaba minha mãe entrando no meio pra tentar separar e... acalmar, mas... eu acho que eu mudaria isso.”*

(Jéssie, 15 anos)

No excerto apresentado acima, a adolescente esclarece que ela e a irmã não conseguem se entender, sobretudo, devido à diferença de idade. Em sua fala, Jéssie afirma que “nunca as idéias batem” entre ela e a irmã e que, inclusive, as duas já travaram brigas em que foi preciso a mãe se intrometer, para que a desavença tivesse fim. A jovem, entretanto, não se sente confortável com a situação que vive e revela que gostaria de mudar essa realidade.

Cabe observar, ao final desta seção, que enunciados como “as idéias não batem”, “eles não batiam muito bem”, “eu não batia muito com as mulheres dele” – mais que ilustrar modos de agir dos jovens pela linguagem, constituem pistas discursivas que configuram a maneira como eles vêem o mundo que os cerca. Trata-se, a meu ver, de uma maneira metafórica – luta, choque de espírito – de representar a realidade do mundo que os rodeia.

5.4.1 A coesão no discurso dos jovens

Como bem registram Ghio e Fernandez (2005:125):

A coesão consiste nos recursos léxico-gramaticais que permitem expressar vinculações no interior do texto sem criar uma estrutura gramatical (cf. Matthiessen. *Glossary of Systemic Functional Terms*); refere-se às relações de significado que existem dentro do texto, e que o definem como tal.

Uma observação a mais deve ser acrescentada ao registro das autoras citadas acima. Trata-se do fato de as palavras carregarem, de um modo geral, um semanticismo generalizado. Assim é que as relações de significado, a meu ver, vão depender da significação que as palavras adquirem dentro do texto em que são empregadas. Isso vale tanto para os elementos lexicais quanto para os itens gramaticais, como conectivos e preposições.

Para que haja textualidade, é preciso que se leve em conta o papel fundamental dos elementos coesivos em um discurso. Em geral, é por meio dos chamados conectivos (ou conjunções) que o texto vai-se formando como um grande tecido cujas idéias se vão entrelaçando na lógica estabelecida pela conjuntura textual.

Os conectivos são responsáveis por estabelecer um elo significativo entre palavras, frases ou orações, de modo a servir como pilar de sustentação da intenção do falante no discurso. Funcionam, inclusive, como operadores argumentativos, servindo como alicerces que alavancam a progressão textual. Nos excertos abaixo, pode-se perceber de que maneira a coesão textual vai sendo estabelecida nos relatos dos jovens e

de que forma, por meio de elementos coesivos vão sendo representados seus mundos interiores.

Os excertos (35) a (39) trazem as realidades dos jovens Jéssie, Manuela, Rúbia, Marcelo e Fabrício. Vejamos de que maneira os conectivos utilizados por eles são relevantes para a construção do sentido de seus mundos.

(35) *“Porque... a gente não se entende (riso). É muito difícil. A gente tem 5 anos de diferença e ... assim... a gente discute, nunca as idéias batem, aí eu...já reclamo, ela também e aí gera briga e acaba minha mãe entrando no meio pra tentar separar e... acalmar, mas... eu acho que eu mudaria isso.”*

(Jéssie, 15 anos)

A jovem Jéssie, em sua fala, expõe a difícil relação que tem com a irmã mais velha. A diferença de idade é uma importante causa das constantes brigas e da dificuldade de convivência entre elas. O “porque” inicia o excerto de cunho explicativo e é seguido por uma idéia aditiva, que é enlaçada pelo conectivo “e” e pela expressão “aí”, uma vez que ambos têm a função de acrescentar informações adicionais ao que já foi dito, e funcionam como elementos de ligação. Ao final do relato, Jéssie acrescenta que, embora a mãe costume apaziguar as brigas, ela gostaria de mudar tudo isso e, para transmitir seu desejo, utiliza-se do operador adversativo “mas”, que funciona, nesse caso, como elemento de oposição e contraste.

Apreciemos, a seguir, uma parte da entrevista-narrativa de Manuela.

(36) *“Ó.. eu... assim... eu não sou muito relacionada com os meus irmãos, porque eles são de outro casamento do meu pai, o primeiro casamento dele, o meu pai casou*

três vezes, aí... tipo eu não vejo muito eles, eu vejo alguns finais de semana, mas... quando a gente se vê, a gente fica muito junto. A gente tem um relacionamento muito bom. Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais. Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos, mas é meio difícil, porque ela pensa certas coisas, eu penso outras, a gente não bate nossas... idéias. É... a gente não bate muito bem.”

(Manuela, 13 anos)

Nesse excerto em que é apresentado o relato da jovem Manuela, há uma preponderância do conector lógico de causa “porque”, que liga as razões pelas quais a adolescente não consegue ter a relação familiar que gostaria.

O momento em que se utiliza de outros conectores ocorre quando Manuela emprega, de forma unida e complementar, o conector lógico de oposição “mas” e o conector lógico de tempo “quando”. Nesse sentido, é possível inferir que, quando as circunstâncias permitem, a jovem até tem um bom relacionamento com os irmãos, contato que só não é maior devido às circunstâncias em que sua família vive: o desmembramento do núcleo familiar em razão dos diversos matrimônios contraídos e rompidos por seu pai.

Embora o núcleo familiar de Rúbia – cuja fala se destaca no exemplo abaixo – mantenha uma estabilidade, o mau humor do pai é apontado em seqüências enlaçadas por conectores aditivos e por seqüências paratáticas, coordenadas.

(37) *“Ah, não sei! Acho que é problema na empresa dele e tal. ‘Tá’ indo mal, aí ele ‘tá’ sempre irritado... não tem paciência com nada, não faz nada... essas coisas.”*

(Rúbia, 15 anos)

Na entrevista-narrativa de Rúbia, ressaltam-se apenas o “aí” elemento de coesão que é freqüente em diversos relatos dos jovens colaboradores e que dá seqüência às idéias de seus relatos, e o “e”, elemento aditivo que, no caso de sua fala, se propõe a acrescentar algo que ela não vai desenvolver (e que fica generalizado pela idéia do “tal”).

Vejamos a fala de Marcelo.

(38) *“Eu vejo... assim... como a de todo mundo... só que meus pais brigam muito, não se entendem e... ‘.tipo’..., quando “tão” em casa, brigam mais do que...não têm tempo pra mim... trabalham muito e brigam muito.”*

(Marcelo, 15 anos)

Já no excerto de Marcelo, apresentado acima, destaca-se o conector lógico de adição “e”, que liga e enfatiza – pela repetição – o ambiente de brigas constantes que o jovem vive em sua realidade. Embora estejam presentes em casa, em alguns momentos, os pais de Marcelo não têm tempo para dar assistência aos seus estudos e acompanhar sua rotina social e escolar, já que a única coisa que fazem é discutir. Nesse sentido o adolescente afirma que eles se diferenciam das famílias de “todo mundo” que, no seu modo de ver, não brigam tanto assim.

Vejamos o exemplo seguinte, que envolve mais um segmento que ilustra a fala de um jovem.

- (39) “**Quando** a minha mãe...deu um negócio na cabeça, um tumor, e ela não queria fazer cirurgia de jeito nenhum. **Aí** a família deu força pra ela e ela fez cirurgia. Eu achei que ela fosse morrer, **mas** acabou que deu tudo certo.”

(Fabrício, 15 anos)

No trecho apresentado por Fabrício, os elementos coesivos que estão presentes são o temporal, que traz à tona uma lembrança ruim, que estava no passado do adolescente; os conectivos “e” e “aí” e a conjunção adversativa “mas”, que apresenta a idéia de que, embora tenha vivido momentos difíceis e de tensão, tudo acabou bem para ele e sua família naquela ocasião. Nesse sentido, o conectivo de oposição traz a idéia de alívio: houve um momento extremamente difícil, mas tudo se resolveu de forma positiva.

Os trechos acima apresentam exemplos que demonstram a importância dos conectores lógicos como elementos coesivos nos discursos. Ressalto que se trata de falas que compõem um *corpus* formado, em sua maioria, pela oralidade. Nesse sentido é possível observar o emprego de conectivos como: *porque*, que funciona como um elemento de justificativa, servindo, então, como elo argumentativo; *e*, que se trata de um elemento de ligação na seqüência de idéias; *aí*, utilizado como *então* e funcionando, também, como elemento aditivo; *mas*, que traz uma idéia de oposição, portanto uma contradição entre o que ocorreu e o que era esperado pelos falantes e *quando*, conectivo que resgata ao momento da fala situações vividas pelos colaboradores da pesquisa.

São esses operadores argumentativos que dão seqüência às idéias dos jovens que expõem, de forma bastante natural e verdadeira, experiências vivenciadas por eles, bem como a maneira como interpretam a realidade social na qual se inserem.

5.4.2 O possessivo e o desejo de reconstrução familiar na busca da reconstrução identitária

Postula Fairclough (2003:173) que os discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou seja, da maneira como ele é visto), eles são também projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e que podem ser mudados em direções particulares. O falante, quando expõe sua própria realidade, projeta, por meio de algumas ‘marcas’, um mundo que não é real, mas que, no seu mundo interior, poderia se tornar verdade.

Os estudantes que colaboraram com o presente estudo deixaram transparecer em seus discursos desejos marcados de diversas formas, uma delas pela reiteração dos possessivos que, reforçados pelo futuro do pretérito, acabam por expressar uma forte necessidade de que determinadas condições familiares que eles vivem no mundo exterior sejam substituídas pelas idealizações que constroem em seus mundos interiores.

Alguns exemplos do exposto são ilustrados pelos excertos (40) a (44).

Vejamos o que diz o jovem Carlos.

(40) *“Eu queria que todo mundo se entendesse. Queria que fosse que nem quando eu era pequeno: **meu** pai casado com a **minha** mãe. Eu sei que eles dizem que assim é que ‘tá’ melhor, mas eu não acho.”*

(Carlos, 15 anos)

O adolescente, neste excerto, expressa o desejo de que a sua família consiga viver em harmonia. Em seguida, afirma que queria o **seu** pai junto da **sua** mãe, ainda que ambos procurem justificar ao filho a separação, mediante o argumento que do jeito que

eles estão está melhor do que antes. O jovem não concorda com a opinião dos pais e, quando reforça que queria os pais vivendo como um casal, enfatiza a idéia de posse – “**meu** pai casado com a **minha** mãe” – o que evidencia a idéia de que a sua família só seria considerada completa se os **seus** pais estivessem juntos.

Vejamos agora o que nos apresenta a jovem Manuela.

(41) “Ó.. eu... assim... eu não sou muito relacionada com os **meus** irmãos, porque eles são de outro casamento do **meu** pai, o primeiro casamento dele, o **meu** pai casou três vezes, aí... ‘tipo’ eu não vejo muito eles, eu vejo alguns finais de semana.

(Manuela, 13 anos)

A adolescente Manuela emprega três vezes o possessivo “meu” e, embora reconheça os seus irmãos – do primeiro casamento do pai – como membros da família, afirma que não têm muita convivência com eles. A idéia de que o pai lhe pertence, embora já tenha construído e “desconstruído” outras famílias, está evidente no possessivo de que se utiliza em: “o **meu** pai casou três vezes”. Ou seja, não importa quantas famílias o pai tenha formado, ele continua sendo “seu” pai.

Acompanhemos, a seguir, a resposta da jovem Rúbia, ao ser interrogada se mudaria algo em sua família.

(42) “Ah... ‘num’ mudaria nada não... talvez só... com a **minha** mã... com **meu** pai, na verdade, porque eu e **meu** pai...assim... a gente ‘não se bate muito’, que eu acho, ele às vezes é um pouco grosso demais... e... não sabe conversar...essas coisas. Só mudaria com ele. Mudaria ele.É isso!”

(Rúbia, 15 anos)

Rúbia, em princípio, afirma que não faria mudança alguma em sua família, mas, em seguida, fica em dúvida quanto à possibilidade de mudar a mãe ou o pai. Acaba optando por mudar o pai, que considera grosso demais. Pode-se inferir que, embora reconheça que sua família não precisa de grandes mudanças – já que o **seu** pai e a **sua** mãe convivem juntos, o pai poderia ser mais amistoso e relacionar-se melhor com ela.

Apresento, em seguida, a fala do jovem Marcelo, que responde à mesma pergunta feita à adolescente Rúbia.

(43) *“Eu não falo muito com os **meus** pais... ‘tipo’...eles não ficam muito em casa...eu fico mais com o **meu** irmão...eles perguntam só de nota... ‘lance’de escola... de namorada...essas coisas... a gente só conversa mesmo, de verdade, de vez em quando. Eu acho que...de repente... falar mais. Eu acho que... ter mais relacionamento....comigo e com o **meu** irmão. A gente vê televisão de vez em quando, todo mundo, mas o normal é cada um “tá” no seu canto.. É, eu acho que é isso mesmo...”*

(Marcelo, 15 anos)

O adolescente Marcelo afirma que não fala muito com os **seus** pais, que não ficam muito em casa e só se interessam por suas notas, o que dá a entender que eles não são muito preocupados com o que diz respeito a outros aspectos de sua vida. Mesmo assim, demonstrando um comportamento distante, são seus pais e ele expressa esse reconhecimento por meio do possessivo que emprega: “**meus** pais”.

Quanto ao seu irmão, Marcelo também admite que, assim como ele, não tem uma convivência suficiente com os pais, que, da mesma forma, não têm tempo para ele.

Deduz-se, portanto, que ele “possui” uma família completa – **meus** pais, **meu** irmão – embora essa família não tenha uma interação que se esperaria de um núcleo familiar: eles dividem o mesmo espaço, mas não dividem suas vidas.

Apresento, a seguir, a fala do jovem Vitório.

(44) *“Eu acho que eu mudaria quando eu era pequeno...assim... eu não sei o que é viver todo mundo junto...a família toda junta...eu queria que a **minha** mãe, o **meu** pai e os **meus** irmãos vivessem todo mundo junto...é...eu acho que mudaria isso...não sei como seria...”*

(Vitório, 17 anos)

A realidade de Vitório, comentada anteriormente, é reforçada pelo uso dos possessivos – **minha** mãe, **meu** pai, **meus** irmãos – que conferem à sua situação familiar um contraste irônico: de um lado o seu desejo de que a família seja unida e feliz, do outro a realidade de desestrutura familiar em que vive e que procura amenizar com o emprego dos possessivos de que se utiliza, na tentativa de acreditar que, mesmo na solidão, ainda possui uma família.

Assim, deduz-se que o uso recorrente do possessivo, aliado ao emprego do futuro do pretérito, deixa entrever, por parte de alguns jovens, um desejo de união e de harmonia familiar, uma necessidade de pertencimento que, a meu ver, acaba se concretizando para esses jovens quando enfatizam a idéia de posse. Nesse sentido, ressalto que não é apenas a vontade de conviver em uma família da qual façam parte que se manifesta nesses discursos, mas a projeção de uma família futura que venha a atender os anseios de estrutura familiar que, na realidade de alguns deles, não são reais.

5.5 A negligência familiar em todas as camadas sociais

Inicialmente, optei por investigar relatos de adolescentes de classe média por me interessar pelos rumos que a família vem tomando na sociedade pós-moderna. Parece que o relativo abandono e a negligência familiar, explícitos no discurso dos jovens pesquisados, deixam claro que a desestrutura familiar vem prejudicando a construção da identidade na adolescência. A falta de atenção dos pais, bem como as atitudes de negligência com relação aos filhos, evoca a idéia de fragmentação, um dos modos de operação da ideologia concretizada no expurgo do outro (vide capítulo teórico, seção 3.2). Além da fragmentação oriunda do eixo familiar, outra categoria que encontra raízes na ideologia é a dissimulação, que pode ser ilustrada na seguinte fala de uma jovem: *“Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais.”* Nesse sentido, destaca-se a forma como a jovem mitiga, ainda que um pouco irônica, a difícil relação com a mãe: “um relacionamento não muito bom”. Cabe, ainda, observar que enquanto o expurgo do outro caracteriza o comportamento dos pais, a dissimulação ocorre na fala dos adolescentes.

Se vista pelo seu lado interno, a idéia de família refere-se ao indivíduo em grupo, sua origem, desenvolvimento e crescimento que, nesse grupo, tornam-no capaz de vir a ser participante integrado em sua sociedade. Dessa capacidade de atuar na sociedade é que vem a idéia de família vista pelo seu lado externo, porque o homem é capaz, a partir de sua criação em um núcleo familiar, de se voltar para o mundo a sua volta. O sentimento de família engloba todos os traços característicos e sentimentos inerentes à pessoa humana, tais como: identidade, pertencimento, aceitação, rejeição, amor, carinho, respeito mútuo, raiva, medo, ódio, entre diversos outros. É justamente a fusão de

sentimentos e de traços que torna a família tão complexa e sua compreensão um desafio interminável.

Segundo Souza (1985), a família é o microcosmo e tudo o que se passa no mundo externo tem sua origem primeira no grupo familiar. É nessa perspectiva que se reconhece a família como a *célula mater* da sociedade. Por outro lado, Eiguer (1985) sugere que a família é composta de membros que têm, em grupo, modalidades de funcionamento psíquico inconsciente diferente de seu funcionamento individual. Assim é que a formação de valores passa, indubitavelmente, pela família.

Na sociedade de hoje, muitos pais desrespeitam os direitos dos filhos. Assim é que respeito, lazer e direito à convivência familiar não são preocupação para pais que, julgando-se “donos da verdade”, e acreditando, em nome dos bons princípios, estarem educando da melhor forma, acabam-se ausentando de uma vida em família e tentam compensar a ausência em casa com bens materiais. O diálogo com os jovens se restringe, muitas vezes, a ordens e proibições.

Algumas vezes, são os valores culturais que “falam mais alto”, como crenças religiosas. Uma realidade que se tem observado hoje é a imposição de alguns pais na escolha, inclusive, da vida religiosa de seus filhos. São comuns histórias de pais que apenas permitem aos filhos agir de acordo com suas próprias regras e valores religiosos, proibindo-os, inclusive, de ouvir outras músicas que não sejam aquelas entoadas em suas igrejas.

Nesta seção, algumas leis do Estatuto da Criança e do Adolescente, que protegem crianças e jovens, serão comentadas e a apresentação de alguns excertos ilustrará de que maneira essas leis vêm sendo, muitas vezes, desrespeitadas.

O Art.16^o defende o direito à liberdade, que compreende os seguintes aspectos:

I) ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II) opinião e expressão;

III) crença e culto religioso;

IV) brincar, praticar esportes e divertir-se;

V) participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

VI) participar da vida política, na forma da lei;

VII) buscar refúgio, auxílio e orientação.

No exemplo (45) da entrevista-narrativa, a menina Manuela, treze anos, expõe sua realidade familiar:

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê?))

(45) *“Ah... eles serem um pouquinho menos rígidos comigo. Porque... minha mãe mesmo, ela não confia em mim, ela é muito rígida comigo. Ela ...encrenca com meus amigos, encrenca com tudo, praticamente com tudo meu.”*

((Você já teve medo de perder o amor da sua família? Quando?))

“Ah, quando eu fui estudar num colégio interno, que eu...”

((Você já estudou em colégio interno?))

“Já.”

((Onde?))

“No IABC, perto de Anápolis.”

((Você ficava direto lá?))

“Ficava. Só vinha no final de semana pra cá. Aí eu tive um pouco de medo, porque eu quase não via eles. Aí eu ficava pensando: Ah, será que eles ainda gostam de mim?”

((E que tipo de mãe você se imagina?))

“ Ah, uma mãe um pouco mais liberal do que a minha mãe é agora, porque como a minha mãe não gosta de várias coisas, mas... eu não vou me importar muito com coisas assim... qual é a roupa que minha filha ou meu filho quer usar. Se quer escutar música de outras coisas sem ser evangélica, tanto faz...”

O excerto da entrevista-narrativa, destacado acima, deixa transparecer a realidade que vive essa garota de classe média. Ela não tem liberdade de crença e culto religioso, já que a mãe não lhe permite ouvir músicas que não sejam evangélicas; não participa de vida comunitária com frequência, em razão do controle excessivo exercido pela mãe; não pode buscar auxílio e orientação na família, porque não tem diálogo com a mãe. A convivência familiar é restrita, pois ela afirma que estudou em colégio interno e que ficava afastada do convívio familiar, a ponto de ter dúvidas quanto ao amor dos pais.

A fala da jovem parece sugerir, também, uma vida muito presa, o que, de certa forma, feriria o Artigo 71º do ECA: “A criança e o adolescente têm direito a informação,

cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.”

Segundo Manuela, os pais têm um comportamento bastante rígido em relação à sua educação, o que acaba impossibilitando uma convivência saudável entre ela e seus responsáveis. Nesse aspecto, a obrigação familiar de orientar a filha fica prejudicada, já que não existe uma abertura por parte dos pais para que o diálogo seja estabelecido.

A observação da família atual pode levar à percepção de um grupo confuso, muitas vezes contraditório, oscilando entre dois modelos. A coexistência de opostos termina por gerar conflitos nem sempre fáceis de serem negociáveis. Sob o ângulo dos pais, as contradições podem parecer ainda mais intensas, pois, ao mesmo tempo em que apresentam um forte desejo de reproduzir com os filhos o mesmo padrão de educação que tiveram, podem, por vezes, demonstrar uma fuga do modelo da família de origem, o que pode levar a uma radicalização na liberdade concedida aos filhos, que beiraria à negligência e ao descaso no papel de protetores e de alicerce familiar.

A transcrição do trecho seguinte mostra uma jovem confusa, que ama a família e que a quer como seu *porto seguro*, mas que tem um difícil relacionamento com o pai, que traz os seus problemas de trabalho para o ambiente familiar. Rúbia tem quinze anos e relata sua vida em família:

((O que é família pra você?))

(46) “Ah... são as pessoas que tão comigo toda hora, que me apóiam sempre, é a minha base...assim...é ...minha vida.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Ah... num mudaria nada não... talvez só... com a minha mãe... com meu pai, na verdade, porque eu e meu pai... assim... a gente ‘não se bate muito’, que eu acho, ele às vezes é um pouco grosso demais... e... não sabe conversar... essas coisas. Só mudaria com ele. Mudaria ele. É isso!”

((Como é que você gostaria que ele fosse?))

“Do jeito que ele era há um tempão atrás... assim... uma pessoa mais calma... é: ... que num tivesse assim... sempre de mau humor.”

((Ah, ele era calmo e mudou. É isso?))

“Mudou! Não tivesse sempre de mau humor... porque ele ‘tá’ assim: de segunda a segunda de mau humor.”

((Mas por que que ele...))

((Interrompe, novamente, bruscamente))

“Ah, não sei! Acho que é problema na empresa dele e tal. ‘Tá’ indo mal, aí ele ‘tá’ sempre irritado... não tem paciência com nada, não faz nada... essas coisas.”

O Art.17º lembra que o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, *psíquica e moral* da criança e do adolescente, abrangendo a preservação *da imagem e da identidade*, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Em um primeiro momento da entrevista, a adolescente deixa claro que família para ela é “a sua base”, isto é, a família é a base de tudo. Sua definição de família traz o conceito de família como aquela que protege, isto é, “as pessoas com quem se pode contar”.

Quando responde se mudaria alguma coisa na relação com sua família, Rúbia é contraditória. Em primeiro lugar, afirma que não mudaria coisa alguma, mas se corrige e afirma que mudaria a relação com o pai, com quem “não bate muito”. Segundo a jovem, o pai é “um pouco grosso demais” e “não sabe conversar”. Em seguida, questiona-se de que forma ela gostaria que o pai fosse, ao que ela responde: “que ele fosse uma pessoa mais calma”, como era antes. Gostaria que ele não estivesse sempre de mau humor. Segundo o seu relato, o pai está de mau humor “de segunda a segunda.” Nesse momento, fica evidente que o pai acaba afastando-se do convívio com a família, sobretudo da filha, a partir do momento em que não permite uma aproximação maior com a jovem, pois, segundo a mesma, não há diálogo possível, já que ele a trata com rispidez.

A jovem, ao tentar explicar o motivo da agressividade e da falta de diálogo do pai, argumenta que ele deve estar com algum problema na empresa, que possivelmente estaria indo mal, já que ele está “sempre irritado, não tem paciência com nada, não faz nada.”. Apesar de deixar claro que o pai era calmo, o seu comportamento atual demonstra que ele, como muitos pais de diversas camadas sociais, parece transferir seus problemas de trabalho para o ambiente familiar, o que pode ser explicado pela competição profissional que a sociedade atual enfrenta.

A rispidez com que o pai relatado trata a filha faz com que a integridade psíquica da jovem seja prejudicada, já que não há possibilidade de um relacionamento afetivo entre ambos. Dessa forma, a preservação da imagem e da identidade da colaboradora também acaba sendo atingida.

No trecho a seguir, que constitui, também, parte de uma entrevista-narrativa, o jovem Vincenzo, de 17 anos, expõe seu cotidiano em família e aponta um problema vivido por ele: não há muito entrosamento entre os membros de sua família, o que parece demonstrar que seus familiares apenas dividem o mesmo espaço, sem que um preste apoio ao outro.

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você, além da questão do diálogo? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

(47) *“Eu acho que...de repente... falar mais. Eu acho que... ter mais relacionamento....comigo e com o meu irmão. A gente vê televisão de vez em quando, todo mundo, mas o normal é cada um ‘tá’ no seu canto.. É, eu acho que é isso mesmo..”.*

(Vincenzo, 17 anos)

Assim, vejamos: o Estatuto da Criança e do adolescente prevê, em seu Art. 5, que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de *negligência*, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação *ou omissão*, aos seus direitos fundamentais”.

A partir do momento em que não prestam assistência a seus filhos, os pais são negligentes e omissos. Pode-se afirmar que a negligência também se constata na freqüente ausência de alguns pais, que não se interessam pela vida social ou escolar de seus filhos, bem como não os acompanham em suas tarefas escolares nem os orientam em sua vida sexual.

O Artigo 10º do Estatuto da Criança e do Adolescente afirma que: “Toda criança ou adolescente tem direito a *ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar, em ambiente livre de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.*”

Quanto a esse aspecto, apresento trechos da fala do jovem Vitório, de 17 anos, que expõe toda a sua problemática vida familiar. Ele foi tratado como “algo” secundário para os pais, que, preocupados com suas próprias vidas, “deram o menino” para que uma das avós o criasse. Seu relato demonstra tristeza e um forte desejo de que sua infância tivesse sido diferente: no seio de uma família tradicional:

(48) *“Professora...é meio complicado...a minha família é muito complicada. Eu não vivi com os meus pais quando eu era pequeno. A minha mãe e o meu pai...eram namorados quando eu nasci. Eles não ficaram juntos...e a minha mãe e ele não quiseram cuidar de mim...a minha mãe queria ser médica e me deu pra minha avó me criar.”*

((O que é família pra você?))

“É difícil explicar...porque..eu fiquei pouco tempo com cada um..cada hora com um..assim tudo dividido...não era aquela família igual...com todo mundo vivendo junto...eu acho que a minha família era a minha avó...mas daí...aconteceu aquilo com ela... então...eu não sei muito bem falar de família...sabe? A minha é muito diferente.

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Eu acho que eu mudaria quando eu era pequeno...assim... eu não sei o que é viver todo mundo junto...a família toda junta...eu queria que a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos vivessem todo mundo junto...é...eu acho que mudaria isso... não sei como seria...”

(Vitório, 17 anos)

O relato do jovem Vitório parece demonstrar que a ele não foi dada a chance de conviver com a sua família, que acabou se restringindo a uma única avó. A construção de sua identidade também acabou por se tornar limitada, uma vez que foi sendo

construída de forma fragmentada, já que, segundo ele, ficou pouco tempo com cada familiar. Dessa forma, à medida que ia convivendo, separadamente, com cada membro de sua família, ia moldando seu mundo interior: um mundo fragmentado.

Pela reflexão aqui apresentada, cabe destacar que o desrespeito aos direitos da criança e do adolescente não está presente em uma única camada social, mas perpassa as diversas realidades, o que pode ser comprovado pelo discurso de jovens de classe média no contexto de Brasília.

5.6 Algumas considerações

Procurei apresentar neste capítulo um estudo sobre a fala de alguns adolescentes de classe média de uma escola confessional de Brasília. Busquei como apoio analítico a proposta de Fairclough voltada para a Análise de Discurso Crítica (2001,2003), bem como os estudos de Eggins (2004), e de Ghio e Fernández (2005), além do enfoque de transitividade de Halliday e Matthiessen (2004).

No decorrer do capítulo analítico, procurei demonstrar, sobretudo, com base na Análise do Discurso Crítica, que o discurso deixa transparecer vestígios identitários capazes de revelar o mundo interior de quem dele se utiliza, assim como também demonstra que o mundo exterior do falante está indissociavelmente ligado à realidade interna que ele constrói.

No caso dos colaboradores apresentados nesta pesquisa, o mundo interno construído por cada jovem – e demonstrado em seus discursos – revela que o desmembramento da família ou a falta de convivência harmoniosa entre os membros de um determinado núcleo familiar não permitiu a construção de identidades plenas, de tal maneira que houve um esvaziamento dessas identidades. Esse esvaziamento é revelado

nas linhas e entrelinhas de cada discurso. As mudanças no contexto social trouxeram também mudanças discursivas, que revelam dramas familiares que trazem à tona o problema da negligência familiar presente em muitas famílias de classe média. Ocorre que ‘ser jovem’, ou seja, viver a juventude significa exatamente participar e ser objeto de todas as mudanças que ocorrem na sociedade. Se observarmos o discurso de um idoso nos dias atuais e analisarmos esse mesmo discurso vinte anos atrás, chegaremos à conclusão de que houve nenhuma ou poucas mudanças em nível lingüístico. Na outra extremidade, está o discurso do jovem: vulnerável, mutante, inovador, despojado, displicente, ousado; sempre contextualizado, sempre em parceria com os dias atuais.

De forma simples e verdadeira, o discurso de cada um desses jovens permite constatar que a primeira e mais importante sociedade da qual fazemos parte continua sendo o núcleo familiar, onde estão os mais significativos valores que levamos pela vida afora. Como bem observa Velho (1997) desde um ponto de vista antropológico, a família é por definição a essência da sociedade.

Embora uma tradição secular não perca a força identitária tão facilmente, a tríade pai, mãe e filhos tende a se enfraquecer nos tempos modernos, o que evoca o pensamento de Hall (2003:7), para quem “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. E isso é preocupante, sobretudo, quando se trata dos efeitos que podem abalar o futuro de jovens, cujas entrevistas-narrativas tornaram possível o presente estudo.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo apresentar e discutir a situação familiar vivida por jovens de classe média de Brasília, por meio da interpretação da representação discursiva que esses jovens fazem de seus próprios papéis sociais, enquanto membros do núcleo familiar a que pertencem. O trabalho teve como dados básicos de análise as entrevistas-narrativas colhidas junto a adolescentes de classe média, estudantes do Colégio La Salle, uma escola particular confessional de Brasília. Os jovens que colaboraram com a pesquisa têm entre 13 e 17 anos e são provenientes, em sua maioria, de famílias desmembradas. Reforçam a discussão analítica alguns trechos do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei de 1990, que serve como pilar para a discussão dos dados apresentados.

Por meio de três procedimentos metodológicos complementares, utilizados na construção do *corpus* – a observação participante, as entrevistas-narrativas e a pesquisa documental - foi possível obter dados relevantes para a análise. Dessa forma, buscou-se cientificidade e confiabilidade à pesquisa levada a cabo.

Como embasamento teórico, buscou-se o diálogo entre a Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 1992, 2003), e a Língua Sistemico-Funcional (Halliday e Matthiessen, 2004). Como reforço para a base teórico-analítica da pesquisa, adotou-se o estudo detalhado dos processos de transitividade propostos por Halliday e Matthiessen (2004), Fairclough (2003), Eggins (2003) e Ghio & Fernandes (2005).

A análise dos processos de transitividade examinados e dos significados da linguagem examinados nos fragmentos narrativos, bem como o enfoque no tema da família expresso no *corpus* em questão, permitiu confirmar que a linguagem é o veículo por meio do qual é possível interagir com o mundo e com o outro. Os quinze relatos apresentados e discutidos serviram como janela para apontar a realidade familiar vivida pelos adolescentes envolvidos na pesquisa. Essa realidade explicita um mundo de cobranças, de distância por parte dos pais e, muitas vezes, de desamor (expurgo do outro). A dificuldade de convivência familiar e a necessidade de uma base sólida dentro de um lar são explicitadas nos relatos da maior parte dos adolescentes, os quais representam seu “mundo real” por meio de processos relacionais em sua maioria. Tais processos, em geral, acabam superando os outros, o que comprova que, em seus discursos, os jovens procuram estabelecer relações entre a vida que os cerca e a maneira como representam todos os elementos dessa vida.

Em termos da função interpessoal, no discurso dos adolescentes, pôde-se identificar em seus atos de fala expressões recorrentes tais como “tipo” e “tipo assim” que parecem demonstrar, à primeira vista, um caminho para uma futura gramaticalização, uma vez que competem com conectores lógicos como: “ou seja” e “por exemplo”. A expressão “tipo”, a meu ver, também contribui para estabelecer uma interação e uma busca de identidade lingüístico-discursiva entre o falante e seu interlocutor, uma vez que há uma procura, com esse recurso, de uma espécie de ‘gancho’ para dar seqüência a suas idéias, além de se certificar de que seu interlocutor compreende aquilo que ele tenta expressar.

A análise dos modos de agir, representar e ser na significação textual do discurso dos jovens, em conflito identitário, permitiu identificar marcas lingüísticas recorrentes, tais como o uso de possessivos que expressam uma forte necessidade de que

determinadas condições familiares que eles vivem no mundo exterior sejam substituídas pelas idealizações que constroem em seus mundos interiores. Outros recursos léxico-gramaticais utilizados pelos jovens, referentes às relações de significado, foram conectores lógicos, tais como “porque”, “mas”, “aí”, cujos empregos, mais que significar uma conectividade sequencial no interior do texto serviram como um pilar de sustentação da intenção de cada um dentro da mensagem veiculada em seus discursos, ora de dissimulação com relação ao comportamento dos pais, ora para camuflar a fragmentação existente na base familiar.

Quanto ao estudo do que assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente, o que se constata é que não são apenas os pais de famílias menos instruídas que desconhecem os artigos do ECA, os responsáveis por muitas famílias que tiveram acesso à educação demonstram, por meio de atitudes reprováveis, que também não são conhecedores dos direitos de seus filhos como cidadãos em formação e como futuros transmissores de valores.

É chegada a hora de retomarmos a questão de pesquisa que balizou os rumos dos capítulos que configuram a presente dissertação: *A mudança na estrutura familiar tem afetado a construção identitária dos jovens?* Parece que sim, sobretudo porque os jovens representam, por meio de seu discurso, concretizado nos relatos, experiências de vida que oscilam entre o mundo físico (material) e o abstrato, ou seja, o mundo do ser. Nesse sentido, justifica-se o título proposto no trabalho, pois, quando se discutem os processos de mudanças discursivas, apresenta-se a idéia de que as alterações que vêm ocorrendo na malha social e que atingem o eixo familiar refletem-se no discurso dos jovens, cuja fala está em constante mudança, haja vista que os adolescentes são co-partícipes de todas as inovações que ocorrem no contexto sócio-lingüístico-cultural.

No mundo físico, aparece em geral um tipo de convivência com os pais marcado pela escassez de tempo e de excesso de ausência, o que deixa vazio o sentimento de pertença, de aconchego familiar e de proteção. O mundo abstrato é bastante marcado por escolhas lexicais e processos verbais que deixam transparecer um mundo que só existe no desejo, um desejo de uma unidade familiar que não se realiza, a não ser no plano da imaginação. Embora o estudo realizado seja de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), os processos relacionais, voltados para o mundo do ser, das relações abstratas parecem predominar no discurso dos 15 jovens entrevistados. Pesquisas futuras que lancem mão de instrumentos quantitativos poderão abrir horizontes que auxiliem na indagação sobre a presença desse processo de transitividade que marca o significado representacional da linguagem, sobretudo no discurso de um número maior de jovens adolescentes.

Os resultados obtidos na presente pesquisa constituem uma contribuição para a atual sociedade, no que concerne à importância do núcleo familiar como o primeiro e mais importante meio de veiculação de valores de que se tem conhecimento. A família continua sendo, principalmente nos dias de hoje, o alicerce mais forte na construção da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.M.O. [et.al.] (organizadora). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos em representações sociais*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2006.

_____. (2006). *Representações sociais da adolescência e práticas educativas dos adultos*. In: Angela Almeida... et al. (Orgs.), *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp. 142-3.

ATWATER, E. *Adolescence*. New York: Prentice Hall, 1988.

AUSTIN, J.L. *How to do things with the words*. Oxford, 1962.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. *A síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1986.

BAUER, W.M., GASKELL G. (editores). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 trad.

_____. *Identidade; entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. *Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação*. Temas de Psicologia, 2 (4), p.33-49, 1997.

_____. *Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico*. Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano, 7 (1), p.49-62, 1997.

BILAC, E.D. *Família: algumas inquietações*. In: CARVALHO, Maria de Carmo Brant de (Org.) *A família contemporânea em debate*. 2. ed. São Paulo, EDUC/Cortez, 1997.

BORGES, E.M. (UENF) e MOURA A.S. (UENF) *Ensaio sobre Charges e quadrinhos: construindo identidades*, Paz e Terra, São Paulo, 2004.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press 1990.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. Volume II. 3 ed. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A tradução, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de dezembro de 1988*. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação brasileira).

CRUZ, L.R. *(Des) articulando políticas públicas no campo da infância: implicações da abrigagem*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

CUNHA, M.A.F.; SOUZA, M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 (Tópicos em Linguagem).

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics* 2 ed. New York/London: Continuum, 2003.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Ed. Artes Médicas Sul. RS, 1985.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE COMENTADO: *Comentários Jurídicos e Sociais*. Coordenadores: Munir Cury, Antônio Amaral e Emílio mendez. 3 ed. Malheiros, SP, 2000.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London and New York: Longman, 1989.

_____. *Discurso e mudança social*. Coord.trad.téc. e pref. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001 (Discourse and social change, 1992).

_____. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London and New York:Routlege, 2003.

_____. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. **In:** WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

_____. *Analizando discursos: análise textual para pesquisa social* trad. (coordenação professora Josênia Antunes Vieira), Brasília-DF, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, T. *Família e saúde mental*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1992.

FORTE, M.J.P. *Relação assistente social – adolescente in MAAKROUN, M.F.tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro, 1991, cap.3, p.228-32.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *A arqueologia do saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. L.M.P. Vassallo. 6ª ed. Petrópolis:Vozes,1988.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. *Manual de lingüística sistêmico funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan: aplicaciones a la lengua española*. 1ª ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, Argentina,2005.

GOMES, J.C.V. *Manual de psicoterapia familiar*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GONÇALVES, H.S. *Infância e violência no Brasil*. R.J.: NAU Editora/FAPERJ, 2003.

GUIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

HABERMAS, J. "Ações, atos de fala, interações mediadas pela linguagem e mundo da vida", in *Pensamento Pós-metafísico*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1990.

HALL, J. K. "(Re-) creating Worlds with Words: a sociohistorical perspective of face-to-face interaction". *Applied Linguistics*, 1995, vol.16, p. 206-232.

HALL S. *Identidade cultural na pós-modernidade*, (trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro 4 ed.). Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

HALLIDAY, M.A.K. *As Bases Funcionais da Linguagem. In: Concepções Gerais da Teoria Lingüística*. Marcelo Dascal org. São Paulo, Global, 1978

KALOUSTIAN, S. (Org.) *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo, Cortez, 1994.

MAGALHÃES, I. DELTA vol.21 no spe. São Paulo, 2005.

MINUCHIN, S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, A. Z.: *Ensaio sobre os discursos que geram poder e constroem (re-) constroem as identidades sociais*. UFRJ, 2003.

OSÓRIO, L.C. *Adolescentes hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RIBEIRO, M. S. *A questão da família na atualidade*. Florianópolis, SC: Ioes, 1999.

SCHUTZE, F. *Die Technik des Narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien – Dargestellt an Einem project zur Erforschung von Kommunalen Machtstrukturen*. Unpublished manuscript, University of bielefeld, Departmente of Sociology, 1977.

SEARLE, J.R. *A taxonomy of illocucionary acts in language, mind and knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1976

SETTON, M.G.J. *Família, escola e mídia: um campo com novas configurações*. In: *Educação e Pesquisa*. v. 28 n.1 São Paulo ene./jun.2002.

SILVA, M.S. *Presença de ansiedade em adolescentes, relacionada à separação de pais biológicos*. *Psico*, 9 (2)-9-65 (1984).

SILVA, D.E.G. *A oralidade no discurso narrativo de adolescentes*. Tese de Mestrado em Lingüística. Brasília: UnB, 1991.

_____. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Plano Editora; oficina Editorial do Instituto de Letras, 2001.

_____. *Gramática e contexto na perspectiva funcional do discurso*. In: *Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas*. Org.: _____ et al. Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

_____. *Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília, DF. 2005.

_____. *Identidades enfraquecidas versus cidadania cultural*. Palestra proferida no Colóquio Internacional Cidadania Cultural: Diversidade cultural, linguagens e identidades. Campina grande: UEPB, 2007.

SOUZA, A.M.N. *A família e seu espaço: uma proposta de terapia familiar*. Ed. Agir, 1985.

STANHOPE, M., LANCASTER, J. *Enfermagem comunitária: promoção de saúde de grupos, famílias e indivíduos*. 1ª Ed. Lisboa, 1999.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, R. J: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T.A. *Ideologia, uma aproximación multidisciplinaria*. Gedisa, Barcelona, 1999.

VELHO, G. *Família e Subjetividade*. In: *Pensando a família no Brasil da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, UFRR, 1987.

VEZZARO, C.L. *Violência familiar é autorizada pela sociedade* Envolverde: revista Digital de Ambiente, Educação e Cidadania (acesso em 18/10/2007)

WAGNER, A., RIBEIRO, L, ARTECHE A. et al. *Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes*. Psicologia Reflexiva Crítica. Porto Alegre, v.12, nº 1, 1999.

WODAK, R. *De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos*. In: —; MEYER, Michel (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.

ANEXO

Documento de língua oral
(transcrições das entrevistas)

Transcrição

((O que é família pra você? Como você vê uma família?))

“ Hãã... família pra mim é... como...assim uma pessoa que você pode contar, pessoas que você ...tem sempre na hora que você precisa, que te ajudam a enfrentar os problemas diários, ‘né’? Você ...uma mãe, um pai, enfim, que, claro, tem as suas discussões, mas ...sempre tenta conversar e...tenta é : ... levantar, sabe? Tenta resolver os problemas discutindo... é : ... te ajudam mesmo.”

((Como você vê a sua família?))

“ É : ...vejo minha família como...(riso) uma normal. Moro com minha mãe, meu pai, minha irmã. É isso que eu falei, “né”? Tem sempre as discussões, mas... a gente acaba se entendendo no final e, enfim, tenta se unir pra...como é...resolver os problemas mesmo e...é isso...com muito amor... e tal.

((Como você percebe o seu papel em família? A sua atuação como filha, como irmã, como é que “ce” acha que é?))

“Ah... eu acho que você deve tentar é : ... conciliar assim... às vezes, quando os pais brigam por causa de você, por causa dessas coisas, que é o que mais acontece, “né”?

Ou então... é...tentar não brigar tanto assim... com irmão, essas coisas... tentar assim... não tentar gerar mais conflitos, “né”?

((Você acha que às vezes, em algumas circunstâncias você é...a geradora dos conflitos?))

“Às vezes sim... (riso)”

((Por exemplo, que circunstâncias?))

“Ah, coisas...tipo que eu quero sair, aí fala que não dá e começa a gerar problema...(riso) essas coisas...”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Poderia mudar a minha relação com a minha irmã.”

((Com a sua irmã?))

“É!”

((Mais velha ou mais nova?))

“Mais velha.”

((Por quê?))

“Porque... a gente não se entende (riso). É muito difícil. A gente tem 5 anos de diferença e ... assim... a gente discute, nunca as idéias batem, aí eu...já reclamo, ela também e aí gera briga e acaba minha mãe entrando no meio pra tentar separar e... acalmar, mas... eu acho que eu mudaria isso.”

((São só vocês duas?))

“É.”

((Ela tem vinte, então...))

“Tem.”

((Ahh... Você já teve medo de perder o amor da sua família? Quando? Em algum momento você pensou: Meu Deus! E se eu perder o amor da minha família?))

“Já. (riso)”

((Quando?))

“ (riso) Ah...não sei... Já, mas... da minha irmã também, mesmo. Que às vezes eu acho que... não tem sentimento. Assim... a gente só convive ali porque é obrigado, entendeu? Mas... Ah, não sei.

((É fora isso? Alguma outra situação?))

“Não. Eu acho que... a gente já passou assim... por um ... problema muito sério (riso) mas... que ... no fundo eu vi que ... nesse período eu pensei, mas aí depois, quando eu vi a reação dos meus pais com o que que aconteceu...

((Você fez alguma coisa muito errada e eles ficaram chateados. É isso?))

“É. E aí eu vi que realmente, sabe, eles “tavam” ali pra o meu bem, sabe? Querendo é : ... me ensinar mesmo. O lado bom e o lado ruim.

((Você fez alguma coisa ruim que pensou que eles não fossem perdoar, é isso?))

“É, algo assim.”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Eu imagino (riso)... eu vou tentar ser do tipo que melhora... assim, ver o que que tava de errado na minha, pra poder consertar e fazer quando eu tiver a minha família, própria família.”

((O que ,por exemplo, você acha que faria diferente?))

“ Coisas ah... tipo a educação. Algumas coisas na educação eu mudaria, assim quando, assim, eu tiver meus filhos, essas coisas. Acho que é isso.

((Do tipo? Mais diálogo, deixar chegar mais tarde?))

“Não... é... não sei. É: diálogo acho que tem bastante, mas... desde o começo, agora, foi agora que a gente começou a ter mais diálogo, antes não tinha tanto. Exatamente depois do que aconteceu que a gente começou a ter uma relação mesmo de pais e filhos.

((Passaram a conversar mais.))

“É.”

((Então, seja lá o que for que tenha acontecido, foi uma coisa boa.))

“Acabou sendo bom, agora ‘tá’ ótimo.”

((Que bom!))

“ Tirando a minha relação com a minha irmã. (riso)”

((Então “tá” bom))

Transcrição

((Gabriela, o que é família pra você?))

“Bom, é você estar reunido com pessoas que você gosta ou que te criaram, quando te criaram e ... pessoas que você gosta assim... seus avós, sua mãe. Só isso. É isso que eu acho.”

((Como você vê a sua família?))

“/xxx/ Minha família, assim... muito religiosa. Eles são evangélicos, aí...tem certo rigor... São muito rigorosos com certas coisas. Aí eu não...”

((Você acha que são muito rígidos, mas preocupados.))

“É. Tipo se preocupam bastante com o meu futuro aí... /xxx/ essas coisas que eu acho deles.”

((Como você percebe o seu papel em família? Como filha, como irmã?))

“Ó.. eu... assim... eu não sou muito relacionada com os meus irmãos, porque eles são de outro casamento do meu pai, o primeiro casamento dele, o meu pai casou três vezes, aí... tipo eu não vejo muito eles, eu vejo alguns finais de semana, mas... quando a gente”

se vê, a gente fica muito junto. A gente tem um relacionamento muito bom. Eu só não tenho um relacionamento muito bom com a minha mãe, porque a gente briga um pouquinho demais. Acho que a gente... podia brigar um pouquinho menos, mas é meio difícil, porque ela pensa certas coisas, eu penso outras, a gente não bate nossas... idéias. É, a gente não bate muito bem.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê?))

“Ah... eles serem um pouquinho menos rígidos comigo. Porque... minha mãe mesmo, ela não confia em mim, ela é muito rígida comigo. Ela ...encrenca com meus amigos, encrenca com tudo, praticamente com tudo meu.”

((Você já teve medo de perder o amor da sua família? Quando?))

“Ah, quando eu fui estudar num colégio interno, que eu...”

((Você já estudou em colégio interno??))

“Já.”

((Onde?))

“No IABC, perto de Anápolis.”

((Você ficava direto lá?))

“Ficava. Só vinha no final de semana pra cá. Aí eu tive um pouco de medo, porque eu quase não via eles. Aí eu ficava pensando: Ah, será que eles ainda gostam de mim?”

((Oohh, meu Deus...!Como você imagina a família que você vai formar?))

“ Ah, sei lá (riso)! Eu pretendo ... primeiro me preparar, “né”? Estudar, me formar, depois eu penso em ter família... porque eu quero dar uma boa vida pra minha família.”

((E que tipo de mãe você se imagina?))

“ Ah... uma mãe um pouco mais liberal do que a minha mãe é agora, porque como a minha mãe não gosta de várias coisas... mas... eu não vou me importar muito com coisas assim... qual é a roupa que minha filha ou meu filho quer usar. Se quer escutar música de outras coisas sem ser evangélica, tanto faz...”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Ah... são as pessoas que “tão” comigo toda hora, que me apóiam sempre, é a minha base...assim...é ...minha vida.

((Como você vê a sua família?))

Como...pessoas maravilhosas que... “num”...eu não consigo viver sem.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha, como irmã?))

Ah... quando eu tenho que ...ajudar a minha irmã, “né”? Fazer as minhas obrigações, dar satisfação pra minha mãe...”né”? Dar carinho pra ela também, porque ela precisa...é...ficar com a minha avó...essas coisas.

(Ela interrompe bruscamente)

“Eu acho que eu sou uma boa filha, uma boa irmã...mas...assim...acho que...eu falho às vezes, entendeu? Deixo a desejar um pouco.

((No que você acha que você deixa a desejar?))

“Ah... quando eu às vezes “tô” com uma vontade de fazer alguma coisa, trato mal, essas coisas.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Ah... ‘num’ mudaria nada não... talvez só... com a minha mãe... com meu pai, na verdade, porque eu e meu pai...assim... a gente “não se bate muito”, que eu acho, ele às vezes é um pouco grosso demais... e... não sabe conversar...essas coisas. Só mudaria com ele. Mudaria ele.É isso!”

((Como é que você gostaria que ele fosse?))

“Do jeito que ele era há um tempão atrás... assim... uma pessoa mais calma,... é... que num tivesse assim... sempre de mau humor.

((Ah, ele era calmo e mudou. É isso?))

“Mudou! Não tivesse sempre de mau humor... porque ele “tá” assim: de segunda a segunda de mau humor.

((Mas por que que ele...))

(Interrompe, novamente, bruscamente)

“Ah, não sei! Acho que é problema na empresa dele e tal. “Tá” indo mal, “ai” ele “tá” sempre irritado... não tem paciência com nada, não faz nada... essas coisas.

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Não, nunca tive não.”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Eu imagino e eu quero que seja igual...à que eu fui criada.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Família... pra mim é... tipo todo mundo que te viu nascer... que você gosta...que “tá” sempre com você..que te ajuda quando você precisa...que te dá proteção... assim...

((Como você vê a sua família?))

Eu vejo... assim... como a de todo mundo... só que meus pais brigam muito, não se entendem e...tipo... quando “tão” em casa, brigam mais do que...não têm tempo pra mim... trabalham muito e brigam muito.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha, como irmã?))

Eu não falo muito com os meus pais... “tipo”...eles não ficam muito em casa...eu fico mais com o meu irmão...eles perguntam só de nota... “lance” de escola... de namorada...essas coisas... a gente só conversa mesmo, de verdade, de vez em quando.

((Então você não tem muito diálogo com os seus pais.))

“É.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você, além da questão do diálogo? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Eu acho que...de repente... falar mais. Eu acho que... ter mais relacionamento....comigo e com o meu irmão. A gente vê televisão de vez em quando, todo mundo, mas o normal é cada um “tá” no seu canto.. É, eu acho que é isso mesmo...

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Eu nunca tive, porque eles sempre foram desse jeito. Eles trabalham pra ajudar a gente, mas é daquele jeito deles mesmo. Eu nunca pensei que um dia ... eu nunca tive medo mesmo...assim...de perder o amor deles, porque a gente nunca brigou por coisa muito séria... tipo “lance” de droga..de mentira...coisa do tipo “sinistra” mesmo... mas amor mesmo... não sei se o jeito deles é o certo...acho que cada pai tem o seu jeito... é... É isso...

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“Eu imagino assim... “tipo” com pai e mãe...no dia- a- dia... junto... participando de tudo... sem ficar “tipo” perguntando tudo, que é muito chato,...mas participando da vida deles... “tando” junto mesmo... mais ou menos isso mesmo...

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Professora...é meio complicado...a minha família é muito complicada. Eu não vivi com os meus pais quando eu era pequeno. A minha mãe e o meu pai...eram namorados quando eu nasci. Eles não ficaram juntos...e a minha mãe e ele não quiseram cuidar de mim...a minha mãe queria ser médica e me deu pra minha avó me criar. Eu morei com a minha avó até os sete anos...e...aí...um dia...eu tava vendo televisão e ela me chamou e disse... “meu filho, eu te amo muito...”...daí ela...foi pro quarto e morreu. Meu pai tava casado e eu fui morar com ele, mas não deu muito certo, porque ele casou mais duas vezes e eu não “batia” muito com as mulheres dele. Depois... eu fiquei ...sem querer continuar com ele...então eu hoje “tô” morando com a minha mãe.

((Como você vê a sua família?))

“É difícil explicar...porque..eu fiquei pouco tempo com cada um..cada hora com um..assim tudo dividido...não era aquela família igual...com todo mundo vivendo junto...eu acho que a minha família era a minha avó...mas daí...aconteceu aquilo com ela... então...eu não sei muito bem falar de família...sabe? A minha é muito diferente.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

Eu acho que eu fui um filho normal...eu não tiro notas boas, porque eu acho que eu não “dô” muito pra estudo não...meu irmão repetiu o ano passado e eu acho que o meu outro irmão vai repetir esse...então eu acho que eu não sou um filho assim...do jeito que a minha mãe queria...que ela á muito estudiosa...lê muito...ela é médica...mas eu também não sou assim de brigar...entrar em briga de “galera”...é isso...

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Eu acho que eu mudaria quando eu era pequeno...assim... eu não sei o que é viver todo mundo junto...a família toda junta...eu queria que a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos vivessem todo mundo junto...é...eu acho que mudaria isso... não sei como seria...”

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Eu nunca pensei nisso...porque...como eu falei...eu nunca tive mesmo uma família unida...do tipo todo mundo junto...então eu nunca tive um amor de família de verdade...porque...você só tem medo de perder se você tem...entende?”

((Como você imagina a família que você vai forma no futuro?))

Diferente...diferente da minha...

Transcrição

((O que é família pra você?))

Família é...Ahhh...é amizade, companheirismo...

((Como você vê a sua família?))

“Esforçada. Acompanha na escola ... e tudo.”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

“Eu acho que eu deixo a desejar. O meu pai e a minha mãe me cobram mais estudo.

Eles brigam comigo, me colocam em reforço escolar...eles me cobram mais estudo, mas eles não ficam em casa, não. Eles trabalham...trabalham muito.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Só estudar mais. É isso que a minha família me cobra. Eu não tenho notas boas, normalmente. Eles brigam, reclamam, mas eu não sei... eles se preocupam, mas não ficam muito comigo não.”

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Quando a minha mãe...deu um negócio na cabeça, um tumor, e ela não queria fazer cirurgia de jeito nenhum. Aí a família deu força pra ela e ela fez cirurgia. Eu achei que ela fosse morrer, mas acabou que deu tudo certo.”

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“Educada. Igual à família que eu tenho, mas eu quero ficar muito tempo com os meus filhos, cobrar, ter...tipo atenção... como os meus pais têm comigo...mas ficar mais tempo com eles...porque a gente sabe melhor... “né”... o que acontece com eles... é só isso mesmo.

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Bom, a primeira coisa que vem na minha cabeça é... são os meus avós... minha mãe. Mas eu acho que...tipo família tá em tudo, “né”, nos laços de amizade, nos amigos...

((Como você vê a sua família?))

“Ah ... “tipo”...eu moro só com a minha mãe aqui, minha família “tá” longe. Meus pais são separados. Eu não conheço meu pai. Eu acho que a minha família aqui é só minha mãe. Eu não conheço meu pai porque eles nunca foram casados, ahh...é um grande rolo! “Tipo” minha mãe conheceu meu pai quando ela trabalhava na Caixa lá em Santa Catarina... daí minha mãe namorou o meu pai... daí eles tiveram problemas ...daí eles se separaram. Daí minha mãe nunca mais ficou sabendo, “tipo” ele não sabia que minha mãe tava grávida.Ele não sabia que eu existia. No ano passado minha mãe foi procurar ele, porque eu tava sentindo muita falta. Daí eu falei com ele a primeira vez dia 06/06/2006, eu só conheci ele por telefone. Foi uma emoção diferente, que não dá pra falar... Eu quero falar com ele pessoalmente. Eu sei que ele tem trinta e oito anos, ele é mais novo que a minha mãe, ela tem 42..

((Você tem planos de conhecer seu pai pessoalmente? Como vai ser?))

Ahh...tenho! Só que vai ser lá pro final do ano, ele tá no Canadá agora. O Pai dele morreu e só tem a minha avó, agora, que eu também não conheço. Eu sei também que ele não casou, ele não tem outros filhos.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

“Eu ajudo, mas eu acho que eu precisava ajudar mais. Porque, como só tem eu e a minha mãe, eu sou a única pessoa que ela tem e ela é a única pessoa que eu tenho. Eu acho que podia ser melhor...principalmente nos estudos. Eu acho eu poderia estudar mais... muito mais!

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

Eu acho que a minha mãe, porque, uma vez que a gente brigou, ela queria mandar eu pra morar com o meu pai. Ela falou que não agüentava mais e que ela ia mandar eu pra morar com o meu pai. Eu acho que esse foi o principal motivo que eu tive medo de perder o amor dela. Ela ficou muito brava com as minhas notas, foi só questão de estudo...(risos)”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“ Eu...Ahh...Eu acho que eu estudaria mais, é só isso que “tá” faltando mesmo.

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“Ahh...eu quero ter gêmeos! (risos)...Sei lá...eu queria ter um pai pros meus filhos...eu queria...sei lá...é muito difícil uma família sem um pai, eu quero que os meus filhos tenham um pai...eu quero uma família unida.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Família é ...a base de todo profissional...por exemplo...um grande profissional teve uma família boa...assim.....Então a família é importante pra pessoa.

((Como é a sua família?))

“(risos) É grande... bagunçada... (risos) ... mentira, bagunçada não é, mas é grande, normal, com todos os problemas que uma família tem.Família separada, “tipo” meus pais são separados, então eu tenho duas famílias. Meu pai... casou de novo e teve outros filhos. Quando eu nasci, meus pais já eram separados, eles não comentam, mas é porque eles não “batiam” muito bem assim...não combinavam.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha?))

“(risos) Bem... boa filha eu acho que eu sou, mas eu não sei se eu sou boa irmã não..É porque eu não falo muito com eles não, eles são muito distantes, “tipo” todos os filhos do meu pai são de mulheres diferentes, porque o meu pai, sabe, ele casou várias vezes. São quatro filhos: eu com mais três. Eles não me procuram muito não, só o mais velho, que é do primeiro casamento.

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Nada, acho que eu deixaria como está.”

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Não, eu sempre conheci a minha família como ela é ...e...a gente é uma família dividida em muitas, mas eu já estou acostumada com ela assim. Eu nunca tive medo de nada, não.”

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“ Família grande, eu quero família grande.. e alegre...assim...bem alegre, tradicional, com um bando de neto andando, assim, quando eu ficar velha... atrás de mim.

Transcrição

((O que é família pra você?))

“ Pô...minha família pra mim é ...meu pai e minha mãe e...os meus familiares também.

((Como é a sua família?))

“Pô...eu moro só com a minha mãe.Ahh...eu vejo meu pai ‘tipo’...toda semana eu vejo meu pai...e...com a minha mãe todo dia. Só isso...meu pai mora no Lago Sul. Eles se separaram tem cinco anos...e ele não casou de novo. Já a minha mãe.. ‘.tá’ namorando. Eu até aceito...mas eu não gosto dele não. Eu acho ele ‘ folgado’. O meu pai...eu acho que ele nem sabe que ela ‘ tá’ namorando. Se eu pudesse escolher...ela não ‘taria’ com ele não, mas não tem jeito. O meu pai e a minha mãe brigavam muito quando ‘tavam’ juntos, não tem mais volta não..

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

“ Eu sou filho único, mas eu acho que deixo a desejar...às vezes...só na parte de nota. É que eu não gosto de estudar...nada!! Nenhuma disciplina... e eu sempre fui assim.(risos)

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“Nada. Eu acho que ‘tá’ bom assim...”

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Não que eu me lembre. É... eu acho que ‘num’ tive nunca não.”

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“Ahh...não sei, não tenho nem idéia. Talvez casado e com dois filhos, no máximo.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Eu moro com a minha mãe. Meus pais são separados e eu preferi ficar com a minha mãe... ‘tipo’... eu ‘sô’ muito mais apegada com a minha mãe e mãe a gente só tem uma. Assim...vale muito mais do que pai...assim... na minha opinião...entendeu?Mas eu vejo meu pai com frequência...assim...sempre.

Família eu definiria como...companheirismo.

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha?))

“Olha...eu não ‘vô’ falar que eu sempre fui a melhor e tal...eu já deixei a desejar sim...com os meus irmãos Eu acho que eu não ‘dô’ muita atenção pra eles não.

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que não é tão perfeito? O que poderia ser melhor?))

“ Eu não mudaria nada. Aos meus olhos nenhuma família é perfeita e...a minha ‘tá’ muito boa já. Com todos os problemas...mas ela ‘tá’ muito boa.

((Você já teve medo de perder o amor de sua família? Quando?))

“Hmmm.....não. Eu nunca tive. A gente tem os nossos problemas normais, mas eu nunca tive.

((Como você imagina a família que você vai formar no futuro?))

“Uma família unida. É a única palavra que poderia definir.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Hãan? Família? Ah, pai, mãe, irmão, cachorro, todo mundo... avó, avô, tio... essas coisas. Gente cuidando de você, conversando, entende? É isso, não sei mais...”

((Como você vê a sua família?))

“Minha família? É que nem a de muito amigo meu: o pai separou da mãe, eles ficaram vendo o pai deles de vez em quando, ‘tipo’ nos finais de semana. Eu... ‘tipo’ não sei muito bem explicar. Eu acho que...a gente não é diferente de muita família que eu conheço...muita família de amigo meu.”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

“Eu me acho normal. Com meu pai a gente conversa nos finais de semana, ‘saca’? Meus pais são separados....eu moro com a minha mãe, aqui na Asa Sul. Eu estudo, faço futebol, jogo bola com os meus amigos...não gosto muito de estudar algumas matérias, saca? (risos) Mas eu ‘sô’ um garoto normal, da paz. Minha mãe briga mesmo é porque eu não estudo, mas o meu pai é só no final de semana. Eles brigam muito por causa desse negócio de separação. Eles brigam tanto, que mal têm tempo pra mim. Só minha mãe, que se lembra de mim pra brigar.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Eu queria que todo mundo se entendesse. Queria que fosse que nem quando eu era pequeno: meu pai casado com a minha mãe. Eu sei que eles dizem que assim é que ‘tá’ melhor, mas eu não acho. Sempre quando a gente cresce, parece que as coisas ficam mais difíceis. Mas eu acho que é assim mesmo, né?”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Eu não sei. Eu nunca pensei. Eu só sei que eu vou querer ficar casado. Do ‘tipo’ família normal, ‘saca’? Pai, mãe, filhos. Quero ser diferente dos meus pais. É...acho que é isso.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Ahh...é gente que vive com você...come com você... dorme junto... passa o Natal todo mundo junto... essas coisas...ahh...tipo eu não sei dizer muito bem...”

((Como você vê a sua família?))

“Como a de todo mundo...ué... meu pai e minha mãe não vivem mais juntos...eu não gosto...eu acho que é difícil...a gente...nós todos não queremos ser felizes com nossas famílias?”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filho?))

“Eu fico mais ‘na minha’. Toco violão, converso com a minha mãe. Não ‘dô’ muito trabalho não.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Eu ia querer ter irmão, ‘saca’? Ia querer que meu pai ainda ‘tivesse’ morando com a gente...essas coisas.”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Normal...que nem a minha...só que com pai e mãe junto.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“São seus pais, seus avós, seu cachorro...(risos)...seus irmãos, tios, parentes...todo mundo!”

((Como você vê a sua família?))

“Hmmm...uma família pequena, com mãe. Meus avós não moram aqui e meu pai mora sozinho...assim...ele é separado ‘saca’? Então... ‘sô’ só eu e a minha mãe.”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha?))

“Normal...eu ajudo a minha mãe...estudo normal. Às vezes eu tiro nota baixa...mas...normal minha mãe entende...sem grandes traumas.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Hmmm...ter uma família maior. Só isso. Pronto!”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Ahhh...eu nunca imaginei. Nunca pensei”.

Transcrição

((O que é família pra você?))

“Ahhh... as pessoas mais importantes da sua vida.”

((Como você vê a sua família?))

“Uma família que trabalha muito. Meu pai é médico e eu sei que ele trabalha muito. Eles agora ‘tão’ separados, mas quando ele vivia com a gente nunca tinha hora pra chegar em casa.”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha?))

“Eu ‘sô’ do tipo que sempre pergunta pra mãe como é que ela ‘tá’... me preocupo com ela. Eu acho que eu não posso me considerar exatamente um problema. Meus amigos são normais. Eu nunca dei muita dor de cabeça, não.”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Ahhh...deixa eu ver... morar a família toda junta, que nem em novela...todo mundo brigando...mas junto.”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Quase igual à minha.”

Transcrição

((O que é família pra você?))

“União... as pessoas se ajudando... trocando umas ideias...isso aí.”

((Como você vê a sua família?))

“Eu vejo como ...nada de especial. Eu e meus pais somos pessoas normais.”

((Como você percebe o seu papel em família? Sua atuação como filha?))

“Eu faço companhia pra minha mãe quando não ‘tô’ ocupado. Saio de vez em quando com a ‘galera’... converso...essas coisas. Minha mãe só briga quando eu chego muito tarde da ‘balada’, das ‘night’, ‘saca’?”

((Você mudaria alguma coisa na relação da sua família com você? O quê? O que você acha que poderia ficar melhor?))

“Ahhh...seria melhor se os meus pais não ‘tivessem separados’.”

((Como você imagina a família que você vai formar?))

“Uma família grande, cheia de histórias.”

Documento de língua oral 16: Entrevista orientadora educacional (42 anos)

02/04/07

Entrevista

((Ana, quais são os maiores problemas que os adolescentes enfrentam hoje, na sua opinião?))

“Eu acredito... Eliane... que os jovens hoje têm muita informação com essa alta tecnologia. Eu acho... que eles acabam se perdendo um pouco... não conseguem focar no que é realmente necessário. Eu acho... que um outro ponto que eles também vivem muito hoje é... a questão da separação dos pais. Hoje em dia, infelizmente, a questão do número de divórcios é cada vez maior, ou filhos que não conhecem pais, “né”? São filhos de mães solteiras... que não conhecem...isso acaba deixando eles inseguros. Eu acho que a gente hoje...” tá” vivendo muito não só a questão da separação dos pais, mas das famílias reconstituídas... eu acho que isso...dependendo da relação que a família tem... “né”... eu acho que os pais disputam muito os filhos.É um falando mal do outro... os filhos perdem essa referência... às vezes eles são criados pelos avós ou vivem em famílias “ né”, já novamente constituídas, e nem sempre têm uma boa relação em tudo isso aí. Outra coisa que eu percebo também “né”... é a questão das verdadeiras amizades... eu acho que eles sentem muita falta disso... se sentem muito sozinhos ou às vezes encontram amigos que... “ né”... só chamam pras coisas ruins e não pras coisas boas.”

((Quer dizer, como eles não têm o pai dos pais, eles procuram o apoio fora.))

“Com certeza!”

((E normalmente pessoas que não têm uma base familiar ou valores que possam passar de positivo, né?))

“Com certeza, o que eu mais vejo é isso. Às vezes os alunos falam também... assim... a questão das verdadeiras amizades que eu falo, é... porque... às vezes eu sinto muito assim, Ah, Ana Maria, eu não posso ser bom, eu não posso ser estudioso, eu não posso ser religioso, porque senão... os colegas me excluem do grupo. Eles falam ah, deixa disso...Infelizmente! Quer dizer... se esse adolescente não tem realmente uma boa relação com a família, ele não tem essa base na família, ele se perde, porque... nessa idade... eles ouvem muito mais os colegas do que a própria família, se ele não tiver realmente uma base... ele vai... pro mundo das coisas ruins, “né”? Ele realmente se perde.

((Principalmente porque hoje os valores estão todos invertidos, então o que antes era considerado correto e era elogiado, hoje é o contrário.))

“Infelizmente. Cada vez mais,” né”? E a questão da auto-estima, eu percebo muito que os jovens hoje não acreditam na capacidade deles. E eles falam muito assim... ah, Ana Maria, meus pais não acreditam em mim, ou às vezes meu pai... Hoje mesmo eu atendi alguns alunos que falaram assim: Ah, meu pai... minha mãe, Ana Maria, só fala assim: pra mim: Tirou nota boa? Não fez mais do que a obrigação. Quando eu tiro nota ruim

ela me bate, ela me coloca de castigo, ela me deixa sem sair de casa... É doído mesmo a gente escutar assim: “Não fez mais do que a obrigação!”

((Os do ensino médio ainda apanham? De mãe e de pai?))

“Às vezes sim... mais castigo: deixam de sair, o pai desliga a Internet, não podem ir pra festa...então... eles se sentem realmente desmotivados com relação a isso. Eu vejo muito a questão da falta de diálogo em casa, “né”, que a gente percebe que... infelizmente... tem muito, a questão da espiritualidade, eu atendi alguns casos em que o aluno falou: eu não acredito em Deus, eu não tenho Deus na minha vida, eu nunca frequentei a igreja. Eu ouvi de uma família hoje, inclusive junto com a aluna, dizendo isso. E a mãe falando que o erro foi dela, que deixou a filha crescer para escolher a religião e agora ela não tem vontade de ir à igreja. Não uma base religiosa em algumas famílias. Hoje mesmo eu falei isso pra uma aluna, que enquanto a gente tem Deus na vida da gente, “né,” a gente consegue encarar as coisas de uma outra forma. Então... infelizmente... eu percebo muito isso, e às vezes a gente fica impressionado. Tem também o problema do tempo pra acompanhar a vida escolar dos filhos, que muitos não têm, eles precisam trabalhar pra sobreviver, e tem aqueles que querem ganhar sempre mais, quanto mais têm mais querem, e os filhos ficam em segundo lugar. E os adolescentes cobram, eles falam: Meus pais não têm tempo pra mim, meus pais estão sempre viajando, meus pais me deixaram sozinho, me deixaram com a minha avó. Então... o que é que eu percebo? No fundo os filhos gostam que os pais olhem a agenda, que os pais perguntem onde eles estavam, com quem eles estavam. Eu acho que nessa idade os pais acham que eles são grandes, que são adolescentes, que já são grandes, que eles têm que se virar. E infelizmente nem todos... “né”... têm essa autonomia pra “tá sabendo se virar.

E... além disso... tem a questão das drogas. Um aluno me disse um tempo atrás assim: Ana Maria, é mais fácil alguém me oferecer maconha num bar do que um copo de cerveja. Os jovens ainda enfrentam esse problema todo das drogas, “né?” Quando o menino ou a menina não tem um relacionamento bom em casa, muitas vezes ele procura as drogas... “ né”... infelizmente... é isso que a gente “tá” vendo. Os adolescentes não sabem dizer não para os colegas, então eles preferem “ir na onda”, eles têm medo de ser excluídos pelo grupo, essas coisas, né? Como eu falei, os bons alunos são criticados, né, são ‘nerds’, são ‘cdfs’ então eles não querem ficar fora do grupo.”

((Na sua opinião, quais são as maiores queixas dos pais em relação aos filhos?))

“A questão que os filhos não querem nada... não querem estudar... só querem assistir televisão, Internet, namorar, descer na quadra pra brincar com os colegas, bater papo, as noitadas, enfim..Internet pra fazer pesquisa nunca, só pra bater papo, namorar, Orkut... MSN... eles querem tudo o que eles vêem na mídia ou tudo o que os colegas têm. “Ah, mãe, eu tenho doze anos e ainda não tenho celular, tem menino da Educação Infantil que tem e eu ainda não tenho...Outra queixa que eu ouço muito também é que eles vivem num mundo isolado... eles ficam só dentro do quarto, porque os pais não querem diálogo, é só monólogo. Outro dia mesmo... eu ouvi um aluno dizer que na casa dele não tinha diálogo, era só monólogo: os pais falavam e ele ouvia. Então eu percebo muito que o jovem prefere se isolar, se não tem diálogo, ele se isola, vai pro quarto, pro mundo da Internet... eles muitas vezes não recebem a atenção dos pais porque os pais não tiveram, a gente não recebe o que os pais não podem dar. Então... a educação que os pais receberam foi aquela... e eles acabam reproduzindo a mesma educação. A

questão do hábito de estudo, eles falam mesmo, que eles não têm, às vezes o pai estuda, tem pós-doutorado, lê, compra revista, entrega jornal pro filho do terceiro ano ler e ele diz: “ Ai, pai, não gosto de ler jornal, jornal é coisa suja.” Às vezes os pais são leitores, são estudiosos, são exemplo em casa, e os filhos não querem. Outra coisa também é que eles têm muita dificuldade em cumprir uma rotina, eles não querem, acham chato, acham cansativo, não gostam. Outra coisa é que eles não são persistentes, eles querem uma coisa hoje e amanhã eles não querem mais, eles tão sempre mudando de opinião e de gostos.

((E em relação aos filhos? Quais seriam as queixas mais freqüentes? Do que é que eles reclamam em relação aos pais?))

“Eu ouço muito assim: ‘Meus pais só trabalham, só ficam viajando... não têm tempo pra mim’ A prioridade deles é só o trabalho. Os pais separados... o pai só liga pra perguntar: “Como é que estão as notas? Já saíram as notas”? E ...quando os pais são separados o filho vira joguete na mão deles. Eles falam mal de um e de outro pros filhos e ficam negociando...através dos filhos, sabe como é? Infelizmente os pais não percebem que as maiores conseqüências vão para os filhos. Tem pai que cobra só nota 10, mas não estuda com o filho, não vê o filho estudando, não dá apoio. Eles reclamam muito também que os pais são caretas, que não percebem que as coisas mudaram, que querem que eles vivam como na época deles...sendo que tudo mudou, sabe? Eles dizem que os pais não confiam neles.

((Você tem uma idéia do percentual de famílias reconstituídas aqui na escola?))

“Ahh...olha...separadas devem ser 60% e reconstituídas... em torno de 40% mais ou menos...não dá pra saber com certeza, porque a gente não conhece todos os casos, tem caso que a gente não fica sabendo.

((Que conselhos você daria pra essas famílias com as quais você trabalha? Como orientadora e como mãe, o que você diria pras elas?))

“Olha... a primeira coisa que eu sempre gosto de dizer é...tenha Deus como princípio de vida.Porque quando a gente tem Deus dentro da gente tudo é possível. Fale com Deus, agradeça pelo que você tem, pelo que você é.Quando a gente procura a igreja, quando a gente procura Deus ‘tá’ sempre preparado pra todos os obstáculos da vida. A vida é um eterno administrar de conflitos, não é sempre um ‘mar de rosas’. Não é só porque vocês são adolescentes que vocês vão passar por isso...nós que somos adultos também passamos... a vida é assim... o tempo todo. Falo também que quando eles brigarem com os pais...procurem se colocar no lugar deles. Às vezes eles têm razão mas não querem aceitar os pais só por causa daquela coisa de protesto.Às vezes eu até sei que o meu pai tem razão mas eu quero ser ‘do contra’, sabe? Eu falo sempre assim:Tente amar os pais enquanto ainda tem tempo, não esperem perder pra depois dar valor.Leia muito, estude muito, seja humilde, eu acho que a humildade cabe em todo lugar... faça boas amizades,cultive a cultura e o lazer e o esporte, saia pra dançar...não sei se eu falo isso porque eu dancei muito na minha adolescência... amo!!(risos), aproveite, viva bem o momento de hoje,plante boas sementes pra poder colher bons frutos amanhã, lute pelos seus sonhos :ter um bom carro,uma boa profissão, aproveite tudo que a vida lhe oferecer, seja no campo profissional, espiritual, aquela oportunidade que passou por você antes talvez não volte...Ser empreendedor

hoje é pensar no amanhã, saber aproveitar as oportunidades, acredite nos seus sonhos, saia pra dançar, cantar, viajar, conheça as pessoas, lugares, viva porque é muito bom!

Documento de autorização para entrevista feita com adolescentes do Centro Educacional La Salle, entregue aos pais dos alunos colaboradores da pesquisa.



CENTRO EDUCACIONAL LA SALLE

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas – ABEL
SGAS Q. 906 Conj. E C.P. 320 – Fone: (061) 443-7878
CEP: 70390-060 - BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

Srs. Pais/Responsáveis pelo
aluno _____

Esta carta tem o objetivo de solicitar a sua colaboração em minha pesquisa de mestrado cujo tema central é a família. Assim, gostaria de contar com a sua autorização para que seu filho participe de uma das etapas dessa pesquisa, respondendo a uma entrevista que será realizada na escola, no dia _____. Ressalto que o caráter da pesquisa é sigiloso e não haverá exposição do nome dos alunos ou dos familiares, apenas dos dados respondidos.

Caso haja necessidade de outros esclarecimentos para a autorização da participação de seu filho, deixo abaixo meus contatos.

Atenciosamente,

Prof. Eliane C. C. B. V. Fontenele

Fone: 33468644

e-mail: elianefontenele@yahoo.com.br